



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ALINE LAYANE SOUTO DA SILVA

**LILITH E MEDEIA:
MULHERES-PESADELO DA SOCIEDADE PATRIARCAL**

NATAL/RN

2021

ALINE LAYANE SOUTO DA SILVA

**LILITH E MEDEIA:
MULHERES-PESADELO DA SOCIEDADE PATRIARCAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Simon da Silva.

NATAL/RN

2021

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Silva, Aline Layane Souto da.

Lilith e Medeia: mulheres-pesadelo da sociedade patriarcal /
Aline Layane Souto da Silva. - 2021.
137f.: il.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem,
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2021.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Simon da Silva.

1. Medeia (Mitologia grega) na literatura - Dissertação. 2.
Lilith (Mitologia semítica) - Dissertação. 3. Luz del Fuego,
1917-1967 - Dissertação. 4. Arquétipo - Dissertação. 5. Mitologia
- Dissertação. I. Silva, Regina Simon da. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 82.091-055.2

ALINE LAYANE SOUTO DA SILVA

**LILITH E MEDEIA:
MULHERES-PESADELO DA SOCIEDADE PATRIARCAL**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Comparada.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Regina Simon da Silva
Orientadora

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Prof. Dr. Mauro Dunder
Membro interno

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Profa. Dra. Maria Mirtis Caser
Membro externo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

A todas as mulheres.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a minha mãe, Laécia; a minha irmã, Alane; aos meus avós e minhas tias pelo apoio e amor.

Agradeço a todos os meus amigos, em especial a Mikaelly Carvalho, Rafael Vale, Gabriella Kelmer, Jéssica Martins e Ana Luíza Cavalcante por estarem junto a mim nessa jornada, por toda paciência, amizade e abraços tão calorosos.

Agradeço a minha filha, Cecília. O amor da minha vida. Nem um verso de poesia pode fazer entender o que significam simplicidade, leveza e graciosidade de ser como você pode.

Agradeço a minha companheira e grande amiga, Fladmylla Ohana, por absolutamente tudo. A única pessoa capaz de transformar um “agradecimento” de Dissertação em *post-it*¹.

Agradeço ao Professor Marcos Tindo por cada vez que me fez acender uma nova lâmpada em minha mente.

Agradeço, principalmente, a minha orientadora Professora Regina Simon por me apontar, incessantemente, o Norte. Obrigada por me ensinar a ler, a escrever, a pensar e a pesquisar.

E, por fim, a CAPES: o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

¹ Ver episódio 24 da quinta temporada da série Grey's Anatomy.

Não há no céu fúria comparável ao amor transformado em ódio,
nem há no inferno ferocidade como a de uma mulher
desprezada.

William Congreve

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo comparar as obras *Medeia*, de Eurípides (2010), “O Alfabeto de Ben Sira”, versão disponibilizada por Eisenstein (2008), e *Luz del Fuego: a bailarina do povo*, de Cristina Agostinho (1994), elucidando o arquétipo de mulher-pesadelo da sociedade patriarcal na literatura. Esse arquétipo de mulher-pesadelo carrega uma série de características, podendo ser ela cruel, lasciva, infanticida e até mesmo divina. Posto isso, pode-se analisar as narrativas mitológicas identificando os perfis da mulher transgressora do patriarcado, que se contrasta e se reafirma no corpo e na vida da personagem histórica Dora Vivacqua na pele de Luz del Fuego. Disposta em cinco capítulos, esta Dissertação conta com perspectivas comparatistas baseando-se nas discussões teóricas de Gerda Lerner (2019), Monique Wittig (2006), Rosie Marie Muraro (1997), Pierre Bourdieu (2012) e Jean Delumeau (2001) para analisar a história do sistema patriarcal, seus mecanismos, ferramentas e discursos. No tocante à teoria sobre as mitologias, se recorrerá a Joseph Campbell e Bill Moyers (1990), Martha Robles (2006), Robert Graves e Raphael Patai (2018), entre outros. Por meio das teorias costuradas às narrativas literárias, percebe-se que a literatura fala da sociedade em que toma forma, podendo ser tanto descritiva como prescritiva. Assim, entende-se que mulheres mitológicas, como Medeia e Lilith, e históricas, como Luz del Fuego, caminham nas duas vias, pois a literatura as descreve porque existiram – ainda que seja em forma de mito –, e as prescreve para que não voltem a existir, devido ao antagonismo que provocam, oscilando entre o fascínio e o pavor.

Palavras-chave: Medeia; Lilith; Luz del Fuego; arquétipo; mitologia.

ABSTRACT

This research aims to compare the works *Medea*, by Euripides (2010), “The Alphabet of Ben Sira”, version provided by Eisenstein (2008), and *Luz del Fuego: a bailarina do povo*, by Cristina Agostinho (1994), elucidating the nightmare woman archetype of patriarchal society in literature. This archetype of nightmare woman carries a series of characteristics, she can be cruel, lascivious, infanticidal and even divine. That said, it is possible to analyze the mythological narratives identifying the profiles of the transgressor woman of the patriarchy, who contrasts and reaffirms herself in the body and in the life of the historical character Dora Vivacqua in the skin of Luz del Fuego. Arranged in five chapters, this Dissertation has comparative perspectives based on the theoretical discussions of Gerda Lerner (2019), Monique Wittig (2006), Rosie Marie Muraro (1997), Pierre Bourdieu (2012) and Jean Delumeau (2001) to analyze the history of the patriarchal system, its mechanisms, tools and discourses. Regarding the theory of mythologies, we will use Joseph Campbell and Bill Moyers (1990), Martha Robles (2006), Robert Graves and Raphael Patai (2018), among others. Through the theories sewn to literary narratives, it is clear that literature speaks of the society in which it takes shape, being both descriptive and prescriptive. Thus, it is understood that mythological women, such as Medeia and Lilith, and historical women, such as Luz del Fuego, walk both ways, as literature describes them because they existed – even if it is in the form of myth – and prescribes them so that they do not exist again, due to the antagonism they provoke, oscillating between fascination and dread.

Keywords: Medea; Lilith; Luz del Fuego; archetype; mythology.

LISTA DE COMPONENTES DOS ANEXOS

Figura 1 –	Família Vivacqua.....	129
Figura 2 –	Ficha de inscrição do Clube Naturalista Brasileiro.....	129
Figura 3 –	O belíssimo rosto de Luz del Fuego.....	130
Figura 4 –	Luz del Fuego (à direita), então com 8 anos, fantasiada para o Carnaval em Cachoeiro de Itapemirim.....	130
Figura 5 –	Recibo de pagamento da internação de Luz del Fuego (então com 19 anos de idade) no hospital psiquiátrico em Belo Horizonte.....	131
Figura 6 –	Luz fantasiada de Eva, chegando ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no Carnaval de 1948.....	131
Figura 7 –	Luz em companhia de sua serpente, Cornélio.....	132
Figura 8 –	Luz fantasiada de “Grande Dama”, no Carnaval carioca nos anos 1950.....	132
Figura 9 –	Fotografia de uma cena de um dos filmes em que Luz atuou.....	133
Figura 10 –	Luz del Fuego com uma de suas cobras.....	133
Figura 11 –	Luz como candidata a deputada pelo Partido Naturalista Brasileiro (PNB).....	134
Figura 12 –	Luz fantasiada de “Noivinha Pistoleira” no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no Carnaval de 1952.....	134
Figura 13 –	Capa do romance escrito por Luz: <i>Trágico Black-out</i> , publicado em 1947.....	135
Figura 14 –	Filme <i>Luz del Fuego</i> , interpretado por Lucélia Santos.....	135
Figura 15 –	Charge “Roubo na Ilha do Sol”.....	136
Figura 16 –	Escola de Samba “Chega Mais”.....	136
Figura 17 –	Luz repousando da Ilha do Sol.....	137
Figura 18 –	Luz, então com 50 anos, pouco antes de sua morte.....	137

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	MULHERES TRANSGRESSORAS: RECORTE DAS OBRAS	16
2.1	FIGURAS MITOLÓGICAS.....	18
2.1.1	<i>Medeia</i> , de Eurípides.....	18
2.1.2	Lilith e “O Alfabeto de Ben Sira”.....	21
2.2	PERSONAGEM REAL.....	24
2.2.1	Dora Vivacqua em <i>Luz del Fuego</i> : a bailarina do povo.....	24
3	COMO O HOMEM CHEGOU AO PODER	27
3.1	A ORIGEM DA DOMINAÇÃO MASCULINA SOBRE A MULHER.....	28
3.2	A CATEGORIA DE SEXO NA SOCIEDADE PATRIARCAL.....	34
3.3	JEOVÁ, ADÃO, ZEUS E JASÃO: PERSONIFICAÇÕES DO PATRIARCADO.....	42
3.3.1	Jeová, o Deus por excelência do patriarcado.....	44
3.3.2	Adão, ditador de nomes e papéis.....	50
3.3.3	Zeus e seu presente de grego.....	54
3.3.4	Jasão: homem, grego e príncipe.....	59
4	UM MITO CHAMADO MULHER: NA TRAGÉDIA, NO TEXTO RELIGIOSO E NA VIDA REAL	65
4.1	O ÓDIO E O MEDO À MULHER NO OCIDENTE.....	68
4.2	LILITH E MEDEIA: A RELAÇÃO ENTRE A MULHER, O PODER E O MAL.....	73
4.3	MEDEIA E O DISCURSO MACHISTA DE UMA SOCIEDADE QUE REPUDIA A MULHER.....	80
4.4	LILITH: UMA MULHER EM FUGA E EM EXÍLIO.....	92
4.5	LUZ DEL FUEGO: A REALIZAÇÃO DO MITO.....	97
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	121
	ANEXOS – FOTOS SOBRE A VIDA E A PESSOA DE LUZ DEL FUEGO	129

1 INTRODUÇÃO

Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana. [...] Céu e inferno estão dentro de nós [...] Todos os deuses, todos os céus, todos os mundos estão dentro de nós.

Joseph Campbell

Mito: palavra tão antiga e tão emblemática. Tão discutida e ainda assim, inesgotável. Este trabalho tenta, mais uma vez, discorrer sobre palavras tantas vezes já ditas, ouvidas e vividas. Tenta tecer atentamente fio por fio, como Aracne que entrelaça os fios para que no fim a tapeçaria revele uma mensagem. Os fios são os mesmos, fiados há séculos, mas eis que a tecelã é outra e tece em busca da mensagem escondida em cada trama e urdume.

Pergunta-se: por que estudar mitologia? Muitas pessoas indagam isso por julgar que a mitologia está ultrapassada ou que já foi esgotada de sentidos. No entanto, o que as pessoas parecem não entender é que a mitologia fala de nós, e, como se fosse um espelho, precisamos admirá-la para nos compreender tanto individualmente como coletivamente. Elaine C. Prado dos Santos, na *Apresentação de O Livro da Mitologia*, de Thomas Bulfinch, diz:

A existência de mitos é de suma importância para o imaginário coletivo, pois a essência do mito é ser, efetivamente, uma representação coletiva, ao expressar e explicar tanto o mundo quanto a realidade humana, transmitida por intermédio de várias gerações. O mito conta, por ser uma narrativa; explica, por se tratar de um acontecimento ocorrido no tempo fabuloso dos começos, pressupondo que se retorne ao começo, em direção ao arquétipo; e, por fim, revela o ser, revela o deus, apresentando-se como uma história sagrada (SANTOS apud BULFINCH, 2013, p. 14).

Assim, podemos dizer que o valor que a mitologia tem para a sociedade é essencialmente o imaterial, que é composto de significações e experiências ideárias. Os mitos nos conduzem às nossas próprias jornadas, nos ombros dos heróis, das bruxas, das deusas, dos sátiros. Com a mitologia, podemos compreender as relações humanas e suas consequências, suas dores, suas conquistas; podemos vivenciar a excitação de um assassino, a rejeição de um amante ou o poder de uma mulher. Dessa forma, podemos considerar que a mitologia tem o poder de refinar o ouro

humano encriptado em nossos âmagos. E se a mitologia não surge em nossa vida, nosso interior poderá ter uma grande dificuldade em organizar o caos que lá reside desde a tomada de consciência de estar no mundo e se achar como um ser:

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservavam, de hábito, na mente das pessoas. Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta. Mas assim que for apanhado pelo assunto, haverá um tal senso de informação, de uma ou outra dessas tradições, de uma espécie tão profunda, tão rica e vivificadora, que você não quererá abrir mão dele (CAMPBELL; MOYERS, 1990, p. 15).

Conseqüentemente, julgamos que a mitologia e seu estudo são tanto importantes como necessários. Reconhecer os arquétipos conforme Elaine Santos, e aprender com eles como falou Campbell. Acreditamos que os mitos são histórias reais, mas com o brilho do fantástico. É a verdade que a civilização deixa exalar de seus poros. Consideramos que se o autor (individual ou coletivo) concebeu uma narrativa com uma lição em plano de fundo, é porque de alguma maneira essa narrativa faz ligação com o real e faz mais sentido que uma proibição ou recomendação direta porque habita na terra do sonho, onde a verdade nos toca sem que haja grande resistência por nossa parte:

A relação entre mito e realidade não costuma ser tão direta, mas podemos supor que ninguém poderia inventar o conceito de uma assembleia de deuses se não tivesse, em algum momento, vivenciado e conhecido alguma instituição semelhante na Terra (LERNER, 2019, p. 187).

Assim, o mito fala do que se vê, do que se experiencia e, por meio dessa premissa, levantamos a hipótese: uma vez que alguém, notando que a sociedade caminha por um rumo onde os homens comandam, pôde observar mulheres como Luz del Fuego que desejam sair desse rumo e caminhar por outra via, esse alguém

poderia ter notado que tais mulheres não se assemelham – e nem desejam fazê-lo – às outras que seguem a procissão do patriarcado debaixo do jugo² masculino; e, por se rebelarem, elas causam uma espécie de desordem à ordem imposta pelo homem. Assim, de acordo com Lerner (2019, p. 27-28), como a escrita³ e afins se tornaram um domínio masculino, os registros são criados e interpretados por homens que tiveram o cuidado de glosar, acima de tudo, a si e suas ideias. Logo, podemos entender o processo de apagamento e de misoginia que as mulheres foram vítimas em narrções como o mito. O homem, tendo o poder da voz, da palavra e da escrita, criou narrativas sobre essas mulheres para que outrem as conhecesse. Sintetizando, nossa hipótese aponta que, muito antes de Dora Vivacqua nascer, Luz del Fuego já existia; e, através da literatura, deparamo-nos com as luzes de Luz em Lilith e em Medeia. Portanto, a mulher-pesadelo existe na literatura porque existe na sociedade. É disso que se trata essencialmente o arquétipo⁴. Trata-se de existir como uma entidade eterna e assumir nome e forma, de quando em quando, surgindo como mágica para ensinar novas lições, com outra roupagem; seja na vida, seja na arte.

A seguir, no segundo capítulo desta Dissertação, intitulado “Mulheres transgressoras: recorte das obras”, apresentaremos nossas heroínas: as mitológicas Medeia, Lilith e a personagem histórica Luz del Fuego e seus respectivos autores, uma em cada subtópico.

No terceiro capítulo faremos uma odisseia pelo tempo com a ajuda de Gerda Lerner, Monique Wittig e Rosie Marie Muraro para compreendermos “Como o homem chegou ao Poder”. Nessa jornada, nos confrontaremos com figuras proeminentes do patriarcado: Jeová, Adão, Zeus e Jasão, e demonstraremos como eles contribuíram para a subjugação das mulheres no Ocidente e, por conseguinte, das nossas heroínas. Contudo, a tentativa de dominá-las acarretou reações perturbadoras, como verificaremos ao decorrer deste trabalho.

No quarto capítulo, que entendemos como sendo uma tapeçaria, analisaremos como Medeia, Lilith e Luz dispõem dos mesmos fios, mas tecem de maneiras

² “JU.GO, *s.m.*, canga para atrelar o boi ao carro ou a outro utensílio agrícola; pressão, autoritarismo” (SCOTTINI, 2017, p. 326).

³ Apesar de a escrita, assim como praticamente tudo na sociedade, ter sido usurpado pelo domínio masculino, “a primeira poetisa conhecida da história” foi uma mulher: a sacerdotisa acádia Enheduanna (LERNER, 2019, p. 99).

⁴ Segundo Carl Gustav Jung, em sua obra *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2000), “O conceito de arquétipo [...] constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar” (JUNG, 2000, p. 53).

diferentes os seus destinos. Porém, ao final, o resultado são imagens que narram histórias muito parecidas, de finais trágicos, já que Lilith foi transformada em demônio (a fim de cometer crimes hediondos contra a descendência de Adão); Medeia tornou-se fugitiva (e horrendamente criminosa, assim como Lilith) e Luz del Fuego acabou brutalmente assassinada.

Por fim, após as Considerações Finais e as Referências, teremos uma seção com fotos para ilustrar a vida da mulher-pesadelo capixaba, Luz del Fuego, como forma de homenagem e perpetuação dessa incrível e necessária mulher.

2 MULHERES TRANSGRESSORAS: RECORTE DAS OBRAS

[...] a mulher é o ser que projeta a mais negra sombra ou a mais clara luz em nossos sonhos. A mulher é fatalmente sugestiva: ela vive uma outra vida que não a sua; ela vive espiritualmente nas imaginações que ela própria povoa e fecunda.

Charles Baudelaire

De acordo com a ciência psicanalítica, a psique do ser humano se divide em duas esferas que se complementam e se influenciam: o consciente e o inconsciente. Jung (2000), por meio de seus estudos, concluiu que o inconsciente, por sua vez, também é composto de duas esferas: uma individual – que conserva memórias e informações esquecidas e/ou reprimidas de si mesmo – e outra coletiva – que seria um conjunto de padrões comportamentais que foram se formando a partir de experiências vividas repetidamente, durante várias gerações e assim se cristalizaram no inconsciente partilhado por um povo. Dessa forma, Jung (2000) entende o arquétipo como uma forma corporificada de experiências, memórias, comportamentos e conhecimentos de pessoas antepassadas que se solidificaram no inconsciente coletivo. Por consequência, podemos admitir que ninguém se desenvolve completamente alienado de sua sociedade. Todos são influenciados pelos contextos históricos, sociais, econômicos e culturais de onde vivem e de onde seus ancestrais viveram.

Então, sendo o arquétipo desenvolvido por meio da repetição de uma mesma experiência vivida numerosas vezes, por pessoas distintas e em inúmeras épocas, Jung pôde observar e nomear alguns arquétipos, como exemplo: a mãe, o pai, o herói, o sábio, o trapaceiro etc. No entanto, Jung aponta que podem existir incontáveis arquétipos e, através de nossos estudos, identificamos um que não foi analisado pelo psicanalista suíço. Esse arquétipo difere dos outros, pois representa uma mulher antagonista ao patriarcado, desordeira, execrada, vista pela civilização patriarcal pelo viés da depreciação, do escárnio e do horror. Ela é tida como tudo o que uma mulher bem quista e idealizada não poderia ser: violenta, sangrenta, lasciva, bestial. Ela é um pesadelo e, como tal, não pode ser controlado, apreendido ou conduzido. Assim, nomeamos o arquétipo da mulher transgressora da ordem patriarcal como mulher-pesadelo.

Para compreendermos melhor a mulher-pesadelo, percebamos a função dos sonhos (e, com isso, também a função dos pesadelos, já que eles são, comumente, caracterizados como “sonhos ruins”⁵) junto ao inconsciente – de onde emergem os arquétipos. Jung explicita que a humanidade apenas alcança sua realização por meio da tomada de conhecimento e de aceitação de seu inconsciente, conhecimento esse que só pode ser acessado através dos sonhos e de seus inúmeros símbolos. E ele afirma ainda que cada sonho pode ter uma mensagem individual e pessoal, assim como, podem estar carregados de semânticas provenientes da memória coletiva. Posto isso, os desejos e os medos da sociedade se revelam a um indivíduo quando seu inconsciente está vulnerável, sem barreiras protetoras: “[...] nos recusamos a admitir é que dependemos de ‘forças’ que fogem ao nosso controle” (JUNG, 2000, p. 82).

Jung (2000) assinala que o homem se acredita dono de si e de sua alma. Porém, jamais poderia sê-lo sem ser capaz de controlar seu ânimo, suas emoções, ou os componentes que surgem do seu inconsciente à sua revelia. À vista disto, o pesadelo de uma sociedade em que o homem é o controlador de tudo é, justamente, uma mulher que o homem não tem poder de controlar. O que seria mais aterrador para um homem dominador que uma mulher que ele não possui meios de manejar? Essa mulher é a mulher-pesadelo. Pesadelo dos homens. Pesadelo para o patriarcado. Pesadelo para as mulheres que se encontram subjugadas, que interiorizaram o seu papel de inferior e impõem os ditames do patriarcado a outras mulheres. Mas ela também é um sonho de emancipação a toda e qualquer mulher que renuncia aos falsos privilégios comprados com sua obediência imposta.

A mulher-pesadelo consiste em uma mulher que não obedece à ordem estabelecida de inferiorização do seu gênero. Conforme o Estado Arcaico foi emergindo e se desenvolvendo, a dominância e a lei do mais forte foram se estabelecendo, resultando, entre outras coisas, na supremacia do homem sobre a mulher. No entanto, algumas mulheres não aceitaram ser subjugadas, e o pavor que elas causaram por desestabilizar a ordem foi tamanho que se encontra mitificado. Medeia e Lilith são exemplos dessas mulheres-pesadelo na esfera do imaginário. E, como já falamos, a literatura mitológica deixa exalar a verdade social de nossas experiências. Logo, é evidente que a mulher-pesadelo existe de carne e osso. Um,

⁵ *Úlos Óneiros: Sonho funesto* (BRANDÃO, 1986, p. 124).

dentre vários exemplos, é a Luz del Fuego, bailarina capixaba, famosa nos anos 1950, que incendiou com seu *fuego* o Rio de Janeiro da época e continua a aquecer nossos corações. A seguir, apresentamos com mais detalhes nossas personagens – primeiro as mitológicas e, logo após, a histórica.

2.1 FIGURAS MITOLÓGICAS

2.1.1 *Medeia*, de Eurípides

A carruagem de Medeia puxada por serpentes — as serpentes são animais do mundo subterrâneo — tinha asas porque ela era ao mesmo tempo deusa da Terra e da Lua.

Robert Graves

Medeia é uma personagem muito antiga do ideário mitológico grego que povoou os pensamentos de filósofos e poetas por séculos em múltiplas versões. As interpretações sobre ela variam amplamente, tanto quanto à sua essência como à sua genealogia. Segundo Olga Rinne em sua obra *Medeia: A redenção do feminino sombrio como símbolo de dignidade e sabedoria* (2017), Medeia, em uma de suas versões, teria sido uma deusa pré-helênica. Ela aparece pintada em vasos passeando em um carro mágico carregado por serpentes aladas; aparece também com uma pequena caixa de remédios, carregando ervas medicinais ou ao lado de um caldeirão de onde pula um cordeiro ou um jovem. A autora explica que esses motivos estão dispostos nesses vasos porque, antes de se montar o panteão dos deuses segundo a ordem patriarcal, Medeia era uma deusa que dominava a arte de curar, de rejuvenescer e de imortalizar.

Ainda de acordo com Olga Rinne (2017), Medeia significaria “a do bom conselho”. Todavia, ao verificarmos a raiz etimológica de Μηδεια no *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque* (1968), pudemos perceber que existem duas palavras homônimas das quais o nome da princesa bruxa poderia ter derivado. A palavra μήδεα pode significar tanto “pensamentos, preocupações” (o que estaria consonante com Rinne por exprimir o sentido de cuidado) quanto “genitália masculina”, o que poderia atribuir uma conotação sexual à personagem. Então, levando em consideração que, geralmente, os personagens do sistema ideário grego reúnem um conglomerado de elementos que nem sempre são exclusivamente de um

espectro ou outro, é possível que os dois significados fizessem parte de uma Medeia primordial que não seria execrada se carregasse algum apelo de aceção sexual.

De toda maneira, Medeia nem sempre foi retratada como maligna e sombria. A deusa que um dia teria sido apresentada como fonte de inteligência, sabedoria, poder, curas e prodígios extraordinários teria sido ressignificada como fonte de morte, vingança, ira, sombras etc. Olga Rinne (2017) explica que tal conversão dos atributos de Medeia à malignidade pode ter sido motivada por uma campanha proposital, pois, provavelmente, ela teria sido cultuada em Corinto, terra helênica, o que era visto como culto “bárbaro”, ou seja, era um culto não grego, por isso, indigno.

Olga Rinne (2017) aponta que aos poucos Medeia teria sido reduzida e obscurecida, sendo assim foi transfigurada na temida bruxa da Cólquida, que tinha como pai o rei Eetes (ou Aetes), o deus da mente perversa, segundo Martha Robles (2006, s. p.). Eetes era filho do deus-Sol Hélio e a mãe poderia ser Hécate, poderia ter sido Ídia (“aquela que sabe”) ou Neera (“a nova”). Todas essas supostas mães de Medeia seriam representadas como forças lunares, então, nessas versões, Medeia teria o sangue do Sol e da Lua. Outras versões incluem nomes de outras mães e podem também retratar Medeia como sobrinha ou irmã da poderosa Circe (amante de Odisseu), irmã ou não de Faetonte e quase sempre aparece como meia-irmã de Apsirto e Calcíope.

Conforme Olga Rinne (2017), com uma árvore genealógica repleta de deuses e deusas da mais alta estirpe, a pátria de Medeia não seria uma terra de mortais. Localizada no Cáucaso, a terra que depois se chamaria Cólquida, tinha por nome Ea⁶, e a ilha de Circe, flutuante em frente ao país, chamava-se Eea. Ambos são interjeições de pasmo e admiração, podendo representar também sons de queixa, lástima e arfar de suspiros. Essa terra seria o local de repouso do Sol, e no palácio de Eetes haveria um poço com quatro bocas que jorravam leite, vinho, azeite e água cristalina. Dentro do palácio ou em um bosque de árvores de carvalhos estava guardado o velocino de ouro que tinha como vigia um dragão insone. Essa terra escondida por trás de neblinas

⁶ O *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque* faz a seguinte definição: *ἔα*: interjeição de espanto e descontentamento especialmente atestada entre os trag: e os comediantes, e antes de uma pergunta, às vezes fora do verso. No uso de *ἔα* ver E. Fraenkel, *Agamenon*, 580, No. 4. E.: 2ª pessoa. para impetuoso. *ἔσω* se tornam interjeição, cf. Schwyzer, *KZ* 60, 1933, 141 sq. (CHANTRAINE *et al.*, 1968, p. 307, tradução nossa).

era mágica e receptáculo de inúmeros mistérios. Assim, Medeia, como nativa dessa terra, não poderia ser nada menos que estupenda.

Contudo, quando o poeta Eurípides escreveu sua peça para contar uma fração da história da princesa colquídia, no concurso de tragédias das Grandes Dionísias (festival ofertado ao deus Dioniso), em 431 a. C., Medeia talvez já fosse uma feiticeira obscura. Porém, as características horrendas pelas quais a filha de Eetes é até hoje conhecida foram, indubitavelmente, atribuídas pelo poeta. Segundo Olga Rinne (2017), em uma versão antiga da história da mulher-pesadelo, Medeia teria sido rainha de Corinto (terra que, já comentamos, promoveria um culto a ela como deusa), mas os coríntios, achando-se insatisfeitos com o regime dela, acabaram por assassinar seus filhos. Eles, de acordo com a autora (RINNE, 2017) e com Martha Robles (2006), eram quatorze crianças, sete meninas e sete meninos. Então, os coríntios, a fim de apagar a memória da matança, teriam subornado Eurípides com quinze talentos de prata para que pusesse a culpa das mortes das crianças sobre Medeia. O poeta também teria alterado para dois filhos assassinados em vez de quatorze – talvez soasse mais verossímil assassinar somente duas crianças em um ato só.

Antes de Eurípides, Medeia não era assassina dos filhos. Essa nova versão chocou extremamente as pessoas da época assim como ocorre na atualidade, uma vez que, tal como compreendemos a maternidade por influências cristãs e gregas, uma mãe não suportaria ver seus filhos mortos, quanto mais matá-los à bruta. Eurípides expôs ao mundo uma mulher perversa que ninguém jamais esqueceria. E é sobre essa Medeia que vamos nos debruçar nesta Dissertação: a Medeia das fantasias de Eurípides, a Medeia transgressora e perturbadora, a Medeia mulher-pesadelo.

A peça em questão começa com a Nutriz, serva de Medeia, lembrando ao público a história da sua senhora com os argonautas. Como é marca de Eurípides, de maneira breve, em um monólogo, ela tanto alude a episódios anteriores como situa a plateia sobre as questões centrais do enredo a serem apresentadas. A dinâmica que a Nutriz explica para o público é a seguinte: Jasão seria o príncipe herdeiro do reino de Iolcos, que foi usurpado por seu tio Pélias. Quando alcançou a maior idade, ele foi em busca de reaver o reino de seu pai para si. Então, o tio lhe fez uma proposta: dar-lhe-ia o reino de bom grado, se Jasão trouxesse o velocino de ouro que ficava escondido nos confins do mundo no reino da Cólquida, reinado pelo temível Eetes. Jasão foi ao encontro do velocino em um navio chamado Argo, com o apoio de mais

48 heróis, 1 heroína (Atalanta) e dos deuses. Ao chegar na terra de Eetes, depois de inúmeras aventuras, o rei, pai de Medeia, desafiou o herói a realizar tarefas impossíveis, que foram concluídas graças à magia e à inteligência de Medeia. Mesmo assim, o rei Eetes não iria entregar o velocino e planejava matar Jasão, mas Medeia mais uma vez salva o argonauta, ajuda-o a roubar o velocino e eles fogem juntos, pois, antes da fuga Jasão havia prometido, tendo por testemunha os deuses, que lhe seria fiel por toda a eternidade e a levaria com ele se ela lhe desse o velocino, para que, enfim, reconquistasse sua terra natal. Na fuga, o rei Eetes manda seu filho Apsirto para caçar Medeia e trazê-la de volta para casa. Porém, Jasão e Medeia terminam matando o meio-irmão desta e jogam seus pedaços no mar, em direções diferentes, para que seus compatriotas perdessem tempo recolhendo os pedaços do corpo, aumentando assim as chances de escapar da caçada. Chegando em Iolcos, Pélias se recusou a devolver o trono a Jasão. Posto isso, Medeia se vingou do velho rei, enganando suas filhas, induzindo-as a matar e esquartejar o pai para um ritual que faria Pélias rejuvenescer. Mas Medeia, obviamente, não cumpre o combinado e o rei acaba morto pelas mãos das próprias filhas. O horror desse ato teria causado furor no povo do reino: o casal foi obrigado a viver em exílio, em Corinto, que agora tem por rei Creon (ou Creonte). Este, sabendo das façanhas de Jasão, oferece sua filha, herdeira do trono, a ele em casamento, que não se furta a recusar. Então, entendemos que a tragédia gira em torno da traição de Jasão e a fúria da princesa da Cólquida, que arrasta todos para o chão, enquanto ela escapa mais uma vez. Mas agora ela sai sublimemente voando na sua carruagem dourada.

2.1.2 Lilith e “O Alfabeto de Ben Sira”

“Desde o início de sua criação, foi somente um sonho”, disse uma vez o Rabi Simon ben Laqish: e o sonho, para o homem, é a voz potente de seu espírito e de sua profundidade interior.

Roberto Sicuteri

Lilith: demônio-mulher que vaga pela noite com suas asas negras e seus longos cabelos em busca de uma vítima indefesa; assassina de bebês recém-nascidos e de suas mães recém-parturientes; incubo que arrasta os que tranquilamente dormem para sonhos envoltos de luxúria e paixão. Lilith é apresentada no *Zohar*, o *Livro do*

Esplendor (obra da *Cabala* judaica, datada por volta do século XIII) com essas características descritas acima. E o texto ainda ensina como se proteger dessa deidade considerada altamente perigosa até os dias de hoje pelos judeus. Mas, a narrativa mais conhecida sobre Lilith é, irrefutavelmente, a contada no mito adâmico descrito em “O Alfabeto de Ben Sira”. E antes de adentrarmos mais profundamente sobre o mito, vamos conhecer a obra.

“O Alfabeto de Ben Sira” ([1200?]) é um texto em forma de prólogo, que narra a história de Ben Sira como fenômeno de sabedoria e intelectualidade. Sira conta sobre sua concepção (em que ele, assim como outros grandes sábios, teria sido concebido sem conjunção carnal de suas mães com alguém do sexo masculino), sobre seu nascimento, sobre o intento frustrado de um rabino lhe alfabetizar e lhe transferir conhecimentos, bem como a sua saga por ser um gênio frente à inveja de homens poderosos. Por sua inteligência prodigiosa, Ben Sira teria sido chamado à Corte do rei Nabucodonosor, na Babilônia. O rei, interessado na engenhosidade de Sira, lhe faz questões que são respondidas com 22 narrativas (cada uma se iniciando com uma letra do alfabeto hebraico). Entre as tais narrativas está a de Lilith, que investigamos nesta pesquisa.

Para Barbara Black Koltuv, “O Alfabeto de Ben Sira”⁷ é um *midrash*, ou seja, é um escrito que faz reflexões sobre textos religiosos. Então, o texto de Ben Sira (suposto autor⁸) não seria “o original” inspirado por Deus, mas uma reflexão de um profeta sobre um mito que permearia a tradição oral judaica. No entanto, temos o dever de esclarecer que para alguns pesquisadores esse texto tem outra feição: a estudiosa Janet Howe Gaines, especialista em estudos da Bíblia como literatura, do Departamento de Inglês da Universidade do Novo México, considera a obra como uma simples sátira, um texto irreverente. Segundo ela, a linguagem seria repulsivamente grosseira e lidaria com temas vulgares e esdrúxulos na esfera religiosa, como

⁷ Segundo o *site* Sefaria, *O Alfabeto de Ben Sira* foi composto, aproximadamente entre os anos 400 e 1200 da Era Comum.

⁸ De acordo com *Bíblia Sagrada*, Ben Sira teria sido o autor da obra *A Sabedoria de Sirach*, ou, como é mais conhecido o *Livro de Eclesiástico*, escrito entre 190 e 180 a. C., em Jerusalém e traduzido para a Língua Grega por seu próprio neto em 132 a. C. no Egito. Segundo Ephraim Nissan: “De acordo com um texto medieval em hebraico, provavelmente da Mesopotâmia Califal (no século VIII, segundo Eli Yassif), Ben Sira — que leva o nome do autor homônimo do antigo livro da sabedoria, fora do cânone bíblico judaico, mas mencionado na literatura talmúdica — supostamente nasceu da filha do profeta Jeremias depois que ela foi acidentalmente inseminada em um banho público com o sêmen de seu próprio pai” (NISSAN, 2016, p. 2, tradução nossa). Assim, o Ben Sira que é personagem-narrador de *O Alfabeto de Ben Sira* não é o mesmo que o Sira autor do *Livro de Eclesiástico*. O verdadeiro escritor e autor de *O Alfabeto de Ben Sira* é desconhecido.

flatulência, cópula com animais, masturbação, incesto. Por isso, estaríamos lidando com um texto que foi satirizado e provavelmente servia de recreação entre estudantes rabínicos. O que seria a verdade para alguns, seria uma zombaria para o autor. Contudo, o texto foi aceito como parte dos textos sagrados por místicos judeus estudiosos na Alemanha medieval. Ademais, mesmo que “O Alfabeto de Ben Sira” tivesse sido escrito para ser uma paródia burlesca do mito, ainda assim se falaria dele. Uma paródia não é uma mentira, mas um texto que usa de artifícios para ridicularizar algo que se tem como real. Logo, lidaremos com o texto do ponto de vista da reminiscência do mito.

A edição de “O Alfabeto de Ben Sira” (2008) que vamos utilizar é a do importante pesquisador judeu chamado Judah David Eisenstein, que está disposta na biblioteca *on-line* de textos rabínicos, chamada *Sefaria*. Como o texto é de origem hebraica é escrito na língua hebraica. Porém, o *site* nos dá a opção de versão traduzida na Língua Inglesa e nós fizemos a tradução para a Língua Portuguesa.

Agora, já conhecendo a obra, poderemos nos ater ao mito em que Lilith é tida como a primeira mulher que andara sobre a terra. Lilith teria sido a primeira esposa de Adão, feita do barro igualmente a ele. Entretanto, Adão se negava a reconhecer a paridade entre os dois. Por conseguinte, em decorrência da opressão exercida por seu marido, Lilith pronunciou o nome inefável de Deus e fugiu. Adão logo se queixa a Jeová pela fuga de sua mulher. Dessa maneira, Deus enviou três anjos para coagi-la a retornar com a ameaça: se não voltasse, cem de seus filhos morreriam diariamente. Mesmo assim ela se negou. Então, ela fez um acordo com os anjos que, se a deixassem livre, ela cumpriria o seu propósito que era o de dar fim aos bebês, todavia, se eles carregassem amuletos com os nomes ou os símbolos dos anjos, ela não lhes faria mal. De acordo com Martha Robles (2006), ela se vingaria pela morte dos filhos, matando os descendentes de Adão. Assim, sendo convertida em um demônio noturno que mata bebês e acasala com os anjos caídos que habitam as margens do Mar Vermelho, Lilith é aterradora à pseudovirtude judaica. Contudo, se para os judeus Lilith causa horror, pânico e pavor, para nós, que desenvolvemos esta pesquisa, ela seria um arquétipo que surge para dar certo equilíbrio a esse mundo que se encontra subjugado pela dominância masculina.

Tanto Lilith quanto Medeia são projeções da fobia da sociedade patriarcal. Elas não existiram de fato: são mitos, são narrativas contadas como exemplo daquilo que é inadmissível ser, do vergonhoso, do trágico, do inaceitável, do repugnante. Porém,

mesmo com esses exemplos de mulheres que o patriarcado repudia, existem mulheres reais que abandonam o ideal feminino patriarcal e enveredam pelo caminho da transgressão. Luz del Fuego foi uma mulher de carne e osso que não seguiu o padrão esperado e prova, diante dos nossos olhos, que a mulher violadora dos princípios patriarcais não existe somente na literatura. Logo, o arquétipo da mulher-pesadelo existe, genuinamente, como antagonista e contraventora do patriarcalismo.

2.2 PERSONAGEM REAL

2.2.1 Dora Vivacqua em *Luz del Fuego*: a bailarina do povo

Amo a solidão e a natureza. Ambas existem dentro e fora do meu coração.

Luz del Fuego

Dora Vivacqua nasceu em plena segunda-feira de Carnaval, dia 21 de fevereiro de 1917, em Cachoeiro de Itapemirim, no Estado do Espírito Santo. Décima-quinta filha de Etelvina Souza Monteiro Vivacqua e José Antônio Vivacqua (Figura 1), sempre foi a mais espezitada da prole numerosa. Aos 3 anos, mudou-se com sua família para Minas Gerais e lá viveu parte de sua juventude. Após a mudança para Minas, a família Vivacqua se inseriu na aristocracia mineira de tal forma que fundou em sua própria casa um espaço cultural chamado Salão Vivacqua. No decorrer dos anos 1920, a família recebia jornalistas, artistas e intelectuais para saraus litero-musicais no Salão. O mais famoso, sem dúvidas, foi Carlos Drummond de Andrade, que vivia de paqueras com a irmã preferida de Dora, Mariquinhas. Mas o romance não engrenou e Mariquinhas acabou se casando com outro homem.

De família abastada e extremamente conservadora, Dora enfrentou muitos julgamentos e represálias. Foi internada duas vezes em hospitais psiquiátricos a cargo de seu comportamento livre e desenfreado. A primeira vez que foi internada ocorreu por ser flagrada com o cunhado pela irmã Angélica. Dora denunciou o assédio, porém a família preferiu acusá-la de esquizofrênica a atribuir culpa a Carlos, o abusador. A segunda vez foi por aparecer diante de um rapaz que trabalhava na fazenda de seu irmão, nua, coberta por algumas folhas e com duas cobras entrelaçadas em seus braços. Mas foi liberada por seu irmão Achilles, assim como da primeira vez. Depois

de livre foi morar com sua irmã, Mariquinhas, mas de lá fugiu para o Rio de Janeiro, pois o desejo dela era ser, ademais de livre, artista. Dora não sabia ainda que tipo de artista seria, mas sabia que sua vida estava destinada a afetar as pessoas.

Dos anos 1930 aos 60, Dora Vivacqua aterrorizou, como também encantou a badalada cidade do Rio de Janeiro. Assumindo a persona de Luz del Fuego, era naturalista, bailarina, atriz e feminista (ainda que não tivesse plena consciência disso). Em meados dos anos 50, Luz comprou uma ilha na Baía da Guanabara a qual nomeou de Ilha do Sol e lá fundou o primeiro clube de nudismo da América Latina, intitulado Clube Naturalista Brasileiro (Figura 2). Através da biografia romanceada de Cristina Agostinho, escrita em colaboração com Branca de Paula e Maria do Carmo Brandão, podemos conhecer melhor a mulher-pesadelo capixaba.

No prefácio de *Luz del Fuego: a bailarina do povo* (1994) conta-se como sucedeu a feitura do livro. Comenta-se crises, lutas, bloqueios, discussões, conflitos, pausas e quando as pesquisas eram engavetadas. Porém, Luz vinha-lhes trazer desassossego, acabar-lhes com vossa paz. Dado a inúmeros e intensos percalços, as escritoras decidiram que Cristina Agostinho escreveria a obra, mas que Branca de Paula e Maria do Carmo Brandão seriam as revisoras e editoras do texto. Então, por Cristina Agostinho ter dado voz a Luz por meio de suas palavras, vamos destacar sua biografia.

Mineira, nascida em Ituiutaba, em 1949, Cristina Agostinho é formada em Direito e Letras. A produção literária da autora inclui livros infanto-juvenis dos quais recebeu dois prêmios nacionais: o Selo de Ouro da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e Prêmio João de Barro. No âmbito da memória social, escreveu as obras: *Pedreira Prado Lopes: memórias de uma favela* (2000); *Nativos e Biribandos: memórias de Trancoso* (2004). Em termos de memória biográfica, Agostinho têm projetos que apresentam como foco grandes e expressivas personalidades femininas da América Latina, assim como Luz del Fuego. São elas: a pintora mexicana Frida Kahlo; a poetisa uruguaia Delmira Agustini; a poetisa argentina Afonsina Storni; a compositora, cantora, ceramista e artista plástica chilena Violeta Parra e a revolucionária e heroína cubana Haydée Santamaría Cuadrado. Além de publicações em livros, Agostinho participa de projetos institucionais que promovem o acesso à educação, cultura e literatura em Minas Gerais e trabalha com crítica literária, escrevendo colunas em revistas e jornais.

Luz del Fuego: a bailarina do povo, sem dúvidas, é uma de suas obras mais aclamadas, pois resgatou das sombras, da marginalização e do apagamento a mais memorável vedete brasileira. A pioneira na causa naturalista. O pesadelo que suscitava as fantasias de mulheres e de homens. A mulher das cobras. O assunto proibido que surgia sempre entre cochichos fugazes. Sedutora? Diabólica? Megalomaníaca? Narcisista? Exibicionista? Histérica? Provocadora? Talvez. O certo é que Luz del Fuego ilumina o leitor com um brilho tão intenso que lhe causa vertigem. Sua existência sacode a moral dos que se envolvem com a sua história, e por isso ela é uma mulher-pesadelo, a qual compararemos às narrativas de Medeia e Lilith.

3 COMO O HOMEM CHEGOU AO PODER

Durante a chamada Pré-história, a experiência de inúmeros povos foi de harmonia, de equilíbrio, de respeito, de parceria. Há poucas evidências disso – mas as que existem são bastante convincentes –, pois esses povos, que não viviam sob a lógica da dominação, não erigiram grandes monumentos, nem castelos, nem desejaram deixar marcas de sua “grandiosidade”.

Rita Mendonça

Como Gerda Lerner propõe no início do segundo capítulo de sua obra *A Criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens* (2019), a civilização, desde o início dos tempos, foi construída por homens e mulheres conjuntamente. E, para Rose Marie Muraro (1997) na introdução de *O Martelo das Feiticeiras*, acredita-se que há mais de dois milhões de anos homens e mulheres vivem na Terra; sendo que, por volta de $\frac{3}{4}$ desse tempo, viveram sob a cultura de coleta, pesca e caça de pequenas presas. De acordo com Muraro, a força física não era o principal fator para a sobrevivência. Assim, a mulher exercia papel crucial na manutenção dessas civilizações como seres sagrados, provedoras da vida e fornecedoras de fertilidade para a terra e os animais. Havia a divisão de papéis e tarefas, mas não existia desigualdade em razão dos diferentes gêneros: “nessas sociedades, os sexos eram considerados ‘complementares’; seus papéis e *status* eram diferentes, mas nivelados” (LERNER, 2019, p. 44, grifos da autora).

Contudo, essa realidade mudou. As mulheres não são mais vistas como figuras sagradas, muito pelo contrário: são vistas como inferiores e, por isso, devem ser subjugadas. Essa “recente” perspectiva, que vem acompanhando as Eras, é fruto do sistema da sociedade patriarcal, em que o homem como pai/chefe de família detém o poder de vida e de morte dos demais membros do grupo familiar e mais ainda sobre a mulher. Nessa lógica, o filho do sexo masculino quando chega à maioridade, emancipa-se, direito que, apesar de também ser concedido à mulher por lei – na maioria das civilizações ocidentais – não liberta a pessoa do gênero feminino de fato, pois, mesmo teoricamente emancipada, a mulher continua sob poderio masculino em diversos âmbitos e de diversas maneiras.

Como e por que a sociedade mudou sua estrutura, inferiorizando o gênero feminino? Como o homem assumiu o poder na sociedade? Quais os mecanismos de

que o patriarcado dispõe para a cristalização do poder do homem? As próximas seções deste capítulo pretendem tratar dessas questões sob os olhares da escritora e intelectual feminista brasileira Rose Marie Muraro (1930-2014), da escritora e poetisa francesa Monique Wittig (1935-2003) e da historiadora austríaca Gerda Lerner (1920-2013). Essas autoras nos darão respaldo teórico-crítico para a compreensão e a análise de figuras patriarcais marcantes no ocidente, como Jeová, Adão, Zeus e Jasão.

A eleição desses patriarcas se justifica tanto pelo motivo evidente da dicotomia junto às personagens objeto deste estudo (Adão e Jasão) quanto pelo motivo de que tanto Jeová quanto Zeus ocuparam o maior posto nas religiões que foram cultuadas em civilizações que serviram de elementos estruturadores e modeladores para o Ocidente.

A seguir, discutiremos alguns princípios e possíveis causas da origem e da evolução do patriarcado e como esse sistema se mantém através de uma categoria de sexo, no entender de Monique Wittig. Para Gerda Lerner, tal fenômeno se trata de uma série de mudanças sociais, mecanismos que se estenderam até a contemporaneidade.

3.1 A ORIGEM DA DOMINAÇÃO MASCULINA SOBRE A MULHER

Eles [os homens] substituíram a descendência matrilinear pela patrilinear e, para garantir a autoridade paternal, exigiram a virgindade feminina antes do matrimônio e a fidelidade absoluta da esposa no casamento.

Gerda Lerner

Quando o homem ainda vivia na longínqua Pré-história, a vida era regida por cooperação. Segundo Rose Muraro (1997), como as condições de vida eram hostis, os membros de uma mesma sociedade se ajudavam entre si. As pessoas não se coíbiavam ou se subjugavam. Ainda que as mulheres tivessem certo *status* por gerar vidas e assim se assemelharem à Deusa-Mãe, não havia repressão entre gêneros, inclusive as relações entre os pares eram menos duras e não havia centralização de poder. Para Gerda Lerner (2019, p. 137) havia “[...] complementaridade – interdependência mútua –, as pessoas aceitavam prontamente que grupos divididos por sexo tivessem atividades, privilégios e obrigações diferentes”. A liderança não

estava no controle de uma só família ou de um gênero só. Existiam rodízios, e as relações de poder tinham muito mais fluidez. Como os homens não tinham ciência da sua participação na reprodução, não exigiam fidelidade por parte das mulheres. A sociedade era matrilinear, ou seja, a linhagem era regida por uma ancestral mulher e era matrilocal, pois as mulheres permaneciam no grupo social e os homens eram os que saíam da tribo. Como os instrumentos, as ferramentas e os alimentos eram de toda a tribo, não existia propriedade privada. Então, a necessidade de deixar herança era inexistente, assim como o conceito de sucessão. Desse modo, os pudores relacionados à sexualidade não incluíam a noção de exclusividade a um(a) parceiro(a), embora esse exclusivismo pudesse acontecer de maneira espontânea.

Rose Muraro (1997) argumenta que ainda hoje existem sociedades remanescentes dessas culturas em regiões da Indonésia e na África. Contudo, para Gerda Lerner (2019), usar como parâmetro as sociedades de caçadores-coletores contemporâneas para avaliar sociedades de 5000 a. C. seria um tanto especulativo; pelo fato de que essas sociedades também passaram por processos ao longo do tempo e, apesar de serem minimamente igualitárias, são androcêntricas. Assim, poderia admitir-se que o patriarcado fosse algo natural, o que definitivamente não é, de acordo com Lerner. Para a autora austríaca, “o período de ‘estabelecimento do patriarcado’ não foi um ‘evento’, mas um processo que se desenrolou durante um espaço de tempo de quase 2.500, de cerca de 3100 a 600 a. C.” (LERNER, 2019, p. 32-33, grifos da autora). E, se aceitamos o patriarcado como uma série de processos históricos e mutáveis, admitiremos que ele não seja estático, nem seja determinado pela natureza ou pré-determinado biologicamente. Entretanto, se fosse, ainda poderia ser mudado, já que a ordem natural sofre constantes transformações no processo de civilização, que consiste, exatamente, no homem dominar e se apartar da natureza, do estado selvagem e do rural. No entanto, como os homens ditam o passo e o modo do processo de civilização, eles são os maiores e quase exclusivos beneficiados nesse processo.

Não obstante, antes da civilização se modernizar e se industrializar e até mesmo surgir o Estado, a humanidade estava em harmonia com a natureza e não se achava uma criação à parte dela. Com o transcorrer das Eras, o homem passou por algumas mudanças significativas que contribuíram para que a sociedade ficasse “mais masculina”. O homem não via mais a natureza como uma divindade que ele deveria amar e respeitar, mas sim como algo a ser dominado:

Aos poucos, os homens começaram a não mais viver com seus rebanhos. Os rebanhos passaram a pertencer aos homens. Foram transformados em objetos de posse. A relação mantida com os rebanhos mudou. As pessoas isolavam um domínio – o rebanho – no qual não se consideravam mais inseridas. Dessa forma, consolidou-se a divisão entre donos de rebanho (pastores) e rebanho (ALBUQUERQUE, 2007, p. 35).

Com a escassez de recursos, como os alimentos de coleta e a caça de pequenos animais, os grupos migravam cada vez para mais longe de suas terras natais em busca de alimento. Dessa maneira, o homem começa o processo de embrutecimento, visto que se fez necessária a caça de grandes presas. Uma simples armadilha não seria mais suficiente. O homem precisaria entrar em combate corporal com feras para poder garantir alimento para si e seu grupo social. E não era só contra grandes animais que lutavam: batalhavam também contra outros povos, pois, às vezes, as novas terras já estavam habitadas e então, um grupo entrava em combate com outro, gerando guerras. De acordo com Gerda Lerner, as duras condições de vida e sobrevivência requeriam sacrifícios tanto de homens quanto de mulheres:

Era preciso ter coragem para deixar o abrigo da caverna ou cabana para enfrentar animais selvagens com armas primitivas, vagar longe de casa e arriscar encontros com tribos vizinhas possivelmente perigosas. Homens e mulheres devem ter desenvolvido a coragem necessária para a autodefesa e a defesa da prole (LERNER, 2019, p. 72).

Eram exigidos esforços de todos para garantir a sobrevivência da espécie. Como a mulher era a única que poderia (pode) gerar a prole, dedicava a vida adulta a engravidar, parir e amamentar. Portanto, era necessário que as atividades econômicas exercidas pelas mulheres favorecessem as condições de seu ofício materno. Dessa forma, as mulheres estariam fora das caçadas a grandes animais. Afinal, seria extremamente dificultoso fazer essa atividade juntamente com uma criança,

[...] pois ficariam sobrecarregadas fisicamente com filhos na barriga, nos quadris ou nas costas. Além disso, embora um bebê carregado nas costas possa não ser um impedimento para a mãe participar de uma caçada, um bebê chorando pode ser (LERNER, 2019, p. 71).

Nesse período, as pessoas tinham a curva etária curta e a mortalidade infantil era enorme. As mulheres tinham que parir muitos filhos para que alguns chegassem à vida adulta. As mulheres não poderiam viver correndo riscos, então, caçadas e guerra não eram opções viáveis. Não por questões de papéis de gênero impostas, mas de sobrevivência da família ou grupo social. Dessa maneira, as mulheres precisavam desempenhar atividades domésticas combinadas à criação dos filhos, já que assim era o meio mais funcional que garantia a sobrevivência de homens e de mulheres, pois as tribos que não zelavam pela prole ou pelas mulheres grávidas eram comumente extintas.

No Neolítico, a vida era brutalmente dura para homens e mulheres. Era imprescindível que todos fizessem o necessário para a sobrevivência do grupo. Nada obstante, com o passar das Eras, só os esforços dos homens foram louvados, os das mulheres não. Em termos práticos, um dia, para a sobrevivência da espécie, o determinismo biológico foi essencial. Porém, há tempos saímos do Neolítico:

Posto isso, quero enfatizar que minha aceitação de uma “explicação biológica” só é aplicável aos primeiros estágios do desenvolvimento humano e não significa que a divisão sexual do trabalho ocorrida depois, com base na maternidade, seja “natural”. Pelo contrário, mostrarei que a dominância masculina é um fenômeno histórico porque surgiu de um fato biologicamente determinado e tornou-se uma estrutura criada e reforçada em termos culturais ao longo do tempo. (LERNER, 2019, p. 71, grifos da autora).

Um dos fenômenos que poderia ter reforçado o papel do homem dominador, segundo Lerner, teria sido a ascensão do prestígio do homem caçador-guerreiro. A figura do bravo guerreiro surge como herói de todos, salvando seu povo da fome e da morte. Evidentemente, essa não seria a única nem a principal causa, mas que ganhou certa notoriedade já que os tradicionalistas se embasaram no argumento do homem caçador-guerreiro para validar uma “verdadeira” superioridade masculina. Lerner vê nesse prestígio do homem guerreiro um evento que, gradativamente, institucionalizou-se – e não uma prova da superioridade varonil. E, para complementar o pensamento de Lerner, Muraro acrescenta como esse papel social passou de estritamente necessário para louvável e, muitas vezes, até desejável.

É só nas regiões em que a coleta é escassa, ou onde vão se esgotando os recursos naturais vegetais e os pequenos animais, que se inicia a caça sistemática aos grandes animais. E aí começam a se

instalar a supremacia masculina e a competitividade entre os grupos na busca de novos territórios. Agora, as sociedades devem competir entre si por um alimento escasso, a fim de sobreviver. As guerras se tornam constantes e passam a ser mitificadas. Os homens mais valorizados são os heróis guerreiros. Começa a se romper a harmonia que ligava a espécie humana à natureza, porém ainda não se instala definitivamente a lei do mais forte (MURARO, 1997, p. 6).

A essa altura, o homem já entendia que a sua força muscular lhe daria o poder para comandar a sociedade. Todavia, o homem ainda resguardava algum respeito pelas mulheres, e elas ainda tinham poder de decisão. De acordo com Muraro (1997), eles ainda não haviam descoberto que cumpriam um papel na reprodução, acreditavam que as mulheres geravam filhos por bênção dos deuses. Contudo, durante o Neolítico, o homem descobriu seu papel na geração da vida, o que destituiu a mulher de uma imagem sagrada e o homem passou a controlá-la como controlava seu rebanho; sobretudo sua sexualidade. Ela deveria sair da casa do pai, seu primeiro detentor, para a casa de seu marido, segundo detentor, virgem.

A mulher, que antes estava presa à sua função reprodutora pelo bem da espécie, agora desempenharia esse papel porque seu trabalho reprodutivo se tornara uma moeda. Para Lerner (2019, p. 132), “[...] a pureza feminina se torna um recurso familiar, guardado com zelo pelos homens da família”. Ademais da questão da honra – representada na mulher pela virgindade que seu corpo encerra e se constitui em um atributo que ela guarda a fim de que seus parentes homens usem como bem entender –, existia a questão prática e econômica: “o grande valor que as filhas tinham para uma família era o potencial de serem noivas. O preço de noiva recebido por uma filha costumava ser usado para financiar a aquisição de uma noiva para o filho” (LERNER, 2019, p. 144).

Desse modo, o homem, se auto-outorgando dono de terras, rebanhos, escravos e mulheres, tinha a importante tarefa de assegurar que suas conquistas permanecessem dentro do seu grupo familiar. Conseqüentemente, surge a questão da herança, da linhagem e da sucessão, sendo necessário instituir um contrato matrimonial, em que o casamento seria monogâmico (para a mulher, diga-se de passagem) e o homem lhe garantiria proteção e lhe proveria teto, comida e

vestimenta. A quebra desse contrato seria desonrosa para o homem e fatal para a mulher (isto é, passível de morte)⁹.

Por conseguinte, nasce a sociedade patriarcal. Centralizada na figura do pai, provedor, viril, bravo e de masculinidade exacerbada: “já não são mais os princípios feminino e masculino que governam juntos o mundo, mas, sim, a lei do mais forte” (MURARO, 1997, p. 7).

A mulher passa de “semideusa”, portadora do milagre da vida, para depositório de sêmen, parideira de filhos pertencentes ao homem, bem como cuidadora deles. Propriedade do homem, curadora de seus interesses, de seu lar:

A mulher fica, então, reduzida ao âmbito doméstico. Perde qualquer capacidade de decisão no domínio público, que se torna inteiramente reservado ao homem. A dicotomia entre o privado e o público estabelece, então, a origem da dependência econômica da mulher, e esta dependência, por sua vez, gera, no decorrer das gerações, uma submissão psicológica que dura até hoje. Todo o período histórico até os dias de hoje transcorreu nesse contexto. A cultura humana passou de matricêntrica a patriarcal (MURARO, 1997, p. 7-8).

A mulher passa de sujeito/indivíduo¹⁰ para propriedade/objeto. Força de trabalho, escrava do lar, dos filhos e marido. Ela perde o poder de autossignificação,

⁹ A Revista *Marie Claire* publicou em 4 de fevereiro de 2011 uma matéria de nome “Esta mulher pode salvar Sakineh”. A matéria consiste em uma entrevista com a ativista Mina Ahadi, fundadora do Comitê Internacional contra o Apedrejamento, que tentava salvar a iraniana Sakineh Ashtiani, então com 43 anos, pois estava sendo acusada de adultério. No Irã, país majoritariamente muçumano, o adultério feminino é um crime inafiançável que tem como punição a pena máxima: o apedrejamento em praça pública. A história de Sakineh chamou muita atenção internacional, tanto que países que tinham um bom relacionamento com o Irã manifestaram publicamente seu apoio à iraniana, pedindo que sua pena fosse revisada. A matéria segue explicando como o caso mudou de figura e de pena várias vezes, sendo até adicionada a acusação de conluio com o assassinato do próprio marido. Ao ser indagada pela revista como teria surgido o Comitê que visa salvar a vida de mulheres e homens que são condenados ao apedrejamento público, Mina Ahadi conta que o desejo nasceu da indignação que sentiu sobre um outro caso de acusação de adultério: “Em 2001, fiquei estarrecida com o caso de Maryam Ayoubi, a iraniana mãe de dois filhos que foi apedrejada em Teerã no dia 11 de julho, sem que ninguém tivesse, de fato, provado que ela fosse culpada. O apedrejamento não é algo cultural, como o atual governo do Irã quer propagar, mas uma atrocidade introduzida pelo aiatolá Khomeini depois da revolução de 1979. Fiquei tão horrorizada que comecei a pensar o que sentia uma mulher que estava a ponto de morrer de forma tão bárbara por ter tido uma relação extraconjugal e decidi lutar criando uma organização que chamasse a atenção do mundo para o problema (MAGALHÃES-RUETHER, 2011, s. p.)”.

¹⁰ Sobre o papel e a individualidade da mulher como sujeito, Gerda Lerner traz a seguinte contribuição: “Elise Boulding, em seu resumo do passado das mulheres, sintetizou conhecimentos antropológicos para apresentar uma interpretação bem diferente. Boulding enxerga nas sociedades neolíticas um compartilhamento igualitário de trabalho no qual cada sexo desenvolveu habilidades e conhecimento apropriados essenciais para a sobrevivência do grupo. Ela nos conta que a coleta de alimentos exigia um conhecimento elaborado de ecologia, plantas, árvores e raízes, além de suas propriedades como alimento e medicamento. Descreve a mulher primitiva como guardiã do fogo doméstico, como a inventora de recipientes de argila e tecido, que permitiam que os excedentes da tribo fossem guardados

que, por sua vez, passa a pertencer ao homem: “ela passa a se ver com os olhos do homem, isto é, sua identidade não está mais nela mesma e sim em outro. O homem é autônomo e a mulher é reflexa. Daqui em diante, como o pobre se vê com os olhos do rico, a mulher se vê pelo homem” (MURARO, 1997, p. 12).

Se outrora o homem, a mulher e a natureza viviam em harmonia, esse tempo acabou, sem quase nenhum resquício, rastro ou lembrança. E a desarmonia causada pela escassez de alimento ou pela disputa de território passou a não ser mais o principal motivo das guerras. O homem começou a amar a guerra e deu a desculpa de lutar pela honra – embora o amor pela guerra esteja muito mais associado ao poder e a glória. O ego do macho alfa precisava de constante estímulo e a paz já não apetecia mais o interior do homem desejoso de elogios, bajulações e prêmios. Assim, o homem inventou a noção de império para lutar e inflar seu ego. A guerra não tinha mais a ver com sobrevivência, e sim com ganância, subjugação, dominação, demonstração de braveza e masculinidade. Quando as nações não tinham como financiar as guerras, os homens criaram jogos, arenas. Mediam forças entre si ou contra animais – quando não forçavam escravos a medir por eles. Não importando qual o meio de ostentar poder, mas sempre inventando pretexto para alimentar a própria megalomania.

Nas discussões expostas até o momento, pode-se dizer que encontramos algumas das respostas para as questões sobre como e por que a sociedade se tornou patriarcal, dando ao homem a detenção absoluta do poder. No tópico a seguir, tentar-se-á evidenciar os artifícios que o homem criou e que corroboram para que o despotismo sobre a mulher perdure até os dias de hoje.

3.2 A CATEGORIA DE SEXO NA SOCIEDADE PATRIARCAL

Com o predomínio da palavra de Cristo no centro da religiosidade imperial, essa presença (culto feminino) seria deposta por um

para épocas de escassez. Descreve ainda a mulher como alguém que extraía de plantas, árvores e frutas os segredos da transformação de seus produtos em substâncias curativas, tinturas, cânhamo, fios e roupas. A mulher sabia como transformar matéria-prima e animais mortos em alimento. Suas habilidades devem ter sido tão diversas quanto as do homem, e por certo tão essenciais quanto as dele. Ela tinha talvez mais conhecimento ou pelo menos tanto quanto o homem; é fácil imaginar que devia ser o suficiente para ela. Na criação de rituais e ritos, de música, dança e poesia, ela teve tanta participação quanto ele. E, ainda assim, devia ser responsável por gerar e criar filhos. A mulher, na sociedade pré-civilizada, deve ter sido igual ao homem e pode muito bem ter se considerado superior a ele” (LERNER, 2019, p. 73).

patriarcado tão vigoroso que, a partir dos séculos V ou VI de nossa Era e até a ascensão do feminismo contemporâneo, apagou da história tanto a presença como a simbologia relacionada às mulheres. [...] Quanto mais se consagrava a pureza de Maria, mais se expandiam os muitos títulos dos quais era credora; e quanto mais se multiplicavam as associações bíblicas – que os patriarcas enalteciam com discussões de fé –, maior o confinamento das mulheres da Antiguidade aos limites da erudição medieval ou ao mundo do mito e da poesia.

Martha Robles

Como foi possível observar na seção anterior, as mulheres se tornaram propriedade do homem¹¹. Monique Wittig (2006) em seu ensaio “La Categoría de Sexo” aclara e delinea o paradigma da relação entre homem/mulher instituída pelo patriarcado. Tal paradigma age na mesma dialética senhor/escravo¹², ou seja, dominante/dominado: “como não existem escravos sem senhores, não existem mulheres sem homens”¹³ (WITTIG, 2006, p. 22, tradução nossa).

Essa dialética dominante/dominado surgiu nas sociedades fruto de embates econômicos e sociais, como se pôde observar, anteriormente. Para Gerda Lerner (2019, p. 23), “[...] a escravidão teve início com homens escravizando mulheres [...]”. A historiadora austríaca acredita que os homens “treinaram” para escravizar outros povos usando pessoas do sexo feminino: primeiro com as mulheres do seu grupo, e depois com mulheres de outros grupos. Possivelmente, mulheres foram sequestradas, compradas em comércios ou se tornaram presas de guerra. A escravidão existia antes

¹¹ “[...] senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher. Nisso consiste a grande derrota histórica do sexo feminino” (BEAUVOIR, 1970, p. 74).

¹² “Certas passagens da dialética com que Hegel define a relação do senhor com o escravo se aplicariam muito melhor à relação do homem com a mulher. O privilégio do senhor, diz, vem de que afirma o Espírito contra a Vida pelo fato de arriscar sua vida; mas, na realidade, o escravo vencido conheceu o mesmo risco, ao passo que a mulher é originalmente um existente que dá a Vida e não arrisca sua vida: entre ela e o macho nunca houve combate. A definição de Hegel aplica-se singularmente a ela. ‘A outra [consciência] é a consciência dependente para a qual a realidade essencial é a vida animal, isto é, o ser dado por uma entidade outra’. Mas essa relação distingue-se da relação de opressão porque a mulher visa e reconhece, ela também, os valores que são concretamente atingidos pelo homem: ele é que abre o futuro para o qual transcende. Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: entenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência — tão somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso” (BEAUVOIR, 1970, p. 85, grifos da autora).

¹³ Versão em espanhol: “Como no existen esclavos sin amos, no existen mujeres sin hombres”.

como graus de subserviência e trabalho forçado. E, para a institucionalização da escravidão, eram necessários resultados positivos, que foram sendo obtidos com o passar dos anos com a escravidão de mulheres e crianças:

[...] para estender o conceito e transformar os escravizados em *escravos*, de alguma forma *diferentes* de seres humanos, os homens já deviam saber que essa classificação funcionaria de fato. Sabemos que constructos mentais costumam vir de algum modelo da realidade e consistem de um novo ordenamento de experiência passada. Essa experiência, disponível aos homens antes da invenção da escravidão, era a subordinação de mulheres do próprio grupo (LERNER, 2019, p. 112, grifos da autora).

Um dos principais mecanismos para a escravização era a legitimidade na diferença biológica e/ou aparente. O escravizado é o outro, o estranho, o estrangeiro. Essa diferença servia para sustentar o argumento da escravidão tanto para o dominador quanto para o dominado. Gerda Lerner argumenta que, em virtude da morte, da separação ou do abandono de um homem em relação a uma mulher, esta ficaria vulnerável e à margem da sociedade. À vista disso, os homens, possivelmente, puderam observar essa latente vulnerabilidade nas mulheres e aprenderam como se utilizar das distinções para hierarquizar e estratificar pessoas e grupos. Essa descoberta coincide com o surgimento do Estado arcaico e, com o desenvolvimento do Estado, houve um aperfeiçoamento dos meios de escravização e subjugação: “essas diferenças podem ser ‘naturais’ e biológicas, como sexo e idade, ou podem ser criadas pelo homem, como aprisionamento e marcação a ferro” (LERNER, 2019, p. 113, grifo da autora). Mas, para além da diferença, seria preciso que o escravizado aceitasse seu *status* inferior e a condição de subjugação como fato. O homem sendo mais forte fisicamente tinha claro o argumento da diferença e da superioridade. Desse modo, a mulher que se encontrava em condição que pudesse ser vendida, estuprada e escravizada, tal qual seus filhos, poderia facilmente aderir à crença de ser inferior.

Para além da coerção, a dominância também conta com recursos como condição vitalícia de subjugação para o indivíduo e seu grupo social – assim o indivíduo não vislumbraria outra realidade por falta de exemplos próximos: se todas as pessoas de uma determinada raça, nacionalidade ou gênero que se teria conhecimento vivessem em uma mesma condição de dominância, este seria o seu papel na sociedade e não teria como mudá-lo –: castigos físicos como estupros e mutilações, quebra de laços afetivos e alienação familiar. Geralmente, os filhos de

uma mulher escravizada eram separados dela muito pequenos e, segundo Gerda Lerner (2019), o senhor de escravos que soubesse de uma relação de afetividade entre pessoas, estuprava uma na presença da outra para humilhá-las e para que se percebessem impotentes, e depois ainda as apartava. Logo, uma mulher completamente solitária, provavelmente, jamais se rebelaria. E, mesmo que uma mulher não fosse inscrita como escrava, ainda era inscrita como propriedade de algum homem e passaria pelas mesmas formas de subjugação, ainda que em graus e intensidades diferentes.

Neste passo, a cultura da supremacia se tornou institucionalizada, tomando para si o discurso do direito natural. Da mesma maneira como o senhor teria direito natural de dominação sobre o escravo, o homem teria sobre a mulher. A própria natureza, supostamente, teria criado os escravos e as mulheres inferiores e fracos para que tivessem seus guardiões e senhores. Porém, segundo Monique Wittig (2006) – que corrobora em partes com Gerda Lerner (2019) –, a relação dominante/dominado não está ligada de forma nenhuma a um sexo biológico predestinado ou naturalmente favorecido:

Porque não há nenhum sexo. Só há um sexo que é oprimido e outro que oprime. É a opressão que cria o sexo e não o contrário. O contrário seria dizer que é o sexo que cria a opressão, ou dizer que a causa (a origem) da opressão encontra-se no próprio sexo, em uma divisão natural dos sexos que preexistiria à (ou que existiria fora da) sociedade¹⁴ (WITTIG, 2006, p. 22, tradução nossa).

Como o Estado emergiu juntamente com o princípio do direito natural à dominação e seu exercício, as principais instituições na sociedade reforçam a cultura da subjugação da mulher: a igreja, a escola, o local de trabalho estão sempre reforçando o lugar e o papel das mulheres em todos os âmbitos. No prefácio do livro da Gerda Lerner, Lola Aronovich explana sobre isso: “o patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores” (ARONOVICH apud LERNER, 2019, p. 21). E muitas das mulheres reforçam essas ideologias, pois elas sentem que ao lado do opressor gozam

¹⁴ Versão em espanhol: “Porque no hay ningún sexo. Sólo hay un sexo que es oprimido y otro que oprime. Es la opresión la que crea el sexo, y no al revés. Lo contrario vendría a decir que es el sexo lo que crea la opresión, o decir que la causa (el origen) de la opresión debe encontrarse en el sexo mismo, en una división natural de los sexos que preexistiría a (o que existiría fuera de) la sociedad”.

de algum privilégio ou respeito. O patriarcado não poderia se sustentar sem que muitas das próprias mulheres lhe aderissem:

[...] o sistema patriarcal só funciona com a cooperação das mulheres, adquirida por intermédios da doutrinação, privação da educação, da negação das mulheres sobre sua história, da divisão das mulheres entre respeitáveis e não respeitáveis, da coerção, da discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político, e da recompensa de privilégios de classe dada às mulheres que se conformam. As mulheres participam no processo de sua subordinação porque internalizam a ideia de sua inferioridade (ARONOVICH apud LERNER, 2019, p. 21).

Dessa maneira, a sociedade caminha e resiste às mudanças (se estas favorecerem o gênero feminino). As mulheres até hoje estão relegadas a seu serviço sexual. Embora tenhamos saído da Idade da Pedra e a sobrevivência da espécie não dependa mais do útero feminil – a mulher não é mais a única fonte de calor, abrigo e alimento para a prole –; contudo, ela ainda é condicionada a fazê-lo. Para alguns cientistas tradicionalistas, a maternidade considerada inata estaria codificada nos genes das mulheres, então, a sociedade seria mais desenvolvida se a mulher cumprisse o papel que está impresso em seus cromossomos. Destituir o papel de mãe da mulher acarretaria o atraso da evolução social. Entretanto, Gerda Lerner aponta que esse discurso machista é mais um de tantos que usa do mais frágil e banal argumento para aprisionar a mulher a um serviço materno: “do ponto de vista de quem não é cientista, a falácia mais óbvia dos sociólogos é desconsiderar a história ao negligenciar o fato de que homens e mulheres modernos não vivem em estado natural” (LERNER, 2019, p. 46).

Com o advento da modernização e da Revolução Industrial, o homem pôde evoluir e se livrar do exacerbado esforço físico, já que as máquinas substituíram a força de seu braço. No entanto, as mulheres continuam a serem tratadas como as do período Neolítico, em que a sua vida se restringia a parir e criar membros da mesma espécie. Gerda Lerner aponta que Freud, ao falar da mulher, erroneamente, relega-a ao seu sexo como sina e ponto final. Ele, como cientista e homem de seu tempo, usa de sua ciência para endossar que para a mulher a anatomia determina seu destino, mas Gerda Lerner o atualiza: a “[...] anatomia *já foi* destino. Essa declaração é precisa e leva em consideração o contexto histórico. O que já foi não é mais, não precisa nem deve mais sê-lo” (LERNER, 2019, p. 84, grifos da autora). Agora, nem o trabalho

sexual da mulher parturiente nem a agressividade do homem são mais necessárias para a conservação do grupo social. Todavia, a civilização continua a reforçar os privilégios do homem dominador e as obrigações servis femininas, o que, para Monique Wittig (2006), pode ser mudado se as mulheres lutarem contra a estrutura que as oprime, contra seus destinos que foram traçados por mãos masculinas:

Enquanto não existir a luta das mulheres, não haverá conflito entre os homens e as mulheres. O destino das mulheres é a realizar três quartos do trabalho na sociedade (tanto na esfera pública quanto na privada) além do trabalho corporal da reprodução segundo a imposição pré-estabelecida. Ser assassinada e mutilada, torturada e maltratada física e mentalmente, ser estuprada, surrada e ser forçada a se casar, este é o destino das mulheres. E é claro que não se pode mudar o destino. As mulheres não sabem que estão totalmente dominadas pelos homens, e quando o reconhecem “quase não podem acreditar”. Geralmente, como último recurso diante da realidade nua e crua, se recusam a “acreditar” que os homens as dominam conscientemente (pois a opressão é ainda mais horrenda para as oprimidas do que para os opressores). Por sua vez, os homens sabem perfeitamente que dominam as mulheres (“Somos os senhores das mulheres”, disse André Breton) e eles têm sido educados para fazê-lo. Não precisam expressá-lo constantemente, pois raramente se fala sobre a dominação daquilo que já se possui¹⁵ (WITTIG, 2006, p. 23-24, tradução nossa, grifos da autora).

Segundo Monique Wittig (2006), o dominante se recusa a refletir e a mudar essa estrutura que favorece o homem como supremo porque ele vive livre pela sociedade, em que é dono de tudo o que vê. É dono do fruto do ventre da mulher, assim como é dono do fruto de seu trabalho. E, como o modelo de sociedade livre de opressão feminina deixou de existir com o fim da Pré-história, é demasiado fácil para o homem argumentar que sempre foi assim, sempre será e não há outro jeito de ser. Além do mais, a natureza já os fizera para desempenhar tais papéis. A mulher foi convertida de tal forma em objeto que o seu sexo é generalizado, categorizado. Um

¹⁵ Versão em espanhol: “Mientras no haya una lucha de las mujeres, no habrá conflicto entre los hombres y las mujeres. El destino de las mujeres es aportar tres cuartas partes del trabajo en la sociedad (tanto en la esfera de lo público como de lo privado), trabajo al que hay que añadir el trabajo corporal de la reproducción según la tasa preestablecida de la demografía. Ser asesinada y mutilada, ser torturada y maltratada física y mentalmente; ser violada, ser golpeada y ser forzada a casarse, éste es el destino de las mujeres. Y por supuesto no se puede cambiar el destino. Las mujeres no saben que están totalmente dominadas por los hombres, y cuando lo admiten, “casi no pueden creerlo”. Por lo general, como último recurso ante la realidad desnuda y cruda, rechazan “creer” que los hombres las dominan conscientemente (porque la opresión es aún más terrible para las oprimidas que para los opresores). Por su parte, los hombres saben perfectamente que dominan a las mujeres (“Somos los amos de las mujeres”, dijo André Bretón) y han sido educados para hacerlo. No necesitan decirlo constantemente, pues rara vez se habla de dominación sobre aquello que ya se posee”.

homem é um indivíduo. É um presidente, um médico, um juiz, um piloto de avião. Uma mulher é somente seu sexo, seu corpo:

Basta ler as entrevistas a mulheres de projeção nas revistas para ver que sempre se desculpam. Inclusive, hoje em dia, os jornais reportam que “dois estudantes e uma mulher”, “dois advogados e uma mulher”, “três viajantes e uma mulher” têm feito isso ou aquilo. A categoria de sexo é a categoria que une as mulheres porque elas não podem ser pensadas fora dessa categoria. Somente *elas* são sexo, o sexo, e transformaram sua essência em sexo, seus corpos, seus atos, seus gestos; até mesmo os assassinatos de que são alvo e os espancamentos que recebem são sexuais. Sem dúvida, a categoria de sexo aprisiona firmemente as mulheres¹⁶ (WITTIG, 2006, p. 28, tradução nossa, grifos da autora).

A mulher está presa ao seu sexo porque este é o desejo do homem, que quer diminuí-la, restringi-la e dominá-la. Onde quer que a mulher se encontre, o patriarcado demarca seu corpo como um território. De acordo com a escritora francesa, no âmbito doméstico, a mulher é mãe, cuidadora de filhos, faxineira. Tem obrigações a ser cumpridas pelo resto de suas vidas, regidas pelo marido, incluindo “[...] transferência de sua reprodução em nome do marido, coabitação noite e dia, coito forçado, transmissão legal de residência implicada pela noção jurídica de abandono do domicílio conjugal [...]”¹⁷ (WITTIG, 2006, p. 27). O homem é tão dono do corpo da mulher, que, conforme Monique Wittig (2006), existe implicitamente uma política policial de não interferir quando uma mulher é agredida por seu marido. Teoricamente, isso vem mudando com leis como a Lei Maria da Penha¹⁸, que pretende combater a

¹⁶ Versão em espanhol: “Basta con leer las entrevistas a mujeres excepcionales en las revistas para ver que siempre se disculpan. E incluso en la actualidad, los periódicos informan de que “dos estudiantes y una mujer”, “dos abogados y una mujer”, “tres viajeros y una mujer” han hecho esto o aquello. La categoría de sexo es la categoría que une a las mujeres porque ellas no pueden ser concebidas por fuera de esa categoría. Sólo *ellas* son sexo, *el* sexo, y se las ha convertido en sexo en su espíritu, su cuerpo, sus actos, sus gestos; incluso los asesinatos de que son objeto y los golpes que reciben son sexuales. Sin duda la categoría de sexo apresa firmemente a las mujeres”.

¹⁷ Versão em espanhol: “[...] cesión de su reproducción puesta a nombre del marido, coito forzado, cohabitación día y noche, asignación de una residencia, como se sobreentiende en la noción jurídica de «abandono del domicilio conyugal [...]”.

¹⁸ Lei Federal Brasileira. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Esta Lei foi criada com o objetivo de punir e coibir atos de violência doméstica contra a mulher. A Lei carrega esse nome como forma de reparação simbólica por parte do Estado brasileiro pela omissão diante às agressões e às tentativas de assassinato (uma vez com arma de fogo, no qual o agressor forjou um arrombamento domiciliar para poder matar a esposa que resultou em paraplegia para a vítima e outra com afogamento e indução de eletrochoque) sofridas por Maria da Penha Maia Fernandes durante 23 anos de casamento com Marco Antônio Heredia Viveros, que foi condenado duas vezes, mas sempre saiu em liberdade. Mediante à impunidade, Maria da Penha agiu junto ao Centro pela Justiça pelo Direito Internacional (CEJIL) e o Comitê Latino-Americano de Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM), para denunciar o Brasil à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, o

violência doméstica. Não obstante, é importante ressaltar que a própria existência da lei é uma das provas contundentes da esmagadora realidade das mulheres sob o regime patriarcal: “a promulgação de uma lei sempre indica que a prática que está sendo criticada ou sobre a qual se está legislando existe e se tornou problemática na sociedade” (LERNER, 2019, p. 140).

No âmbito público (conquistado em termos parciais pela mulher somente no séc. XX), a mulher não está mais livre ou mais segura. Pode-se pensar que os homens teriam medo de represália por haver risco de testemunhas, porém, não é isso que acontece. Os locais públicos são, mais que todos os outros, de domínio masculino, assim, a mulher pode estar longe de casa, mas o homem não. O mundo é a casa dele. Para Monique Wittig (2006), a mulher é tão reduzida à categoria de seu sexo que precisa prestar uma espécie de serviço sexual forçado (semelhante ao serviço militar forçado para os homens) e ainda assim ser bonita, brilhante e sorridente sempre que for notada. Entretanto, o ideal é que seja silenciosa e invisível.

Segundo a autora, enquanto a mulher viver sob a réstia de seu sexo, ela, enquanto indivíduo, não poderá existir. A estrutura patriarcal está muito arraigada à dualidade macho/fêmea, de forma que, para destruir a figura do macho dominante, seria necessário destruir a figura da fêmea subjugada. No entanto, a questão da quebra de gênero como solução para uma nova construção social não faz parte diretamente do escopo a que se dedica esta pesquisa.

Por fim, pode-se concluir que o poderio masculino sobre a mulher não nasceu de uma predestinação do sexo biológico ou de uma supremacia natural, e sim, nasceu da valorização do ser macho em um contexto de fome, medo e miséria. Porém, uma das principais manobras para a cristalização esteve intimamente ligada à ação do homem de reduzir a mulher à categoria de sexo feminino: “a categoria de sexo é a categoria que institui a escravidão para mulheres [...]”¹⁹ (WITTIG, 2006, p. 28, tradução nossa), tornando-a objeto, seja na esfera privada, seja na esfera pública.

que resultou na condenação do país por negligenciar as vítimas de abuso doméstico e não criar mecanismos para punir os agressores, bem como conter a violência contra a mulher. Com a condenação, o Brasil também foi forçado a tomar outras medidas como: a resolução do processo penal que Maria da Penha foi vítima; investigação sobre o proceder do processo; ressarcimento material e simbólico pelo desleixo e tolerância por parte do Estado e a criação de políticas públicas com o objetivo de prevenir, extinguir e punir a violência contra a mulher. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em seu relatório publicado em 2015, a Lei Maria da Penha contribuiu com a redução de 10% no aumento da taxa de feminicídios domésticos.

¹⁹ Versão em espanhol: “La categoría de sexo es una categoría que determina la esclavitud de las mujeres [...]”.

Dos primordiais mecanismos para que se logre essa redução da mulher apenas a uma simples categoria são a violência, o estupro e a coerção. As mulheres sofrem tantas violências e de tão diferentes maneiras que já se encontram naturalizadas; inclusive, entre as próprias mulheres. Muitas vezes, as mulheres são as primeiras propagadoras do discurso que reforça o controle do homem, coagindo umas às outras, em vez de se ajudarem mutuamente.

Contudo, uma mulher não é só uma mulher. Já está na hora do mundo reconhecer isso e vencer a barreira da opressão e da dominância masculina. E, para quebrar com essa tradição de dominância, precisamos entender como o patriarcado usou de simbologias e personas outorgantes para se sustentar e se legitimar.

Gerda Lerner (2019) aponta que dentre os pilares do pensamento ocidental, os três principais são: o Antigo Testamento, o Pensamento Grego e a Ciência – que teve a contribuição dos dois primeiros. Para esta pesquisa, não lidaremos diretamente com a ciência, mas sim com suas matrizes influenciadoras. A seguir, por meio da mitologia, buscaremos compreender como os deuses Jeová e Zeus, como figuras representantes de poder e masculinidade, usurparam o maior posto no panteão dos deuses instituindo o patriarcado e a misoginia como leis divinas e como esses deuses teriam transferido e legitimado a ideia da superioridade masculina às suas criaturas prediletas: os homens.

3.3 JEOVÁ, ADÃO, ZEUS E JASÃO: PERSONIFICAÇÕES DO PATRIARCADO

Ao longo da história, a humanidade passou por diversas experiências, construiu impérios gigantescos, desenvolveu tecnologias, desenvolveu-se artisticamente. Gradativamente, a deusa-mãe dos povos supostamente atrasados foi substituída pelos deuses da Idade Antiga: autoritários, poderosos e punitivos. Surgiram a partir de um novo modelo de sociedade: a patriarcal. Enquanto a cultura matrística valoriza a interpessoalidade, a cultura patriarcal valoriza o domínio.

Bruno Pinto de Albuquerque

Segundo Gerda Lerner (2019), no Período Neolítico, o culto a Deusa-Mãe era vastamente difundido, dado que, averiguando uma extensa gama de evidências que trazem a mulher na sua função materna de forma divinizada (como pinturas rupestres

e esculturas que evidenciam os seios, quadris e/ou umbigo da mulher, bem como esculturas de mulheres parindo), podemos chegar à conclusão que se trata da possível primeira expressão religiosa. Tendo em vista que a gestação feminina era um mistério e que o primeiro, bem como o mais duradouro, laço afetivo entre as pessoas fosse o da mãe com sua prole, não se admira que a primeira divindade que ocupasse o ideário do ser humano fosse justamente uma Deusa-Mãe. As pessoas acreditavam que a Deusa-Mãe teria parido o universo e que ela mesma nutria a terra de seus próprios seios. Ela seria a própria natureza que gera a vida e solveria tudo para a morte, num ciclo equilibrado e intermitente.

Para Gerda Lerner (2019), o advento da agricultura de arado, o aumento do militarismo, o surgimento do Estado arcaico, a presença de reinados fortemente estabelecidos, juntamente com a possível descoberta da participação do homem na procriação acarretaram modificações no ideário sobrenatural. A Deusa-Mãe, que teria parido o universo, posteriormente, surge como parturiente também de um filho homem que se tornará seu marido e eles gerarão outros deuses. Podemos assinalar aqui como exemplo disso a titã grega Gaia que gerou espontaneamente três filhos e depois se casou com um deles, Urano. E deles nasceram outros titãs que formaram um panteão, mas a deusa primordial não se estabelece no trono. Para Lerner, o padrão observável seria: “[...] primeiro, o rebaixamento da imagem da Deusa-Mãe e a ascensão e posterior dominância de seu consorte/filho; depois a fusão deste com um deus da tempestade em um Deus-Criador, que lidera o panteão de deuses e deusas” (LERNER, 2019, p. 188).

Com a sociedade liderada por homens, o panteão dos deuses não poderia ter como líder uma deusa – principalmente, porque, muitas vezes, os soberanos legitimavam o direito ao posto por uma linhagem ou por uma espécie de bênção divina. Se o principal trono celestial fosse ocupado por uma deusa, daria o direito de uma mulher ocupar o principal trono terreno; assim seria a rainha a maior figura de poder no Estado, e não o rei. A autoridade divina não outorgaria somente o direito sobre um posto, mas também o direito de um território, templos, dinheiro, enfim, poder. Dessa maneira, a política transformou a religião de maneira gradativa e eficaz. Esta passa a ser prescritiva e não descritiva: as pessoas não deixaram de cultuar a Deusa-Mãe por vontade própria, mas foram obrigadas a abandonar a prática aos poucos. De acordo com Lerner, podemos ter um exemplo dessa prática de mudança consciente da

mitologia a partir dos sacerdotes que buscavam ascender o poder dos deuses que eles cultuavam, e assim ascender o próprio poder:

[...] Samuel Noah Kramer explica essa mudança na teogonia como resultado da crescente influência de sacerdotes, que estão associados a templos e cidades específicos e seus soberanos. Esses sacerdotes passam a registrar os mitos antigos de maneira a servirem a fins políticos. Kramer observa na lista a ausência de Namu, a Deusa-Mãe, antes aclamada como criadora do universo e mãe dos deuses. Ele acredita que seus poderes tenham sido transferidos a seu filho Enki [...] (LERNER, 2019, p. 196).

De forma semelhante, a religião hebraica também passou por reformas. Os patriarcas, a fim de aumentarem seu poderio, suas terras e rebanhos, também elegeram um deus para legitimar suas ações. Esses homens alegaram ter alianças com o seu deus, que seria único em tudo. Único no céu, único em sapiência, em consciência e poder; e esse deus escolheu uma nação para levar seus mandamentos e assim corrigir o mundo de falhas. Este deus, que dentre muitos nomes, também é chamado de Jeová, teria prometido uma terra em que corre leite e mel, para aqueles que seguissem sua lei e aderissem à suposta aliança. Desse modo, fica muito claro como uma invasão a uma terra fértil seria legitimada por uma promessa outrora feita a um profeta qualquer: “terra, poder e qualidade de nação eram promessas implícitas na aliança” (LERNER, 2019, p. 237). Posto isto, para compreendermos nossa civilização e sua estrutura, precisamos conhecer o deus fabricado à imagem e à semelhança dos homens dominadores, o Deus-Pai, o maior patriarca.

3.3.1 Jeová, o Deus por excelência do patriarcado

Ó SENHOR, Deus do nosso antepassado Jacó, bendito sejas para sempre! Tu és grande e poderoso, glorioso, esplêndido e majestoso. Tudo o que existe no céu e na terra pertence a ti; tu és o Rei, o supremo governador de tudo. Toda a riqueza e prosperidade vêm de ti; tu governas todas as coisas com o teu poder e a tua força e podes tornar grande e forte qualquer pessoa.

(1 Crônicas 29:10-12)

Como comentamos anteriormente, os patriarcas fundaram uma nova crença que os respaldaria em suas ambições e conquistas. No entanto, a fé nesse deus

também exigiria o abandono de outras divindades, bem como total intolerância a esses deuses e seus cultos. Com a popularização do culto ao deus Baal e a deusa Aserá, ao longo do reinado do rei Acabe e Jezebel, sua rainha estrangeira, os hebreus tomaram uma atitude para a erradicação do culto a esses deuses que alegaram serem falsos e profanadores da existência do “verdadeiro deus”: “inspirada pelos profetas Elias e Eliseu, a adoração apenas a Jeová foi restabelecida depois de um golpe político e do assassinato de 400 sacerdotes de Baal em 852 a. C.” (LERNER, 2019, p. 210). A quebra com a aliança de Jeová acarretaria muitas consequências ao macho da espécie humana. O homem que não fizesse parte da comunidade a qual Jeová seria seu único deus e senhor não possuiria legitimidade para se apossar de terras e nem para impor a suposta superioridade masculina, pois não faria parte do povo eleito²⁰.

Jeová realizou algumas alianças com os seus intermediários homens, dentre eles estão: Abraão, que teria sido o primeiro patriarca a quem esse deus único se revelou, prometendo-lhe terra e uma descendência que seria tão numerosa quanto o pó da terra (Gênesis 13:16) em troca de que o seu povo eleito tivesse uma marca dessa promessa. A marca requerida foi a circuncisão do pênis que até hoje se realiza entre os judeus (povo descendente dos hebreus); depois veio Moisés, que, resgatando os hebreus do Egito e conduzindo-os por 40 anos pelo deserto a tal terra prometida, apresentou as tábuas com os dez mandamentos, extinguiu o culto às divindades que carregavam a simbologia do touro²¹, substituindo esse símbolo de adoração pela Arca da Aliança; e finalmente, Davi, que além de ser descendente de Abraão, pôde justificar suas empreitadas militares e seu direito à liderança pela unção recebida do profeta Samuel. E, assim, esses patriarcas aniquilaram a figura da Deusa-Mãe, como também de outro qualquer deus, impondo uma divindade única e masculina:

²⁰ Gostaríamos de deixar bem claro e frisado que quando falamos sobre a legitimidade que o homem teria utilizado através da religião hebraica/ judaica/ cristã para instituir o sistema patriarcal, não estamos atribuindo toda culpa da criação e instauração dessa estrutura a essas cosmogonias. Compreendemos que a religião que tem como centro o deus Jeová foi (e é) um dos inúmeros mecanismos que o patriarcado se utilizou (e se utiliza) para ascender e se estabelecer no poder no Ocidente. É óbvio que no Oriente o patriarcado surgiu, se desenvolveu e se instaurou tão solidamente quanto no Ocidente. Porém, os processos que o Oriente passou para a instauração patriarcal se deu por meio de outros mecanismos que não fazem parte do recorte desta pesquisa.

²¹ Segundo William G. Dever, em *Did God Have a Wife?*, Jeová, antes de usurpar o poder e suprimir os outros deuses, também fora representado como touro (DEVER, 2005, p. 258).

O que é mais impressionante é a omissão de qualquer papel simbólico ou ritualístico da mãe no processo de procriação. Deus abençoa a semente de Abraão como se fosse autógena. A imagem dos seios da deusa da fertilidade amamentando a terra e os campos foi substituída pela imagem do pênis circuncidado, símbolo do contrato entre homens mortais e Deus. A imortalidade coletiva, na forma de muitas gerações de crianças, terra, poder e vitória sobre os inimigos, é prometida às pessoas da aliança, caso cumpram com suas obrigações, dentre as quais a circuncisão é a principal ('E o varão incircunciso, que não tiver circuncidado a carne do prepúcio, esta alma será extirpada de seu povo; ele quebrou a Minha aliança' [Gênesis 17:14].) (LERNER, 2019, p. 238-239).

Se um dia os símbolos divinos envolviam seios,²² quadris ou vulva, já não seria mais assim daí em diante. A Deusa-Mãe foi destronada, seu poder usurpado e lentamente foi apagada. Esse fenômeno, de acordo com Gerda Lerner (2019), aconteceu em diversas culturas e em épocas diferentes no Ocidente, mas geralmente apresenta os mesmos processos históricos: “onde quer que ocorram essas mudanças, o poder da criação e da fertilidade é transferido da Deusa para o Deus” (LERNER, 2019, p. 188). Inclusive, segundo Raphael Patai em seu livro *The Hebrew Goddess* (1990), antes de Jeová estabelecer sua dominância, havia duas deusas (que depois seriam assimiladas por Jeová) que apareceram como agentes criadoras: Ruah, que aparece em a *Canção da Criação*, como uma ave que choca um ovo sobre o caos e assim cria o universo; e Shekhinah, também conhecida como esposa de Deus, que tendo a forma de uma nuvem, detinha o poder criador antes do deus macho.

Entretanto, exterminar as práticas de cultos a outros deuses por violência direta não bastaria. As pessoas precisariam acreditar que um deus macho e único seria o responsável pela criação de tudo que existe. Foi então que o hebraísmo se utilizou de um outro sistema simbólico de criação. A criação a partir da poderosa voz de Deus: “nada existe a não ser que tenha um nome. O nome significa existência” (LERNER, 2019, p. 193).

²² Embora o falo tenha se tornado o símbolo central do patriarcado, assim como das religiões patriarcais como o hebraísmo, o judaísmo, o muçulmanismo e o cristianismo, William G. Dever (2005) aponta que o epíteto “El-Shadday” que Jeová carrega faz referência a dois deuses primitivos: El (que seria o deus da tempestade) e Shadday (deusa que representaria a Terra e as montanhas seriam seus seios). Assim, “El-Shadday” seria um deus masculino com seios femininos. Evidentemente, essa noção foi perdida ao longo dos anos, e os atributos femininos assimilados foram esquecidos, apagados e encobertos.

Gerda Lerner (2019) explica que, de acordo com evidências, no período entre o terceiro e o segundo milênio a. C., esse novo conceito de criação surge no pensamento sacro. Muitas vezes, antes de existir a matéria da criatura, sua essência já era pré-determinada pelo nome, como quando Jeová nomeou ao filho de Davi por Salomão e prometeu que o reinado dele seria pacífico, porque Salomão deriva da palavra hebraica “*shalom*”, que significa “paz e segurança” (1 Crônicas 22:9). A nomeação poderia acontecer após ao nascimento e também depois de um marco na narrativa da personagem, gerando renomeações e epítetos: “a nomeação tem profundo significado no sistema de crenças da Antiga Mesopotâmia. O nome revela a essência de quem o carrega; ele também tem poder mágico” (LERNER, 2019, p. 194). Outro exemplo disso na mitologia judaica-cristã pode ser observado quando Jacó, já adulto, passa a se chamar Israel, pois, segundo o Gênesis, Jacó lutou com Deus e venceu, então este nome em hebraico se assemelha com “luta com Deus” ou “Deus luta” (Gênesis 32:26-31). O nome revela que Jacó, depois dessa experiência, não é mais o mesmo. Portanto, Deus o renomeia para que todos, ao ouvirem seu nome, saibam quem Israel é e o que representa. Dessa forma, para Jeová criar, basta falar e a mágica acontece: “— que haja luz! E a luz começou a existir” (Gênesis 1:3). A criação se manifesta a partir de um nome (o que podemos definir por nome próprio ou substantivo), um conceito que revela sua essência e seu destino.

Quando Jeová fala é o suficiente para que se suceda. A sua voz e sua palavra devem ser ouvidas e cumpridas; e os homens a quem Jeová falaria, fariam se realizar as vontades e os mandamentos do deus macho – tal como eles. Como já dissemos, os profetas de Jeová são homens, os reis de Jeová são homens, seus juizes e sacerdotes são homens. Evidentemente, temos o conhecimento de algumas profetisas e juizas na tradição hebraica, como: Miriã (Êxodo 15:20), Débora (Juizes 4:4), Hulda (2 Crônicas 34:22), Noadia (Neemias 6:14) e uma profetisa sem nome (Isaías 8:3) – o que representa casos pontuais e contundentemente ignorados nas recontagens posteriores dos mitos. Como exemplo disso, segundo Fridlin (1989), quando os cantos do Êxodo são reiterados no *Sidur*, que é o livro de orações do judaísmo rabínico, a referência a Miriã é completamente omitida. Também em Apocalipse 15:3-4, oriundo do arcabouço do recém-surgido cristianismo (na época, ainda ligado à tradição judaica), também Miriã desaparece. Quanto às demais, é mais difícil constatar essa ausência porque toda a narrativa em que elas se inserem costuma ser ignorada. Além da batalha de Monte Tabor (em que aparece Débora),

raramente sequer são mencionadas nos livros de educação religiosa ou mesmo nas cerimônias. Podemos assinalar como uma forte evidência desse apagamento o livro de catequese *Eu Creio – pequeno catecismo católico* (2004), em que essas profetisas e juízas não são contadas, com exceção de Miriã (Miriam), a qual apenas o nome é mencionado uma única vez e junto a outros nomes de personagens bíblicos, mas nenhuma alusão é feita à história da profetisa. Por outro lado, os profetas homens como João Batista, Elias, Isaías, João etc., são largamente citados.

No entanto, não há notícias de sacerdotisas hebraicas. No estabelecimento do sacerdócio (Êxodo 28:1) é explicitado que os sacerdotes serão os descendentes homens de Aarão. Dessa maneira, sabendo-se que o estabelecimento do templo (e, portanto, de toda a casta sacerdotal) é o movimento final que antecede o estabelecimento do texto sagrado, e, portanto, de todo o judaísmo (posteriormente, também o cristianismo) como nós conhecemos hoje, é lícito ver aí a culminação do apagamento do protagonismo feminino na história mítica de Israel.

Apesar de as origens do texto e das instituições da religião hebraica estarem envoltas na bruma do tempo, o momento mais antigo em que é possível falar que o texto ainda não se tinha cristalizado é durante as reformas de Esdras e do Cisma Samaritano (que ocorrem na mesma época) por volta de 450 a. C. O texto samaritano até hoje diverge da Torá rabínica em pontos importantes, e no próprio livro de Esdras-Neemias há menção de que o texto da Lei era desconhecido do público (Neemias 8:7-8). Para Gerda Lerner, Esdras e Neemias foram os responsáveis pela fusão final dos livros do Pentateuco, quando o reino de Judá se encontrava subjugado pelo domínio persa. Isso “representou a canonização da Lei Judaica e a realização suprema do pensamento religioso judaico no período arcaico” (LERNER, 2019, p. 206).

Gunneweg (2005) fala sobre esse momento histórico em que a religião é estabelecida não mais em bases tribais étnicas, mas num texto codificado, ao qual deve obediência jurídica aquele que a confessa. Esse é o início do judaísmo (antes, pode-se falar em religião hebraica ou judaísmo antigo).

É importante ressaltar que Esdras era descendente do último Sumo Sacerdote do Primeiro Templo (cuja existência tem muito de mítica, todavia provavelmente teve uma base na realidade), ou seja, ele tinha o conhecimento necessário e todo o interesse investido em reservar o papel sacerdotal para si e para os homens da sua família. Mantendo a base da religião num texto (quer esse texto lhe preexistisse ou não), era bem menos viável uma reforma que retirasse o poder da religião das mãos

deles e de seus descendentes homens. De acordo com Lerner (2019), tanto o avanço cultural/conceitual do judaísmo quanto os conceitos patriarcais estruturadores do monoteísmo judaico foram influenciados pelos mesmos contextos históricos. Logo, não há como se dissociar o monoteísmo judaico – a qual o cristianismo é oriundo – da centralização do poder masculino e do sistema patriarcal.

A mulher, estando relegada à esfera privada, estava alienada tanto da sua própria religião quanto do mundo. Convencida de que gozava de um precioso privilégio, não precisaria aprender a ler (logo, não poderia decifrar por si mesma os textos sagrados), não precisaria ir a templos ou tendas religiosas em busca de conhecimento e estaria “isenta” do serviço religioso público. A mulher poderia viver uma vida feliz e prosaica junto aos filhos encarcerada em casa. Ela aprenderia os mandamentos de um suposto deus que regeria a sua vida pela boca do homem a quem pertencesse; seu pai, seu irmão ou seu marido e como seria a curadora dos interesses do seu proprietário, estaria encarregada de doutrinar a prole segundo tais interesses. É imperativo o fato de que a esfera doméstica da religião era subordinada (e quase uma repetição reafirmativa) dos ditames da esfera pública. Jamais seriam toleradas inferências ou interpretações que fugissem de alguma maneira aos ensinamentos e regras patriarcais. Sem o conhecimento da teocracia que a oprimia, como perceberia suas incoerências e como lutaria por melhoria? E ainda que o fizesse, quando percebesse a tremenda desvantagem a qual estaria submersa, seria tarde demais:

Ele fez pacto e contrato apenas com os homens. A circuncisão como símbolo de aliança expressava essa realidade. Apenas homens podiam fazer a mediação entre Deus e os humanos. Isso manifestava-se de modo simbólico no sacerdócio de exclusividade masculina, nas várias formas de se excluir as mulheres do ritual religioso mais importante e significativo: ou seja, a exclusão da formação do *minyán*; os assentos segregados no templo; a exclusão como participantes ativas das funções do templo etc. Às mulheres era negado o igual acesso ao aprendizado religioso e ao sacerdócio; dessa maneira, negou-se a elas a capacidade de interpretar e alterar o sistema de crenças religiosas (LERNER, 2019, p. 247, grifo da autora).

Mas antes dos profetas e reis de Jeová, existiu o primeiro homem ao qual Deus teria transferido o dom na nomeação e a autoridade masculina. Para tornar mais compreensível a ideia de que a figura masculina é o agente nomeador e significador das coisas – e, com isso, também da mulher – recorreremos a dois mitos de criação,

ambos muito conhecidos no Ocidente: um hebraico/cristão, em que o nomeador é Adão, e o outro mito é grego, no qual o nomeador é Zeus, o rei dos deuses olímpicos.

3.3.2 Adão, ditador de nomes e papéis

[...] se dice que el gran tamaño de Adán y su semblante radiante pasmaron de tal modo a los ángeles que lo llamaron “el Santo”, y volvieron temblando al Cielo. Preguntaron a Dios: “¿Puede haber dos poderes divinos, uno aquí y el otro en la Tierra?”

Robert Graves e Raphael Patai

Sabe-se que os mitos da origem do mundo, bem como a criação do ser humano, da fauna e da flora são narrativas comuns que surgiram entre os povos de todos os continentes para dar explicação à existência do mundo. Para os ocidentais, os mitos de criação da humanidade mais difundidos são o da mitologia cristã (que traz Adão e Eva como centro da narrativa) e os da mitologia grega da Antiguidade Clássica (que tem como personagem principal Pandora e conta com o mito das cinco raças).

A mitologia cristã está disposta em uma coleção de livros, chamada Bíblia²³. Ela começa com o livro do Gênesis, descrevendo como Deus teria criado em seis dias o Universo e tudo que há nele; e termina com o livro do Apocalipse que seria sobre profecias do fim do mundo. No início do Gênesis (1:25-26), Deus criou o homem no sexto dia, após já ter criado toda a natureza:

Deus fez os animais, cada um de acordo com a sua espécie: os animais domésticos, os selvagens e os que se arrastam pelo chão. E Deus viu que o que havia feito era bom.

Aí ele disse: — Agora vamos fazer os seres humanos, que serão como nós, que parecerão conosco.

Na última linha supracitada, Deus diz que os humanos se “parecerão conosco”; isso poderia denotar que Deus não estaria sozinho e seria uma evidência da remanescente crença politeísta a qual já nos referimos no tópico anterior. Voltando à narrativa da criação, vê-se que Deus teria criado o ser humano para se reproduzir e

²³ A versão da Bíblia que adotamos para esta Dissertação foi a Católica Apostólica Romana, traduzida, editada e comentada pela Editora Paulinas. A eleição por essa versão se deu pelo motivo da quantidade de livros que a Bíblia católica tem em detrimento da Bíblia protestante, sendo a quantidade, respectivamente, 73 e 66 livros.

para reinar sobre todas as criaturas da Terra (Gênesis 1:28), inaugurando aí a ideia de sucessão e descendência que depois será firmada em aliança com o povo eleito de Deus:

E os abençoou Deus dizendo: — Tenham muitos e muitos filhos, espalhem-se por toda a terra e a dominem. E tenham poder sobre os peixes do mar, sobre as aves que voam no ar e sobre os animais que se arrastam no chão.

Vendo Deus que seu trabalho havia terminado, ao sétimo dia, descansou. Posteriormente, a narrativa da criação do ser humano retorna com o enredo em que o homem foi feito da terra e, para torná-lo vivente, Jeová soprou em suas narinas o fôlego da vida. Depois que Adão foi animado pelo espírito de Deus, Ele levou a Adão todas as outras criaturas para que fossem nomeadas por aquele que seria o senhor sobre todas elas. Para Gerda Lerner (2019), a narrativa aí traz um conceito diferente de criação; pois Jeová não cria Adão apenas por chamar seu nome; ele é fabricado do barro, mas o sopro é o que aviva a sua matéria – o que estaria de acordo com a proposta dela, já citada, de que a Deusa-Mãe é usurpada e suprimida pelo poder de um Deus-Criador que foi assimilado a um deus da tempestade e do sopro (ar ou vento). Observamos que, em outros trechos da Bíblia, essa simbologia de Jeová como deus da tempestade, de ventos, tormentas, nuvens, trovões etc., aparece com certa recorrência, como exemplo: Salmos 29, Salmos 83:15, Salmos 148:8, Isaías 29:6, Jeremias 23:19, Jeremias 30:23, Ezequiel 13:13, Ezequiel 38:9, Hebreus 12:18-21, entre muitos outros. “Sendo assim, o sopro divino cria, mas o ato humano de nomear dá significado e ordem. E Deus dá a Adão o poder desse tipo de nomeação” (LERNER, 2019, p. 226), como podemos observar nestas palavras:

Depois que o SENHOR Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves, ele os levou ao homem para que pusesse nome neles. E eles ficaram com o nome que o homem lhes deu. Ele pôs nomes nas aves e em todos os animais domésticos e selvagens. Mas para Adão não se achava uma ajudadora que fosse como a sua outra metade.

Então o SENHOR Deus fez com que o homem caísse num sono profundo. Enquanto ele dormia, Deus tirou uma das suas costelas e fechou a carne naquele lugar. Dessa costela o SENHOR formou uma mulher e a levou ao homem. Então o homem disse:

“Agora sim!

Esta é carne da minha carne
e ossos dos meus ossos.

Ela será chamada de ‘mulher’
Porque Deus a tirou do homem” (Gênesis 2:19-23).

Nesse trecho do Gênesis, podemos refletir sobre a relação de Jeová com Adão e este, com a mulher. Primeiro, como já observamos, Deus transfere a Adão o dom nomeador. Gerda Lerner (2019) atenta que se pode fazer a interpretação da palavra hebraica *adam* (Adão para a Língua Portuguesa) como “humanidade”, dessa maneira, Jeová teria dado ao gênero humano o poder de nomear. Porém, a própria Bíblia ceifa essa suposição, já que, em toda ela, são os homens que nomeiam e não as mulheres. Então, “[...] Deus concedeu o poder somente, e de modo específico, ao ser humano do sexo masculino” (LERNER, 2019, p. 226). Gerda Lerner ressalta outra suposição que consiste em avaliar que esse dom teria sido transferido somente a Adão nesse momento, pois a mulher não teria sido criada ainda, mas essa interpretação, obviamente, não se sustenta; porque o ato de nomear ocorre novamente na narrativa mais à frente, em Gênesis 2:23, em relação a própria mulher, em que Adão lhe põe um nome do mesmo jeito que faz a todas as outras criaturas. É possível perceber que cada um é nomeado pelo seu Senhor. Adão por Deus. Eva por Adão:

Nesse caso, nomear não só é um ato de criatividade, como define Mulher de modo muito específico, como parte “natural” do homem, carne de sua carne, em uma relação que é uma inversão peculiar do único relacionamento humano para o qual tal afirmação pode ser feita, a saber, o da mãe com a criança (LERNER, 2019, p. 226, grifo da autora).

Adão, sendo o nomeador de tudo, estabelece uma série de dicotomias. Adão *versus* animais. Adão *versus* plantas. Adão *versus* Eva. E nessas dicotomias ele age como a força dominante e/ou superior. A Bíblia mostra que Adão não só a chama de mulher pela oposição direta do ser homem, tanto quanto escolheu seu nome próprio atribuindo-lhe uma essência, um destino, um papel: “o homem pôs na sua mulher o nome de Eva por ser ela a mãe de todos os seres humanos” (Gênesis 3:20). Nessa parte, o editor²⁴ faz um grifo na palavra “Eva” e na nota de rodapé esclarece que Eva em hebraico significa “vida” e soa semelhante à palavra que significa “seres humanos”. No entanto, observando o dicionário *A comprehensive etymological dictionary of the Hebrew language for readers of English* (1987), percebemos que a

²⁴ A versão da Bíblia utilizada para este trabalho conta com comentários e notas atribuídos ao próprio editorial.

palavra “Eva”, que em hebraico se escreve “חַוָּה” se assemelha à palavra “חַיָּה”, que significa “animal”. Como nos textos mais antigos da Torá, a letra ו (vav) e a letra י (iod) eram muitas vezes intercambiáveis, e como a raiz de ambas as palavras é a palavra “חַיָּה”, que significa “vida”, o significado de “Eva” estaria mais aproximado a “mãe de todos os viventes” em vez de “seres humanos”. Logo, entendemos que existe uma tênue distinção entre ser “mãe de todos os seres humanos” a ser “mãe dos viventes”, que, para nós daria uma outra noção ao papel de Eva, como se a primeira mulher estivesse mais condicionada a ser uma vivente, semelhante aos animais, do que propriamente humana, como Adão.

Eva, criada da costela²⁵ de Adão, foi feita para ser esposa dele (não importando se isso seria do agrado dela ou não). Uma ajudadora idônea como a Bíblia afirma, e como já diz seu próprio nome, criada também para ser mãe. Papel imposto de antemão, sem qualquer consulta a ela sobre a escolha de gerar e seus desejos para com sua própria vida.

Sendo Jeová o deus do patriarcado, ele elege o macho como a matriz da vida, da lei, da ordem. Adão pare Eva de seu interior, mas de uma maneira que destitua o ato de criação do gênero feminino. Ela é criada a partir do osso²⁶ do macho. Uma vez que a mulher tenha sido criada de uma partícula do homem, isso conferiria a ele uma autoridade maior que o mesmo teria diante aos animais e às plantas. A mulher, por assim dizer, teria sido parida pelo homem por meio da costela que saiu de seu próprio corpo. Segundo Gerda Lerner (2019), o homem, com esse ato, se define como a mãe do gênero feminino. Destacamos que a mulher representaria apenas parte de sua

²⁵ Sobre a anedota da criação de Eva, Graves e Patai nos trazem uma perspectiva em que a narrativa da retirada da “costela” de Adão seria um mito etiológico para explicar como o ser humano perdeu a cauda: “La creación de Eva por Dios con la costilla de Adán – mito que establece la supremacía masculina y oculta la divinidad de Eva – carece de análoga en el mito del Mediterráneo o del Medio Oriente primitivo. La fábula tal vez se deriva iconotrópicamente de un relieve o una pintura antigua donde aparecía la diosa desnuda Anat suspendida en el aire observando a su amante Mot dando muerte a su mellizo Aliyan; Mot (confundido por el mitógrafo con Yahvéh) introducía una daga curva bajo la quinta costilla de Aliyan y no le quitaba la sexta. Apoya la fábula conocida un oculto retruécano con *tsela*, la palabra hebrea que significa ‘costilla’. Eva, aunque destinada a ser la compañera de Adán, demostró que era una *tsela*, un “obstáculo” o ‘infortunio’. La creación de Eva con la cola de Adán es un mito todavía más perjudicial, tal vez sugerido por el nacimiento de un niño con el vestigio de una cola en vez de un coxis, lo que no es infrecuente” (GRAVES; PATAI, 2018, p. 77). Contudo, segundo Ziony Zevit em *What Really Happened in the Garden of Eden?* (2013), o osso de Adão, do qual Eva teria sido criada, seria o osso do pênis, observado em outros primatas, mas não no homo sapiens – o que ainda assim seria uma evidência que a narrativa de Adão e Eva seria um mito etiológico, porém, para explicar a perda do osso na genital masculina humana.

²⁶ Na *Teogonia* de Hesíodo, Zeus pede a Prometeu que faça um sacrifício. Nesse sacrifício, os deuses ficariam com os ossos da oferenda, que representaria a eternidade e supremacia dos deuses, e os homens ficariam com a carne, que representa a decrepitude e finitude humana.

carne, apenas uma partícula, enquanto o corpo inteiro, como representação de totalidade e perfeição, seria o próprio Adão. Dessa forma, a simbologia aponta que Eva deveria submissão ao seu Homem, sua Mãe, seu Nomeador, Senhor e Marido. Eva teria sido “fabricada” para e a partir de Adão. A ele foram dados poder e autoridade divinos transferidos pelo próprio Deus. No entanto, a necessidade da afirmação do poder de Adão diante de Eva, estabelecendo de antemão seu nome e seu papel, poderia evidenciar uma precaução para prevenir um mal para si ou, quiçá, seria fruto de uma frustração experimentada anteriormente. No capítulo “Um mito chamado mulher: na tragédia, no texto religioso e na vida real”, teremos um subcapítulo em que aprofundaremos a discussão acerca dessa hipótese, introduzindo a discussão sobre uma outra “primeira mulher”: a mulher-pesadelo, Lilith.

Não obstante, Eva, apesar de ser “idônea” e desempenhar a função que lhe foi imposta, foi tida como aquela que trouxe desgraça à humanidade. Essa atribuição a faz semelhante a outra mulher que também foi criada “perfeita”, no entanto, era um receptáculo de tribulações. No tópico a seguir veremos como o deus do trovão da mitologia grega também usou uma mulher para implementar e fortalecer o patriarcado, culpabilizando-a segundo seus caprichos.

3.3.3 Zeus e seu presente de grego

O sistema olímpico familiar foi então combinado nos termos de uma conciliação entre as visões helênica e pré-helênica: uma família divina com seis deuses e seis deusas, chefiada pelos cossobranos Zeus e Hera, formando um Conselho de Deuses ao estilo babilônico. Mas, após uma rebelião da população pré-helênica, descrita na Ilíada como uma conspiração contra Zeus, Hera tornou-se subserviente a ele.

Robert Graves

Nos tópicos anteriores, pudemos perceber como a sociedade se transformou gradativamente: modificou e ressignificou seu sistema de simbologias sacras a fim de instaurar um crescente pensamento e uma estrutura que em tudo favorecesse o homem. Por conseguinte, lidamos com a “morte” da Deusa-Mãe e a ascensão de um deus masculino intempestivo e punitivo. Anteriormente, traçamos a linha da Grande Deusa até Jeová, o Deus judaico-cristão, que, com sua palavra e autoridade, instituiu

mandamentos que desde Adão outorga a supremacia masculina. Agora, vamos traçar a linha partindo da Deusa até Zeus, o rei do Monte Olimpo.

Se na mitologia cristã temos a Bíblia como a palavra de Jeová para que as pessoas não se olvidassem ou se desviassem de seus mandamentos patriarcais, na mitologia grega temos as obras de Hesíodo que, pela possível inspiração das Musas²⁷, conta à humanidade a história dos deuses, dos titãs e – como era de se esperar – a origem de tudo que há no universo. E, apesar da literatura mitológica grega não conter mandamentos e restrições claras e cruas como na Bíblia, os mitos geralmente traziam uma moral ou lição. A mitologia, portanto, servia como um recurso pedagógico para a civilização grega.

Gerda Lerner explica (2019) que a Grécia, do oitavo ao quinto séculos a. C., era uma civilização com estratificação de classe, com a prática escravagista consolidada e inteiramente patriarcal (semelhantemente aos seus vizinhos Mesopotâmia e Israel), e que, a despeito das acaloradas e polêmicas discussões sobre a vida doméstica das mulheres tidas como respeitáveis, bem como os ambientes segregados entre homens e mulheres, a sujeição tanto social como legal em que as mulheres viviam era indubitável. Então, o pensamento e literatura de Hesíodo acompanham essas mudanças e agem naquele mesmo esquema que já citamos e que Lerner desvendou para nós:

Sua obra Teogonia define e elabora a ascensão do deus da tempestade, Zeus, à principal posição no panteão grego dos deuses. Com certeza, Hesíodo não inventou esse mito de transformação, que é um tanto semelhante aos mitos mesopotâmicos que discutimos, nos quais deuses homens tomam o poder das forças do caos relacionadas às deusas da fertilidade. A Teogonia de Hesíodo reflete uma mudança nos conceitos de religião e gênero, o que já havia ocorrido na sociedade grega. Como descrito por Hesíodo, o conflito entre os deuses manifesta-se em termos de tensão entre homens e mulheres e entre gerações (LERNER, 2019, p. 251).

Gerda Lerner (2019), como mostra a citação, faz uma análise comparada dos fenômenos de instituição patriarcal entre as culturas banhadas pelo Mediterrâneo. Podemos perceber que os gregos deixaram o rastro de como Zeus chegou ao trono –

²⁷ Deusas das artes, da história e da literatura. É comum que os poetas gregos da Antiguidade Clássica evocassem as Musas antes de escreverem seus poemas épicos, pois somente elas conhecem a história de tudo e podem contar para que saibam. Até mesmo Zeus solicita que as Musas o contem suas próprias histórias.

diferente da mitologia cristã que apagou o quanto pôde a lembrança da Deusa primordial. Segundo uma das versões do mito da origem, Gaia, a Deusa-Mãe, juntou-se com seu filho Urano e eles tiveram muitos filhos. Essa união pode ser interpretada como não consensual, forçosa e violenta, visto que, no poema, Hesíodo diz que Gaia foi “comprimida” por Urano. E, segundo Jaa Torrano (comentarista e tradutor da obra de Hesíodo), a fecundação de Urano sobre a Terra “não conhecia regras nem a reflexão sobre conveniências e consequências” (HESÍODO, 1995, p. 52). Assim, podemos intuir que, desde tempos remotos, os mitos apresentavam que a dominação patriarcal, comumente, se estabelece sob o signo da violência, do estupro e da coerção.

Dentre a vasta prole gerada por Gaia e Urano, está Cronos, o titã do Tempo. Cronos, incitado por sua mãe – que se indignava e desejava vingança pela opressão que os filhos sofriam sendo escondidos na escuridão dentro de si –, tomou o poder do pai, castrando-o com uma foice dada pela mãe. Destaquemos aqui a importante simbologia da castração: o símbolo maior de poder e domínio para o patriarcado é o pênis, que foi ceifado pelo filho macho. Gaia detinha a foice, mas não poderia usá-la, pois ela não teria um falo para legitimar a sua tomada de poder. Dessa forma, compreendemos que a narrativa coloca Gaia na posição que o patriarcado deseja: ela se insurge por meio de um macho e não por contra própria, como também sua insurreição é motivada pelo apelo maternal e não por estar oprimida e subjugada.

Cronos, após destronar o pai, evitou ao máximo que o mesmo ocorresse consigo, devorando os filhos recém-nascidos. No entanto, Zeus escapa de ser comido pelo titã, pois sua mãe Reia o troca por pedras envoltas por um pano. Então, enquanto Cronos, despreocupado, reina sobre o universo, Zeus cresce escondido de seu pai. Quando atinge certa idade, luta contra Cronos e rouba-lhe o poder tantas vezes já roubado. Mas, Zeus herda de seu pai o medo de ser traído por sua própria prole. Assim, usando de artimanhas, logra devorar sua esposa, Métis, para que ela não tenha filhos e ele não corra nenhum risco. Zeus, dessa maneira, de acordo com Gerda Lerner, assimila o dom de procriação da esposa. Porém, Métis foi engolida já grávida e a criança se desenvolve na cabeça de Zeus. Conta a *Teogonia* que Zeus não suportava as dores de cabeça a ponto de pedir para que lha partissem. Quando o crânio do deus dos raios é rompido, nasce Atena, já adulta com armadura e tudo. Dessarte, podemos entender que as dores representariam as dores do parto e que Zeus agora tinha uma filha parida de seu crânio. Ela, nascida da cabeça de um deus

macho, embora fosse uma deusa fêmea, teria atributos masculinos e passaria a representar forças de ordem, justiça e sabedoria. E, como observa Gerda Lerner (2019), Zeus, da mesma forma que Jeová, toma o trono e o dom da procriação sem precisar de uma figura feminina para o ato criador. Logo, podemos dizer que as obras de Hesíodo cumpriram um papel equivalente ao Gênesis. Lerner ressalta que as tensões e as contradições existentes entre as diferentes classes sociais e a tentativa de ascensão da classe rural pobre para a média contribuíram para a misoginia nos poemas de Hesíodo no século VII a. C.:

A misoginia de Hesíodo é tanto consagrada quanto mítica. Em sua comparação da “boa esposa” – casta, trabalhadora, frugal e alegre – com a “má esposa”, ele determina padrões para a definição de gênero por homens de sua classe e encontra um bode expiatório conveniente para os males da sociedade de seu tempo. Em sua versão do mito de Pandora, consegue o que o mito hebraico conseguiu na história da Queda – culpa a mulher e sua natureza sexual por trazer a maldade para o mundo (LERNER, 2019, p. 251, grifos da autora).

As obras *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo (VIII a. C. - VII a. C.) são as mais referenciadas dentre a mitologia grega no que concerne à origem das coisas. Em *Os trabalhos e os dias*, Hesíodo narra “O mito das cinco raças”, que seriam respectivamente: a raça de ouro, a raça de prata, a raça de bronze, a raça dos heróis e a raça de ferro (Hesíodo lamenta por ter nascido nela). Mas antes de enunciar “O mito das cinco raças”, Hesíodo narra o mito de Prometeu e Pandora.

Pandora²⁸, como o nome já diz, detentora de todos os dons, teria sido a primeira mulher criada. E sua criação também servia a um propósito: não necessariamente para gerar filhos aos homens, e sim como objeto de vingança a estes. Estando Zeus em desavença com Prometeu que lhe roubou o fogo para dar aos humanos, Zeus maquinou um mal terrível como vingança:

Filho de Jápeto, mais que todos fértil em planos, alegras-te de ter roubado o fogo e enganado minha inteligência, o que será uma grande desgraça para ti próprio e para os homens futuros. Para compensar o fogo lhes darei um mal, com o qual todos se encantarão em seu espírito, abraçando amorosamente seu próprio mal (HESIODO, 2012, p. 65).

²⁸ Pandora (Πανδώρα) Παν – Pan: “tudo/ todo(s)”; δώρα – dora: “dom/dons”. “Pandora, porque todos os que têm moradas olímpias deram essa dádiva, desgraça para os homens que vivem de pão” (HESIODO, 2012, p. 69).

Zeus pediu que Hefesto²⁹, o deus inventor, fabricasse uma mulher com feições respeitáveis e aos deuses olímpicos que lhe enchessem de dons, porém a Hermes pediu que desse um mau caráter: “então, o mensageiro matador de Argos fez em seu peito mentiras, palavras sedutoras e um caráter fingido, por vontade de Zeus que grave troveja [...]” (HESÍODO, 2012, p. 67). E assim se fez Pandora. Prometeu, ciente que Zeus era ardiloso e vingativo, avisou a seu irmão Epimeteu que nada recebesse do rei dos deuses. Contudo, quando Epimeteu foi presenteado com uma mulher tão linda quanto uma deusa, nem pensou em recusar.

Pandora, após estar na Terra, removeu a tampa do jarro que continha dentro todos os males, restando guardada apenas a Antecipação³⁰. Por conseguinte, o homem passou a conhecer a fome, a doença, o trabalho, a fadiga. A culpa é atribuída a ela, sem embargo, não se discute que Zeus foi o idealizador dela e que, possivelmente, por vontade dele, teria sido que ela tivesse removido a tampa, pois no mito Hesíodo diz que ela teria se apressado a baixar a tampa “[...] por vontade de Zeus que ajunta nuvens, o detentor da égide” (HESÍODO, 2012, p. 71).

Pandora, sem escolha, teria trazido desventuras aos homens, tal como Eva. Recordemo-nos mais uma vez que Eva também sofreu com a mesma acusação por comer do fruto do conhecimento. E, apesar das mulheres satisfazerem aos propósitos para os quais teriam sido criadas, não encontram gozo ou bom logro com isso. Ao contrário: carregam uma série de estigmas pelo fato de serem mulheres. Quando bom, são ligadas a papéis de esposas, mãe, donas de casa; quando mau, são lascivas, falsas, perigosas, vulgares. Indireta e diretamente, o discurso misógino de que a mulher precisa estar alinhada com os papéis de mãe, esposa e dona de casa, caso contrário é uma mulher que nega o plano natural de sua própria existência e, portanto, é uma aberração, possui uma força brutal que atravessa as Eras. O discurso machista vira uma cartilha aderida por todos em uma comunidade. Veremos, posterior e mais detalhadamente, como a misoginia se torna senso comum na boca das pessoas em

²⁹ Nas tradições orais mais antigas do mito, Prometeu é tanto o criador como o nomeador de Pandora, a primeira mulher desta geração humana.

³⁰ Nessa tradução de *Os trabalhos e os dias*, o tradutor escolheu traduzir o termo para Antecipação, porém, comumente se traduz por Esperança. Ele não explica o porquê da escolha, no entanto, pode-se encontrar equivalência se pensarmos a Esperança como um sentimento fatigoso de anseio, assim como a Antecipação.

Medeia, de Eurípides. Entretanto, inicialmente, conheçamos Jasão, marido de Medeia, um exemplo de homem medíocre que o patriarcado privilegia.

3.3.4 Jasão: homem, grego e príncipe

Jasão ficou paralisado, estupefato, perguntando-se como poderia realizar essas façanhas extraordinárias, mas Eros disparou uma de suas flechas, cravando-a fundo no coração de Medeia.

Robert Graves

Jasão³¹, segundo a tradição grega, foi um príncipe nascido no reino de Iolcos (Tessália). Filho do rei Esão e da rainha Alcimedede (ou Polimedede), enfrentou grandes tribulações desde muito jovem. Quando ainda era uma criança bem pequena, seu tio, Pélias, resolveu usurpar o trono de Iolcos, que pertencia a seu meio-irmão.

Pélias e Esão tinham a mesma mãe, chamada Tiro; mas seus pais eram diferentes. O pai de Esão era o rei Creteu – que, ao morrer, deixou a coroa para seu primogênito – e o pai de Pélias era Poseidon. Assim, por ser filho de um deus, Pélias acreditava que era mais digno que o meio-irmão, filho de um reles mortal, para ocupar o trono. À vista disso, o usurpou.

Em uma das versões do mito, Pélias teria matado Esão e se casado, forçosamente, com a cunhada, Alcimedede (mãe de Jasão). Em uma outra, Esão, já idoso, teria confiado seu reino ao irmão. Todavia, geralmente, as versões concordam que Jasão é salvo da truculência do tio: “protegido e criado pelo centauro Quíron³², Jasão aprendeu com ele todas as habilidades necessárias a um guerreiro e recebeu seus cuidados nos momentos mais difíceis em que o herói deveria consumir suas façanhas” (ROBLES, 2006, s. p.).

Enquanto Jasão vivia seu exílio aprendendo com o sábio centauro, Pélias se tornava cada vez mais tirano e paranoico. Hera, observando que o rei, no alto de sua arrogância, não lhe rendia tributos, decidiu vingar-se. Por isso, começa a trama de Jasão, Medeia, os argonautas e outros, pelo capricho da deusa, rainha do Olimpo.

³¹ JASÃO, em grego o *Ἰάσων*, provém etimologicamente, consoante Carnoy, da raiz indo-europeia *eis-*, *is-*, que expressa a ideia de *curar*: com efeito, *ἰάσις* (*íasis*) é cura. (BRANDÃO, 1987b, p. 175).

³² Segundo Junito Brandão: “foi o grande educador de heróis, entre outros, de Jasão, Peleu, Aquiles e Asclépio” (BRANDÃO, 1987a, p. 90).

Junto às Moiras, Hera traça os destinos dos gregos e colcos. Pélias, perturbado por pesadelos, decide consultar um oráculo que lhe revela notícias ainda mais horrendas. O oráculo o adverte que ele será deposto por um guerreiro calçado somente em um dos pés. Contudo, não diz quem seria o tal guerreiro nem quando isso ocorreria.

Os anos passam e quando Jasão está em uma caçada com seus amigos, decidem beber a água de um rio. Lá, encontram uma idosa de olhos verdes que precisa atravessá-lo. Jasão prontamente se oferece para carregar a doce senhora durante o percurso. Entretanto, quando Jasão e a idosa estão ainda no meio da travessia, o rio começa a se agitar e um monstro surge das profundezas. O herói luta até quase a exaustão, então a velha mulher sugere que o jovem a solte e salve a si mesmo. Jasão recusa a oferta e logo o rio se acalma. Enfim, eles conseguem terminar a travessia e o herói percebe que lhe falta um calçado. A velha, que na verdade é Hera, revela-se aos rapazes e aconselha Jasão a retornar ao reino de seu pai e a seguir sua jornada, descalço de um pé.

Assim, o jovem inicia sua aventura sem ter a mínima noção que faz parte de um enredo dirigido pelos deuses. Vai até Iolcos e, ao confrontar o tio, recebe uma proposta: Pélias entregará o trono ao sobrinho se este provar que tem valor para ser rei do local. A prova requerida era o velocino de ouro que estava guardado por um dragão insone, na longínqua terra dominada pelo malévolo rei Eetes. Obviamente, Jasão recebeu a missão de seu tio não para provar nada, mas para morrer durante a empreitada. O que Pélias não sabia era que a sua derrocada já estava traçada e que pereceria vítima da própria prole.

Jasão, com ajuda de Atena, consegue uma nau e acompanhantes para seguir com ele na jornada até o velocino. Depois de inúmeras provas e aventuras, os argonautas chegam à terra de Medeia. Agora, o trabalho da conquista do tosão teria de ser exclusivo de Jasão. No entanto, as tarefas que precisaria realizar em um só dia, antes que o sol se pusesse, eram impossíveis ao imaturo herói, se não contasse com nenhum auxílio:

[...] pôr o jugo em dois touros bravios, presentes de Hefesto a Eetes, touros de pés e cornos de bronze, que lançavam chamas pelas narinas e atrelá-los a uma charrua de diamante; lavrar com eles uma vasta área e nela semear os dentes do dragão morto por Cadmo na Beócia, presentes de Atená ao rei; matar os gigantes que nasceriam desses

dententes; eliminar o dragão que montava guarda ao Velocino, no bosque sagrado do deus Ares (BRANDÃO, 1987b, p. 183).

Ainda que as tarefas fossem impossíveis ao herói e Jasão não tivesse consciência disso, a vitória era certa. Medeia, já apaixonada, muito provavelmente pela influência dos deuses, acudiu ao grego com suas magias e artimanhas: “sob juramento solene de casamento e de levá-la para a Grécia, [...] Jasão recebeu de Medeia todos os recursos necessários para uma vitória completa” (BRANDÃO, 1987b, p. 183). Após a conquista do velo, o rei Eetes recusa-se a cumprir a promessa e ameaça incendiar a Argo. Sem demora, Jasão, Medeia e os argonautas fogem da Cólquida em posse do velocino e do filho mais jovem de Eetes, Apsirto, como refém. Uma versão diz que Medeia mata, esquarteja e se desfaz ela mesma das partes do corpo do irmão. Porém

segundo uma outra versão, Eetes enviara Apsirto com um exército em perseguição dos fugitivos, mas tendo-se este adiantado muito, deixando o exército para trás, Jasão o teria assassinado, traiçoeiramente, com auxílio de Medeia, no templo de Ártemis, na embocadura do Íster, isto é, do Danúbio inferior (BRANDÃO, 1987b, p. 184).

Depois de escaparem e Medeia assegurar por meio de seus poderes o retorno de todos, os argonautas se dispersaram e, então, Jasão e Medeia chegaram a Iolcos. Pélias, que não esperava o retorno do sobrinho, recusou a devolução do trono, o que fez com que Medeia, mais uma vez, agisse em defesa dos interesses de seu amado. A bruxa da Cólquida enganou as filhas do rei Pélias, e este acabou morto, o que não fez Jasão digno da coroa. O povo, enfurecido pela barbárie, expulsou-os e eles se dirigiram a Corinto, onde viveram em exílio até que a tragédia de suas vidas, enfim, se concretizasse.

Embora Jasão seja visto e nomeado como herói, em nossa concepção, ele não seria um herói dentro do conceito grego. Um herói seria aquele que se assemelha aos deuses e, por isso, recebe o seu favor: “[...] o que se espera dos heróis é o mesmo que se espera dos deuses” (AZEVEDO, 2001, p. 328). Todavia, atenção: algumas atitudes só seriam justificáveis se cometidas pelos deuses, já que eles podem tudo. Ao homem convém a virtude e a honra, sem mais. O herói precisa executar grandes feitos, ser bravo, glorioso, honrado e brutal, mas sua brutalidade não pode ser desmedida. Contudo, Jasão não é este herói. Antes de tudo, ele foi um brinquedo,

uma peça no tabuleiro de Hera, usado para ferir o rei Pélias. E foi também um parasita na expedição argonáutica, fazendo insurgir desavenças entre os guerreiros:

As posturas de muitos dos heróis da Argonáutica em relação a Jasão e suas ações – ou a sua falta de ação – servirão para delinear o personagem. Jasão muitas vezes é duramente criticado por seus companheiros, dos quais se destaca a figura de Idas, que desafia a autoridade de Jasão como líder da expedição. Sarcástico e cruel, nas palavras de Beye (1982, 85-86), Idas provoca Jasão já no primeiro canto, durante o banquete em honra a Apolo, realizado após os preparativos para a partida. Ao interpelar Jasão, que naquele momento estava cabisbaixo e reflexivo como se estivesse abatido (I, 460-461), Idas, bêbado e intempestivo, vocifera contra ele por achar que a posição meditativa significava que o jovem estava tomado pelo medo (DINIZ, 2010, p. 53).

Na ida até a Cólquida, Jasão se apoiou nos argonautas para conseguir chegar ao destino; chegando lá, só pôde conquistar as provas impostas por Eetes graças a Medeia – algo que também foi reprovado pelos companheiros navegantes. Um herói não pode apoiar-se em uma mulher para provar seu valor como guerreiro. Ainda que essa posição seja obviamente machista – já que inferioriza o poder da mulher e valoriza o poder do homem –, e seria prudente da parte de Jasão, como um homem grego, corroborar com esse discurso da superioridade masculina, ele escolhe outra tática. Quando lhe convém, ele esquece do machismo explícito e de sua “posição superior” para conseguir o que quer; e isto, precisamente, é que faz de Jasão um herdeiro do patriarcado de Zeus, assim como Adão é herdeiro de Jeová. E, mesmo que Jasão não tenha ligação direta com Zeus dentro da narrativa, a covardia, a falta de lealdade, a avidez por conquistar o que se deseja sem nenhum escrúpulo e o privilégio – mesmo que não se mereça – apenas por ser macho é uma herança patriarcal outorgada pelo direito natural masculino de dominar todas as coisas, que se encontra representado na figura do rei olímpiano. Atentemos que, segundo as narrativas, Zeus seria perfeito e mesmo suas atitudes atroztes seriam justificáveis. Porém, a atrocidade do homem não é justificada. E, para todos os efeitos, a perfídia de Jasão ao substituir Medeia é injustificável. Percebamos que Zeus trai a sua esposa com o mundo inteirinho, mas nunca a substitui. Então, Jasão goza dos privilégios masculinos outorgados pela figura de Zeus, sem embargo, extrapola de seus direitos e não possui meios honrosos para justificar suas atitudes.

Segundo Brandão (1987a), para a tradição grega, assim como nas religiões indo-europeias, o touro simboliza a violência, a virilidade, a fecundidade. Dessa forma, o enfrentamento de Jasão contra os touros não seria só uma prova fatal, seria uma prova de virilidade, de confirmação da sua índole verdadeiramente heroica e do merecimento da admiração dos deuses. Uma vez que o touro é um símbolo da mais alta estirpe sagrada que representou muitos deuses que arrogavam poder – como Jeová (deus hebraico), Zeus e Urano (deuses gregos), Mitras (deus persa), Indra (deus indiano) etc. –, o seu defrontamento significaria que a animalidade divina do touro teria sido sobrepujada por um homem que alcançara o controle de suas próprias paixões e forças instintivas. Portanto, o herói que derrota o touro, animal hierático, aproxima-se dos deuses viris, poderosos, opulentos, vitoriosos, firmes, contudo, nunca descontrolados:

Consoante a interpretação ético-biológica de Paul Diel, os touros representam com sua força bruta o domínio perverso. Seu sopro é a chama devastadora. O atributo de bronze acrescentado ao “símbolo pé”, que é uma imagem frequente no mito grego, caracteriza um estado da alma. Aplicados aos touros, os pés de bronze configuram o traço marcante da tendência dominadora, a ferocidade e o endurecimento do espírito. Hefesto forjou dois touros de pés de bronze, ferozes e violentos, aparentemente indomáveis, que lançavam chamas pelas narinas. Uma das provas que o rei Eetes impôs a Jasão, para que ele obtivesse o velocino de ouro, era colocar o jugo nesses animais. Tal condição significava que o herói teria primeiro que dominar o ímpeto de suas próprias paixões, antes de tentar a conquista desse símbolo da perfeição espiritual, isto é, Jasão deveria primeiro sublimar seus desejos instintivos e desordenados (BRANDÃO, 1987a, p. 38, grifo do autor).

No entanto, ainda que tenha completado as provas, Jasão falhou. O herói venceu os touros, os gigantes e o dragão por causa de Medeia, então seus feitos não são seus, e sim da colquídia. E, além da notável falta de força e heroísmo, Jasão seria desonroso aos deuses por quebrar juramentos. Ao conseguir o auxílio da princesa bruxa, Jasão jurou casar-se com ela, tendo por testemunha os deuses, entretanto, só cumpriu o prometido por ação do medo que sentia do rei Eetes:

O casamento de Jasão ainda não se havia realizado porque, conforme seria comprovado mais tarde, ele não tinha um verdadeiro interesse nesta princesa bárbara e, sem dúvida, já vinha pensando em um meio de descumprir sua promessa em qualquer das escalas do trajeto, quando já não precisasse de seus feitiços e se sentisse a salvo. Não

obstante, quis o destino modificar seus planos, uma vez que Alcínoo, que já havia sido avisado pelos mensageiros de Eetes, prontificou-se a devolver Medeia caso esta ainda fosse virgem. Intimidado perante a possível vingança que recairia sobre ele, Jasão pediu o auxílio de Areteia, a esposa do rei, e ela providenciou para que os sponsais do herói e de Medeia fossem celebrados secretamente em uma caverna chamada Crátis (ROBLES, 2006, s. p.).

Ou seja, ele se casou por causa de sua covardia e não porque prometeu. E, depois de todas essas empreitadas à sombra de outrem, a ignávia de Jasão só se reafirmou. Contra o tio, deixou que Medeia resolvesse o problema e não impôs sua dominância a Iolcos como se esperaria de um príncipe legítimo. Chegando a Corinto, firma compromisso com a princesa local, na surdina, pelas costas da mulher-pesadelo. Em seguida, não se incomoda pela eminência do exílio dos próprios filhos, não obstante, quando já não tem mais logradouro real (por Medeia matar a noiva e o rei) nem a prole que carregaria sua descendência, chora como um menino indefeso. Dessarte, Jasão não seria um herói, seria apenas um homem que esperava ter tudo somente por ser homem, o que, na visão grega que Aristóteles difundiu, seria factível (ainda que vergonhoso, considerando uma posição de herói mítico):

A visão de mundo de Aristóteles é tanto hierárquica quanto dicotomizada. A alma comanda o corpo; o pensamento racional comanda o emocional; humanos comandam os animais; homens comandam mulheres; senhores comandam escravos; e gregos comandam bárbaros. Tudo o que o filósofo precisa para justificar as relações de classes existentes na sociedade é mostrar como cada um dos grupos subordinados é, “por natureza”, designado a ocupar sua posição adequada na hierarquia (LERNER, 2019, p. 255-256, grifo da autora).

Acrescido o fato de ser príncipe e grego, ele pensou que o mundo seria seu muito facilmente. Acabou que Jasão se mostrou não um herói nem um anti-herói, mas sim um pseudo-herói. Porém, nem por isso menos patriarcalista. Jasão usou o quanto pôde de todos os privilégios que só um homem, um príncipe e um grego teriam em uma sociedade essencialmente patriarcal. Usou e descartou quando estes já não serviam mais aos seus propósitos e planos. Logo, podemos constatar, por meio de Jasão, quanto a estrutura da sociedade patriarcal sustenta os privilégios masculinos, elevando a *status* de herói um homem medíocre e dependente, que, no final, ainda se disse vítima de Medeia.

4 UM MITO CHAMADO MULHER: NA TRAGÉDIA, NO TEXTO RELIGIOSO E NA VIDA REAL

Que há de ser a mulher senão uma adversária da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleite nocivo, um mal da natureza pintado de lindas cores.

Malleus Maleficarum

Como vimos anteriormente, Wittig esclarece que o mundo tal como conhecemos representa-se de forma dual/binária e que essa dualidade reflete forças ou conceitos opostos: senhor *versus* escravo, homem *versus* mulher, em que uma das forças é o dominante e a outra é o dominado. Na dualidade masculino x feminino, temos o embate milenar dos gêneros, em que o homem é a imagem e semelhança de Deus, o virtuoso, inclinado para as coisas boas e santas; a mulher, por outro lado, seria maldosa, maliciosa, fonte de dor e pecado. Segundo o filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), em sua obra *A Dominação Masculina* (2012), as oposições entre masculino e feminino colocam a mulher como a antagonista, o outro lado, o lado negativo da força. E, como o homem é bom, dele é a responsabilidade de manter sob controle a mulher. Então, por meio da força bruta, entre outros meios de dominação, como a violência simbólica de que fala Bourdieu, fez-se outorgar sua pseudosuperioridade.

E, de acordo com o historiador francês Jean Delumeau (1923-2020) em seu livro *A História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada* (2001), essa dicotomia foi levada às mais sérias e duras consequências, pois, na Idade Média, a mulher é vista como algo tão perigoso que é considerada uma “Agente de Satã” (inclusive, esse é o título do capítulo desse livro que trata da fobia em relação à mulher, como também de outras minorias igualmente demonizadas). Como já sabemos, ela é fonte de todo o mal em muitas religiões, mitos e crenças populares. Pandora, com a sua urna ignóbil, trouxe à humanidade toda dor e sofrimento. Eva, por sua vez, logrou a mesma façanha ao provar a maçã e oferecê-la a Adão (DELUMEAU, 2001), introduzindo, assim, o sofrimento no mundo, tornando-se a culpada por condenar o homem e sua descendência a chorar, suar pelo sofrimento do labor, sangrar e morrer. A mulher é vista como uma criatura terrível que horripila o homem:

“A mulher lhe é ‘fatal’. Impede-o de ser ele mesmo, de realizar sua espiritualidade, de encontrar o caminho de sua salvação” (DELUMEAU, 2001, p. 313, grifo do autor). Para neutralizá-la, seria necessário que o homem subjugasse a mulher antes que ela trouxesse mais desventuras ao mundo. Ainda segundo Delumeau, a mulher causa inquietude ao homem por representar um algoz que o domina por seus impulsos e desejos sexuais. Ele assinala que, na literatura, por meio das narrativas de Ulisses e Quetzalcoatl, o homem se perde em sua jornada caso caia na armadilha sexual feminina. Dessarte, para não ser capturado pelo visgo feminil, o homem recorre à amizade:

“como se [a amizade] fosse uma invenção dos homens para dominar seu velho medo da mulher”. A ligação amistosa aparece então como um meio de “neutralizar a magia feminina, efeito do poder da mulher sobre a vida e de sua convivência com a natureza”. A partir daí, “sujeitar a mulher é dominar o caráter perigoso que se atribui à sua impureza fundamental e à sua força misteriosa” (DELUMEAU³³, 2001, p. 314).

A ideia de que a mulher é perigosa, e que mesmo quando é boa é porque ela trama algo, consolidou-se ao longo do tempo. Conseqüentemente o homem, mais do que a qualquer coisa, teme a mulher: “como não temer um ser que nunca é tão perigoso como quando sorri?” (DELUMEAU, 2001, p. 314). Embora o homem seja mais forte fisicamente e ocupe espaços onde reside o poder, a mulher continua sendo para ele uma constante ameaça, pois, segundo Delumeau, existem inúmeras e complexas raízes do medo da mulher entranhadas no homem, como sua obscuridade, seus mistérios, suas astúcias, suas regras, sua maternidade:

Para o homem a maternidade permanecerá provavelmente sempre um mistério profundo e Karen Horney sugeriu com verossimilhança que o medo que a mulher inspira ao outro sexo prende-se especialmente a esse mistério, fonte de tantos tabus, de terrores e de ritos, que a religa, muito mais estreitamente que seu companheiro, à grande obra da natureza e faz dela “o santuário do estranho” (DELUMEAU, 2001, p. 311, grifo do autor).

Sendo “inocente” e quase “indefeso” contra tantos segredos e ardis, o homem resguarda o medo contra o sexo oposto, e esse temor tornou-se fobia, resultando em

³³ Nesse trecho, Delumeau faz referência a Marie-Odile Métral. Cf. *La mariage*. Les hésitations de l'Occident. Paris, 1977, p. 125.

várias formas de dominação e violência misógina, corroborando para a estrutura social patriarcal e machista que impera até os dias de hoje. Uma prova dessa fobia é a caça às bruxas na Idade Média que tinha por guia um livro misógino, o *Malleus Maleficarum*, publicado pela primeira vez em 1487, que declara que a bruxaria, sendo a aliança com o diabo, a perfídia de feitiçaria, se encontra mais costumeiramente na mulher (DELUMEAU, 2001). Conforme Delumeau, o *Malleus Maleficarum* reúne numerosas referências literárias, religiosas e até mesmo pagãs para justificar seu horror ao feminino. Delumeau destaca algumas falas de Catão de Utica, político da época de Júlio César, da longínqua Roma, que os inquisidores glosaram no *Malleus Maleficarum* para insultar e ridicularizar o ser do gênero feminino:

“Se não houvesse a malícia das mulheres, mesmo não dizendo nada das feiticeiras, o mundo estaria liberto de incontáveis perigos”. A mulher é uma “quimera [...]. Seu aspecto é belo; seu contato fétido, sua companhia mortal”. É “mais amarga que a morte, isto é, que o diabo cujo nome é a morte segundo o Apocalipse” (DELUMEAU, 2001, p. 327, grifos do autor).

Fundamentada nesses discursos perversos, a tamanha misoginia orquestrada pela Igreja Católica Apostólica Romana irrompeu em um pavor de furor extremamente agressivo e violento. A fé teria de ser defendida com unhas e dentes. Satanás estaria à espreita do bom homem cristão, pronto para lhe devorar a alma. Posto isso, já que as mulheres seriam os receptáculos do maligno, seria necessário expurgá-las com torturas e fogo para conseguir contê-las. O resultado foi uma matança sistemática de mulheres que marcou a história de tal maneira que a Idade Média tem o epíteto de período de “caça às bruxas”:

[...] em razão do genocídio cometido contra milhares de mulheres, que foram torturadas e queimadas vivas, na Europa e nas Américas, em nome da manutenção do poder do homem. A mulher que fosse acusada de possuir conhecimentos e poderes desconhecidos e não dominados pelo homem era apontada como feiticeira ou bruxa (BARRETO, 2007, p. 17).

Por conseguinte, toda e qualquer mulher poderia ser considerada bruxa. Bastaria entender de ervas e chás ou fazer partos. Sendo sempre uma ameaça, a mulher, dentre todas as criaturas, seria naturalmente a mais perigosa. Imagine,

então, aquela que de fato teria poderes ocultos e não pudesse ser controlada? Diante desse questionamento, trataremos aqui Lilith e Medeia como arquétipos de mulheres como essas: as perigosas, as bruxas, as indomáveis. Elas, que foram tão demonizadas como temidas e endeusadas. Buscaremos fazer uma ligação dos mitos de Lilith e Medeia ao discurso dos homens sobre as mulheres terríveis, as agentes de Satã, as bruxas.

4.1 O ÓDIO E O MEDO À MULHER NO OCIDENTE

[...] a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente.

Malleus Maleficarum

Segundo Delumeau (2001), alguns grupos sociais foram brutalmente marginalizados durante a Idade Média. Os principais grupos que eram malvistas e causavam grande tensão social foram nomeados de “Agentes de Satã”. O autor não defende a premissa que, de fato, esses grupos tinham parte com Satã, entretanto os nomeia desse jeito em virtude do discurso que se fazia em torno deles: por pertencerem às minorias que, de alguma forma, não estavam totalmente inseridas nos preceitos e normas cristãs vigentes na época. Logo, estariam, através de suas práticas e/ou suas essências, a serviço de Satã. Segundo Delumeau, os agentes de Satã eram: 1) os idólatras e muçulmanos; 2) o judeu; e 3) a mulher. E é sobre esse último agente que aqui vamos nos debruçar.

Sob a guerra dos sexos, homem e mulher vivem em constante embate. O homem busca a afirmação da sua superioridade e a mulher a negativa desta. O homem se reafirma através da sua força física e a mulher por sua inteligência (tida astúcia). Como vimos, a mulher, desde a Antiguidade, estava mais ligada à natureza e assim descobria e compartilhava segredos com ela: “[...] os primeiros humanos a descobrir os ciclos da natureza foram as mulheres, porque podiam compará-los com o ciclo do próprio corpo. Mulheres também devem ter sido as primeiras plantadoras e as primeiras ceramistas [...]” (MURARO, 1997, p. 7). Sapientes, desprovidas de grande força física e estando reclusas ao âmbito doméstico, desenvolveram poderes e saberes que o homem não compreendia: “porque mais próxima da natureza e mais bem informada de seus segredos, a mulher sempre foi creditada, nas civilizações tradicionais, do poder não só de profetizar, mas também de curar ou de prejudicar

por meio de misteriosas receitas” (DELUMEAU, 2001, p. 311). Contudo, não foi somente por estar mais próxima à natureza que a mulher desenvolveu certas habilidades ocultas e/ou silenciosas. De acordo com Bourdieu (2012), pela própria condição de ser um indivíduo dominado, a mulher foi estimulada, ou melhor, obrigada a ser mais observadora, atenta, vigilante. Afinal, vulnerável a castigos cruéis ou ao rechaço, a mulher não poderia se dar ao luxo de não estar alerta a todo tempo. Então, o que podemos chamar de “intuição feminina”, por exemplo, é, quando muito, um artifício para a sobrevivência. Desse modo, segundo Wayne N. Thompson, as mulheres tiveram de se tornar “[...] mais sensíveis aos sinais não verbais (sobretudo à inflexão) que os homens, as mulheres sabem identificar melhor uma emoção não representada verbalmente e decifrar o que está implícito em um diálogo [...]” (THOMPSON apud BOURDIEU, 2012, p. 42).

Com toda essa subjetividade, a mulher é vista pelo homem como criatura instintiva, emocional e irracional. Para se afastar de aspectos femininos, talvez não só por repúdio, mas também por inveja e medo, o homem se autocredita e se vangloria como ser mais racional e controlado em contraposição a ela (DELUMEAU, 2001). E, mesmo se colocando em um patamar de superioridade, é inegável que, para além da repulsa, também existe o fascínio para com o sexo oposto. Igualmente atraído e repellido, o homem vivencia um conflito em relação a sua antagonista. Delumeau (2001) ressalta que na Antiguidade o tema da mulher como ser de aparência graciosa e sedutora, porém podre por dentro, era comum. A mulher é para o homem um catalizador de forças opostas que o desestabiliza:

Essa ambiguidade fundamental da mulher que dá a vida e anuncia a morte foi sentida ao longo dos séculos, e especialmente expressa pelo culto das deusas-mães. A terra mãe é o ventre nutridor, mas também o reino dos mortos sob o solo ou na água profunda. É cálice de vida e de morte. É como essas urnas cretenses que continham a água, o vinho e o cereal e também as cinzas dos defuntos (DELUMEAU, 2001, p. 312).

Tal qual Delumeau, Lerner (2019) acredita que a mulher ser vista como fonte de vida e de morte seria uma reminiscência dos cultos à Grande Deusa. Seio que nutre e ventre que sangra. A mulher é o mais doce e irresistível convite à desventura. Portanto, o homem aprende que deve afastá-la e não se entregar aos seus encantos. Ela é uma armadilha, como as sereias na *Odisséia* que seduziam os marinheiros para

a morte. O homem a deseja, mas sabe que não pode querê-la. Nessa agonizante tarefa de rechaçar a criatura mais cobiçável, o homem se enche de frustrações e as projeta na figura feminina, culpando-a por todas as coisas ruins, desde a suposta expulsão do Éden: “o homem procurou um responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher” (DELUMEAU, 2001, p. 314). E, para a culpabilização, controle e dominação da mulher, o homem busca argumentos e justificativas que seriam indiscutíveis, como a suposta palavra de Deus:

Que as mulheres sejam submissas a seu marido como ao Senhor; com efeito, o marido é chefe [= cabeça] de sua mulher, como Cristo é chefe da Igreja, ele, o Salvador do corpo. Ora, a Igreja se submete a Cristo; as mulheres devem, portanto, e da mesma maneira, submeter-se, em tudo, a seus maridos (Efésios 5:22-24 apud DELUMEAU, 2001, p. 315).

A imagem da mulher subjugada na referida citação está disposta na Bíblia, conforme vimos anteriormente. Segundo Eliana Branco Malanga em sua obra *A Bíblia Hebraica como obra aberta – uma proposta interdisciplinar para a semiologia bíblica*: “[...] a Bíblia é o livro que mais foi publicado e lido no Ocidente, tanto antes como depois da invenção da imprensa, configurando-se como um fenômeno de comunicação em massa” (MALANGA, 2005, p. 18). Como literatura mais publicada e lida no Ocidente, não se admira que a Bíblia tenha sido utilizada como suporte básico para a misoginia. Começando por Eva, aquela que primeiro pecou:

Tertuliano, dirigindo-se à mulher, diz-lhe: “[...] Tu deverias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano [...]. Mulher, tu és a porta do diabo. Foste tu que tocastes a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violastes a lei divina” (DELUMEAU, 2001, p. 315-316, grifos do autor).

Delumeau esclarece que não foi o cristianismo que inventou o medo da mulher, porém, é fato que, desde a aurora da sociedade, ele reiterou e acalorou esse componente até as portas do século XX (DELUMEAU, 2001). A Bíblia, “a palavra de Deus”, foi criada para a perfeita instauração do patriarcado, pois, como já vimos, ela foi escrita por mãos masculinas para assegurar o poderio e a supremacia do macho humano. Logo, era/é a ferramenta ideal para a mulher ser subjugada, humilhada,

reduzida e massacrada pelo homem. Diante disso, com o respaldo desse livro, se reintegrava o antigo ideário da mulher como criatura podre, comparando-a a coisas imundas e repulsivas. Para Delumeau (2001), foi precisamente o medo da mulher e de seus atributos sedutores que conduziram os escritos monásticos da Idade Média, direcionando-os à compreensão de que a essência da mulher é pura imundice. De tempos em tempos, era necessário reiterar os perigos da mais deliciosa aliada do Diabo. Um exemplo que podemos ostentar é o escrito do abade de Cluny chamado Odon (século X):

A beleza física não vai além da pele. Se os homens vissem o que está sob a pele, a visão das mulheres lhes viraria o estômago. Quando nem sequer podemos tocar com a ponta do dedo um cuspe ou esterco, como podemos desejar abraçar esse saco de excremento? (DELUMEAU³⁴, 2001, p. 318).

No título *A Diabolização da Mulher* de sua obra, Jean Delumeau explica que, na época de Petrarca (poeta e intelectual italiano), o medo da mulher aumenta, pelo menos, em uma fração da elite ocidental (DELUMEAU, 2001). O autor destaca que pela obsessão da busca da virtude e pelo sentimento de estarem sendo acuados pelos infinitos planos de Satã para capturar suas almas, os cristãos fervorosos resolveram utilizar todas as suas forças para acabar com as investidas diabólicas. Nesse estágio, ser espelho e exemplo de Cristo era imprescindível. Com isso, a libido, vigorosamente reprimida, converte-se em agressividade que recebeu voz por meio das pregações, especialmente durante o século XII. De acordo com Delumeau (2001), inúmeras dessas pregações se perderam, contudo, as que chegaram até nós nos dão indícios do que tratava a maioria desses sermões, e aí encontramos mais evidências da ação misógina da Igreja. Delumeau (2001) mostra que uma parte dos discursos misóginos estavam engendrados na seguinte base teológica: “[...] a mulher é um ser predestinado ao mal. Assim, jamais tomaremos precauções suficientes contra ela. Se não a ocupamos com sãs tarefas em que não pensará ela?” (DELUMEAU, 2001, p. 320). Dessa forma, a escravidão feminina, instituída desde tempos remotos, como pudemos ver sob a ótica de Gerda Lerner anteriormente, estava mais uma vez afirmada e assegurada. Para controlar essa bestial criatura era

³⁴ A referência usada por Delumeau para a fala de Odon, abade de Cluny, foi: Y. Lefevre em *Histoire mondiale de la femme*, II, Paris, 1966, p. 83.

necessário enchê-la de tarefas. A administração e os afazeres domésticos, a criação dos filhos, bem como as obrigações matrimoniais não eram tão somente atribuições, mas também manobras de controle e aplicação forçada de penitência. O abuso contra a mulher não era só consentido, como também recomentado, encorajado e prova de subserviência a Deus. Para Friedrich Engels em seu livro *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (1986), a mulher foi a primeira criada, corroborando com a fala de Gerda Lerner sobre a mulher ter sido a primeira mão de obra escravizada da civilização.

Os sermões eram variadíssimos para tripudiar e escarnecer a figura da mulher. Nesses sermões, as mulheres eram chamadas de chamariz do Diabo, comparadas a animais, suas belezas eram malditas, suas roupas e acessórios eram recriminados, suas palavras eram desacreditadas. Para Delumeau (2001), essas declarações não só insurgiam mentiras contra as mulheres, como isentavam o homem. Dessa forma, o medo delirante dos clérigos reprimidos passou a ser discurso comum na boca de todo e qualquer leigo da Igreja, tal como o discurso misógino de Hesíodo e Aristóteles que veremos na obra de Eurípides. Sexo e pecado estavam confundidos num mesmo sentido, e de mesma maneira, Eva e o Demônio.

Sendo Satã, a mulher e o mal uma espécie de trindade maligna e profana a ser combatida, os cristãos não ficaram somente na denúncia: foram muito além do discurso. Houve uma dizimação, um extermínio de mulheres em consequência de tanto ódio e fobia disseminados. De acordo com Muraro (1997), as estatísticas são horripilantes. A autora cita o livro *The Feminist Press* (1973), de Deirdre English e Barbara Ehrenreich, que traz informações sobre a queima e a morte de mulheres no decorrer de quatro séculos:

A extensão da caça às bruxas é espantosa. No fim do século XV e no começo do século XVI, houve milhares e milhares de execuções – usualmente eram queimadas vivas na fogueira – na Alemanha, na Itália e em outros países. A partir de meados do século XVI, o terror se espalhou por toda a Europa, começando pela França e pela Inglaterra. Um escritor estimou o número de execuções em seiscentas por ano para certas cidades, uma média de duas por dia, “exceto aos domingos”. Novecentas bruxas foram executadas num único ano na área de Wertzberg, e cerca de mil na diocese de Como. Em Toulouse, quatrocentas foram assassinadas num único dia; no arcebispado de Trier, em 1585, duas aldeias foram deixadas apenas com duas mulheres moradoras cada uma. Muitos escritores estimaram que o número total de mulheres executadas subia à casa dos milhões, e as mulheres constituíam 85% de todos os bruxos e

bruxas que foram executados. Outros cálculos levantados por Marilyn French, em seu já citado livro, mostram que o número mínimo de mulheres queimadas vivas é de cem mil (MURARO, 1997, p. 13, grifo da autora).

Mulheres queimadas vivas, torturadas até confessarem atos indizíveis, mortas aos montes. Diante de tanta crueldade, questiona-se: quem seria o real agente de Satã? Não seria o Diabo a própria fobia? Apesar dessas provocações, já que o Demônio pode ser considerado um ser tão mitológico quanto o Leão de Nemeia³⁵, o fato é que a misoginia, esta sim, é factual e palpável. Como vimos, esse ódio e a fobia à mulher não é “prerrogativa” exclusiva do cristianismo, nem do período da Idade Média. A misoginia encontra-se entranhada na nossa sociedade em diversos ambientes desde antes do surgimento do Estado Arcaico; ela é a base da estrutura de nossa civilização.

A seguir, veremos como Lilith e Medeia revolucionaram – ou pelo menos tumultuaram – a ordem patriarcal e conseqüentemente, despertaram absolutos pavor e ódio na sociedade e como o poder dessas mulheres foi interpretado como algo maligno a ser temido e combatido.

4.2 LILITH E MEDEIA: A RELAÇÃO ENTRE A MULHER, O PODER E O MAL

O vocábulo mulher é usado para indicar a lascívia da carne.

Malleus Maleficarum

Conforme as discussões apresentadas, vemos que a mulher por si só é um pesadelo. Ela tem poderes, mistérios e segredos que amedrontam o homem. Então este, sem remédio para seus medos, reage agressivamente tentando reprimi-la e controlá-la. No entanto, existem aquelas que resistem ao poder masculino de dominação, por vezes, tomando atitudes tão cruéis quanto as que sofrem. A resistência, a rebeldia e a insubordinação que algumas mulheres adotam são inaceitáveis para uma sociedade que se estrutura a partir do domínio supremo do homem. Elas ferem a ordem, perturbam o social, golpeiam e profanam a moral. Por isso, são demonizadas. É preciso tolhê-las. Mais do que isso, é preciso evitar que elas surjam. A preocupação consciente e/ou inconsciente de impedir que essas

³⁵ Monstro mitológico, morto por Hércules em um dos seus 12 trabalhos.

mulheres aflorem na sociedade resulta em histórias populares, lendas e mitos. Esse medo que se converte em mito viaja pelas Eras, tornando-se um arquétipo que ganha forma e nome de tempos em tempos. Elas são tudo de mais horrendo: lascivas, ferozes, sanguinárias, infanticidas. Conforme nos fala Delumeau (2001), as injúrias propagadas contra as mulheres julgadas feiticeiras residem no inconsciente coletivo “sem idade”, ou seja, não é possível dizer quando começou: “por trás das acusações feitas nos séculos XV-XVII contra tantas feiticeiras que teriam matado crianças para oferecê-las a Satã encontrava-se, no inconsciente, esse temor sem idade do demônio fêmea assassino dos recém-nascidos” (DELUMEAU, 2001, p. 312).

Lilith e Medeia aterrorizam o ideário patriarcal com as forças desses aterradores pesadelos: mulher demônio, mulher assassina de crianças, juntamente com os estereótipos de mulher voluptuosa e que pratica o mal através de seu poder.

Iniciando por Lilith, tida como “a primeira feminista”³⁶, pois desafiou a ordem pré-estabelecida, reivindicando paridade junto a Adão e instaurando a primeira transgressão ao ousar imaginar-se igual ao homem. E, por causa dessa ousadia, eles discutiam constantemente: “ela disse: ‘eu não vou me deitar abaixo’. E ele disse: ‘não vou me deitar abaixo de você, mas apenas no topo. Pois você está apta apenas para estar na posição inferior, enquanto eu fui feito para ser o superior’³⁷” (EISENSTEIN, 2008, s. p., tradução nossa). Lilith, ao reivindicar o protagonismo, fere o *status* de superioridade de Adão, sua *virtus*. De acordo com Bourdieu (2012), o ato sexual também está engendrado numa dinâmica de forças opostas: “alto/baixo”, “em cima/embaixo”, “seco/úmido”, “quente/frio”, “ativo/passivo”, “móvel/imóvel”. Com isso, o homem, que se vê do lado positivo e superior da força, não pode ceder ao seu posto no sexo, que segundo o próprio Bourdieu, é, também, um ato de dominação:

Resulta daí que a posição considerada normal é, logicamente, aquela em que o homem “fica por cima”. Assim como a vagina deve, sem dúvida, seu caráter funesto, maléfico, ao fato de que não só é vista como vazia, mas também como o inverso, o negativo do falo, a

³⁶ Embora o feminismo, como nomenclatura e conceito, tenha se desenrolado durante o século XIX, não significa que as mulheres feministas não tenham existido antes em essência. Mulheres-pesadelo, que buscavam sua emancipação e autonomia, sempre existiram. E, quando observamos suas histórias e exemplos, percebemos o feminismo de forma muito clara, ainda que não tivesse carregado uma bandeira. Então, Lilith, como “primeira mulher” e primeira transgressora do patriarcado, seria “a primeira feminista”.

³⁷ Versão em inglês: “she said: ‘I will not lie below’. And he said: ‘I will not lie beneath you, but only on top. For you are fit only to be in the bottom position, while I am to be the superior one’”.

posição amorosa na qual a mulher se põe por sobre o homem é também explicitamente condenada em inúmeras civilizações³⁸ (BOURDIEU, 2012, p. 27, grifo do autor).

Bourdieu esclarece que a mulher estar por cima na relação sexual é uma prática condenada em muitas civilizações, já que caracteriza um jogo de dominação, e evidentemente, a mulher jamais poderia ser a dominadora. Muraro (1997) corrobora essa análise e acrescenta uma outra importante razão para que a mulher não possa ocupar a posição de dominante. A mulher estaria ligada, através do sexo, a um conhecimento condenado:

[...] o conhecimento do bem e do mal, que vem da experiência concreta do prazer e da sexualidade, o conhecimento totalizante que integra inteligência e emoção, corpo e alma, enfim, aquele conhecimento que é, especificamente na cultura patriarcal, o conhecimento feminino por excelência (MURARO, 1997, p. 10-11).

Esse conhecimento, que já discutimos pela teoria de Lerner (representada na figura da serpente), foi uma das formas de poder mais demonizadas e mais combatidas desde a tomada do poder pelo deus usurpador. Tão temido que os inquisidores do *Malleus Maleficarum* fizeram relação direta da sexualidade à violação da fé. Muraro (1997) divide as grandes premissas do *Malleus* em sete tópicos, entre os quais um diz que o Diabo domina o corpo e a alma dos homens devido aos atos sexuais, visto que o primeiro homem pecou, justamente, pela via do sexo, fazendo disso o ponto mais fraco de todos os homens.

Uma vez que a fraqueza do homem residiria na sexualidade e esta seria incitada pela mulher, o bom cristão precisaria reconhecer as várias feições de armadilha que o Demônio, através da fêmea, se utilizaria para atrair a sua divina alma. Delumeau (2001) relata que o frei Alvaro Pelayo escreveu, em torno de 1330, a obra *De planctu ecclesiae* (O pranto da Igreja). Tal livro, em sua segunda edição, traz um extenso catálogo com os 102 vícios e más ações da mulher. Assim como no *Malleus Maleficarum*, a sexualidade feminina é retratada de forma absolutamente perigosa e nefasta. Tanto que muitos dos seus vícios e más ações estão ligadas propriamente à

³⁸ O grifo de autor na palavra *inverso* traz a seguinte nota: segundo Charles Malamoud, o sânscrito usa para qualificá-la a palavra *Viparita*, “invertido”, empregada também para designar o mundo ao contrário, o sentido de cima embaixo.

sexualidade, e um dos vícios descritos, que podemos relacionar à reivindicação de Lilith, teria sido o causador do dilúvio:

Ela atrai os homens por meio de chamarizes mentirosos a fim de melhor arrastá-los para o abismo da sensualidade. Ora, “não há nenhuma imundície para a qual a luxúria não conduza”. Para melhor enganar, ela se pinta, se maquia, chega até a colocar na cabeça a cabeleira dos mortos. Fundamentalmente cortês, gosta de frequentar as danças que acendem o desejo. Transforma “o bem em mal”, “a natureza em seu contrário”, especialmente no domínio sexual. “Ela se acasala com os animais”, coloca-se sobre o homem no ato de amor (vício que teria provocado o dilúvio), ou, “contra a pureza e a santidade do casamento”, aceita unir-se a seu marido à maneira dos animais. Um desposam um parente próximo ou seu padrinho, outras são concubinas de padres ou de leigos. Algumas têm relações sexuais muito cedo após um parto ou no período das regras (DELUMEAU, 2001, p. 323, grifos do autor).

Com tantos escritos apresentados, pode-se pensar que a demonização do poder que tem a sexualidade da mulher finaliza aí, mas, não. Delumeau assinala no título “Uma iconografia frequentemente malévola” que nas estampas pictóricas a mulher também foi terrivelmente representada. Por vezes, falsamente elevada a uma figura lânguida e etérea. Sublime e pueril, fora de contextualização sexual, exaltando a imagem virginal numa investida antiEva. Essa iconografia seria um agente tolhedor da sexualidade feminina, valorizando somente o ato de procriar. Da mesma forma que a Virgem Maria, a mulher teria que viver sua sexualidade na prerrogativa, exclusivamente, da maternidade e jamais do prazer. Podemos ressaltar que um dos epítetos principais de Maria é precisamente a palavra “Virgem”, o que enfatiza o seu trabalho reprodutivo e a redução de sua pessoa à categoria de seu sexo. Ainda que de maneira divinizada, ela serve aos propósitos patriarcais para ceifar e controlar a sexualidade das mulheres:

O poder da Virgem está na capacidade de apelar à misericórdia de Deus; vem da maternidade e do milagre de sua concepção imaculada. Ela não tem poder por si só, e as próprias fontes de seu poder de intercessão a separam de modo irrevogável das outras mulheres. Ao contrário, a deusa Ishtar e outras deusas como ela tinham poder por si mesmas – o mesmo tipo de poder que os homens tinham, derivado da bravura militar e da capacidade de impor sua vontade sobre os deuses ou influenciá-los. E, ainda assim, Ishtar era mulher, dotada da mesma sexualidade das mulheres comuns (LERNER, 2019, p. 186).

Não obstante, como já sabemos, a ação coibidora do poder feminino não ficou somente na exaltação da virgindade e do celibato. Para afastar a vivência da sexualidade livre e prazerosa como a da deusa Ishtar, o vasto material pictórico de que fala Delumeau também contava com o irresistível “[...] poder sedutor da mulher que conduz os homens à perdição” (DELUMEAU, 2001, p. 346). Em uma das gravuras descritas que exprime esse conteúdo está Medeia. Fonte de inspiração para muitos artistas no século XVI, a representação de Etienne Delaune tem como tema a “‘Bela sentada sobre a Besta’ [...] ‘o mundo que, pelos prazeres que faz gozar arrasta o homem para o abismo [...]’” (DELUMEAU, 2001, p. 346). Delumeau (2001) descreve que o cenário tem a seguinte composição: existem duas opções de escolha para um jovem. Uma opção representa a virtude, um anjo celestial, coroado com uma auréola e vestido apenas com uma toga flutuante, gracioso e divinal. A outra opção, representando o vício, é Medeia, trajada na última moda como uma meretriz e sentada sobre um pavão, é a personificação da mulher: “[...] sentada sobre uma besta de sete cabeças. Sorridente, coroada, vestida de maneira exótica, o colo desnudo, ela segura alto a taça dos prazeres enquanto o demônio, que a espera nas chamas de um precipício, lhe faz sinal de se aproximar” (DELUMEAU, 2001, p. 346).

Para Delumeau (2001, p. 346), Medeia é uma persona bivalente, “[...] que exprime ao mesmo tempo a sedução e a violência femininas”. Violência, pois, como já observamos, para alcançar seus objetivos, Medeia não se poupa a estender corpos por onde passar, se necessário julgar. E, segundo a narrativa de Eurípides, Medeia arrasou os corpos dos próprios filhos por vingança ao seu marido. Lilith, talvez, comungue da mesma sede de vingança que nutria Medeia:

“Me deixe em paz! Eu fui criada apenas para causar doenças aos bebês. Se a criança é do sexo masculino, eu tenho domínio sobre ele por oito dias após seu nascimento e, se for menina, por vinte dias”. Quando os anjos ouviram as palavras de Lilith, eles insistiram que ela voltasse. Mas ela jurou a eles pelo nome do Deus vivo e eterno: “sempre que eu vir vocês ou seus nomes ou suas formas em um amuleto, não terei poder sobre aquela criança”. Ela também concordou em ter cem filhos morrendo todos os dias e, portanto, todos os dias cem demônios perecem, e pela mesma razão, escrevemos os nomes dos anjos nos amuletos das crianças pequenas. Quando Lilith vê seus nomes, ela se lembra do juramento, e a criança se recupera³⁹ (EISENSTEIN, 2008, s. p., tradução nossa, grifos do autor).

³⁹ Versão em inglês: “‘Leave me! I was created only to cause sickness to infants. If the infant is male, I have dominion over him for eight days after his birth, and if female, for twenty days’. When the angels

Lilith diz que foi criada apenas para adoecer os bebês. Teria Deus ele próprio criado a primeira infanticida? Ou o seu caráter assassino teria surgido quando Deus criou Eva para substituí-la no Jardim das Delícias? Segundo Barbara Koltuv (2017), a serpente do Éden poderia ser associada a própria Lilith, que teria induzido Eva a buscar o prazer, a liberdade sexual e o conhecimento que advém dele. E como as duas trabalharam juntas para a queda do homem, estariam fadadas a se odiarem: “o Zohar (76b) explica que, uma vez que Eva gerou Caim da imundície da serpente, ela estava sujeita à punição pela ‘serva’ e ‘criada’ de Deus, Lilith, que podia arrebatá-lhe as crianças recém-nascidas (Zohar II 96a-b)” (KOLTUV, 2017, p. 118, grifos da autora).

Essa é uma das versões sobre Lilith como assassina de crianças. Porém, existem muitas outras versões dessa mesma narrativa e, frequentemente, elas entram em acordo que os amuletos eram necessários para barrar a sua maligna ação.

Mas, quando a ameaça não pode ser impedida com um amuleto? Quando a ameaça é a própria mãe? Segundo Gerda Lerner, “a indiferença ou negligência da mãe significava morte certa. A mãe que dava a vida tinha, de fato, poder sobre a vida e a morte” (LERNER, 2019, p. 70). Entretanto, no caso de Medeia, não foi a indiferença nem negligência que mataram seus filhos. Ela mesma os teria matado com suas próprias mãos. Medeia seria a figura exata da mãe que pare, nutre e mata. E mesmo que essa ação inegavelmente cruel tenha ocorrido por motivo de vingança, Martha Robles nos oferece uma perspectiva que talvez apazigue nossos corações:

Foi em meio a tal mortandade que Zeus enamorou-se de Medeia, pois admirava sua têmpera. Ela o recusou, talvez porque em seu íntimo não havia mais lugar para abrigar o desejo, mesmo que se tratasse do senhor do Olimpo. Vigilante da eterna luxúria do marido, Hera agradeceu a Medeia pela atitude que havia tomado e prometeu a imortalidade a seus filhos caso os imolasse sobre o altar de seu templo (ROBLES, 2006, s. p.).

Hera, talvez, tenha sido a única figura feminina que tivera alguma compaixão pela pobre Medeia diante de seu sofrimento. De acordo com Delumeau, as mulheres

heard Lilith's words, they insisted she go back. But she swore to them by the name of the living and eternal God: ‘whenever I see you or your names or your forms in an amulet, I will have no power over that infant’. She also agreed to have one hundred of her children die every day. Accordingly, every day one hundred demons perish, and for the same reason, we write the angels names on the amulets of young children. When Lilith sees their names, she remembers her oath, and the child recovers”.

eram mais creditadas ao ciclo do eterno retorno, que conduz todas as criaturas da vida para a morte e vice-versa. Logo, as mulheres seriam igualmente criadoras e destruidoras:

Daí os nomes incontáveis das deusas da morte. Daí as múltiplas lendas e representações de monstros fêmeas. “A mãe ogra [Medeia é uma delas] é um personagem tão universal e tão antigo quanto o próprio canibalismo, tão antigo quanto a humanidade” (DELUMEAU, 2001, p. 312, grifos do autor).

Medeia divide com Lilith a fama de assassina de infantes. Contudo, o fato de Medeia ser a algoz dos próprios filhos resulta em um horror maior: além de macular a santidade da maternidade, ela ainda o faz pelo motivo de vingança. Medeia tem um poder que é considerado aterrador. Ela é livre de todas as amarras emocionais que alguém poderia ter. Nem o amor de mãe a detém de executar o mal que está disposta a causar. Na obra de Eurípedes, a Nutriz de Medeia adverte do perigo em confrontá-la: “Ela é terribilíssima. Ninguém que a enfrente logra o louro facilmente” (EURÍPIDES, 2010, p. 27).

A mulher-pesadelo colquídia é implacável e disso todos na Grécia sabiam. Quando pela ira era inflamada, não havia quem a contivesse. Seus conhecimentos e poderes advindos de seu avô Hélio, de Circe e de Hécate são um absoluto mistério para os mortais. Devido a suas atitudes, ela é aclamada por alguns, por outros é difamada e por todos é temida. Em uma conversa com o rei Creon de Corinto, ela diz: “saber tenho de sobra e inveja alheia há quem me louve a fleugma, há quem critique, desdém também. Te atemorizo? Longe de mim ser dona de um saber assim” (EURÍPIDES, 2010, p. 51).

A ira de Medeia é conhecida e notória em várias passagens na obra de Eurípedes. Por exemplo, a fala do rei Creon que, só de observar sua feição, experimenta tanto horror e temor que expulsa Medeia e seus filhos das terras sob seu domínio: “teu rosto fosco, a raiva contra o esposo, ordeno que os remova para longe, sem esquecer a dupla que pariste!” (EURÍPIDES, 2010, p. 49). O Coro também se espanta diante da raiva de Medeia que acarreta acontecimentos terríveis: “por que o peso da cólera tomba em tua ânsima na tétrica permutação de delitos?” (EURÍPIDES, 2010, p. 137). Mesmo a própria colquídia deixa claro que sua ira é avassaladora e que atentará contra seus filhos para lograr a vingança que sua alma deseja: “arraso o alcácer de Jasão e sumo, pela sanha fatal contra os meninos que

mais amo no mundo [...]” (EURÍPIDES, 2010, p. 99). E quando o Coro tenta apelar para seu instinto materno, Medeia responde que a dor pelos filhos seria a que mais faria o marido penar: “CORO: matas quem germinou do teu regaço? MEDEIA: é a mordida que fere mais o esposo” (EURÍPIDES, 2010, p. 101).

Se a princesa da Cólquida é capaz de fazer escorrer o sangue do fruto de seu próprio ventre, o que seria capaz de fazer a outrem? Podemos observar que a fúria poderosa de Medeia seria tão devastadora que arrasaria reinos: arruinou o reino pertencente ao seu pai, o rei Eetes, quando matou seu irmão, Apsirto, deixando assim a Cólquida à mercê de ataques de terceiros que desejassem ascender ao trono, já que a coroa desprovida de herdeiros se tornou fraca e desprotegida; arruinou o reino de lolcos assassinando o rei Pélias; e, por último, mas não menos importante, arruinou o reino de Corinto, matando o rei Creon e sua filha, sucessora ao trono, desposada por Jasão.

Dessa forma, vemos que Medeia representa tudo o que o homem teme. Ela é ardilosa, sedutora, violenta e destemida. Ela, assim como Lilith, é um pesadelo. Elas são o oposto exato do feminino idealizado pelo patriarcado, como já dissemos, a Virgem Maria: mulher mansa, ingênua, subserviente, taciturna, boa esposa, não desfruta do prazer sexual e, acima de tudo, exemplo máximo de figura materna. Lilith e Medeia representam a transgressão dos valores impostos às mulheres. Elas desestruturam o patriarcado, pois o poder não está nos homens, está nelas. E, mesmo que sofram represálias, elas possuem meios de revidar, sendo este o maior de todos os medos do homem. A mulher que tem o poder de fazer o que quiser humilha a crença da superioridade masculina e isso não se pode suportar.

Uma das maneiras de se combater a mulher transgressora é matando-a. Tanto que, sob a ação da Santa Inquisição, milhares de mulheres foram mortas, acusadas de bruxaria e/ou conluio com o Diabo. Porém não se pode matar todas as mulheres do mundo. A humanidade necessita delas nem que seja para procriar. E a mulher não deseja continuar relegada somente a esse papel, de forma que é necessário que exista enfim a transgressora paridade entre os gêneros.

4.3 MEDEIA E O DISCURSO MACHISTA DE UMA SOCIEDADE QUE REPUDIA A MULHER

A Medeia de Eurípedes representa a mulher que vive inteiramente a tensão em relação à própria liberação do jugo patriarcal e das leis impostas pelo homem. Medeia, como Lilith, primeiro triunfa e depois entra em contenda com o homem que a rejeita e a exclui.

Roberto Sicuteri

Medeia, princesa da Cólquida, filha do rei Eetes, neta do deus Hélio (deus sol), depois de ter usado seus poderes mágicos para fazer com que Jasão conseguisse o velocino de ouro – com a finalidade de recuperar o trono de Iolcos –, fugiu na nau Argo para poder viver ao lado de seu amante. Contudo, de nada adiantaram seus esforços e artifícios: Jasão não recupera o trono de Iolcos e eles são obrigados a viver em exílio, em Corinto, terra helênica do rei Creon.

Após Medeia, Jasão e os filhos que tiveram durante as jornadas se estabelecerem nessa nova terra, o argonauta contrai novo casamento com a filha do rei Creon (a quem Eurípedes não nomeia em sua obra), abandonando Medeia e a prole. Segundo Marta Robles (2006), Jasão usou Medeia deliberadamente para alcançar seus objetivos e não se casou prontamente com ela, pois maquinava como se livrar da promessa assim que atingisse o sucesso que desejava. Entretanto, dadas as circunstâncias que obrigavam Jasão cada vez mais a precisar dela, por fim casou-se, o que não quer dizer que cumpriu a sua promessa, porque, no final, foi-lhe desleal e traiçoeiro. No entanto, o torpe herói, em sua infinita estupidez, não imaginava jamais que seria alvo da mulher mais poderosa da Terra.

Ao saber de tamanha traição, Medeia se enche de fúria, prometendo aos sete ventos que se vingaria de tal situação dolosa. E é a partir desse episódio que começa a obra de Eurípedes. Como Medeia, anteriormente (não na obra de Eurípedes, e sim em outras em que ela também é personagem, e o autor alimenta seu texto dessas narrações, iniciando a sua própria *in medias res*⁴⁰), se revelou poderosa e perigosa, os personagens da peça não poupam depreciações ou envilecimentos contra a protagonista. Medeia é veementemente demonizada, seja por sua personalidade, suas atitudes, sua nacionalidade ou seu gênero.

A personalidade de Medeia caracterizada por ser abrasiva e violenta não estaria adequada para uma mulher. Seu temperamento é constantemente reprovado

⁴⁰ Vem do latim e significa “no meio das coisas”. É um recurso literário em que a narrativa tem início no meio da história e não no começo de tudo.

durante a obra. A primeira a censurar a natureza de Medeia é sua própria Nutriz. Ela diz: “é crua em seu jeito de ser; o íntimo da mente ativa horripila” (EURÍPIDES, 2010, p. 33). Dito isso, pensando sob a lógica que desenvolvemos de como a mulher foi convertida em objeto e propriedade do homem, não espanta que ela precise seguir uma cartilha de comportamentos, sentimentos, palavras etc. para que agrade a seu dominador, bem como a sociedade que existe sob o regime da dominância. Segundo Pierre Bourdieu:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser (BOURDIEU, 2012, p. 82, grifos do autor).

Nesse sentido, observamos que Medeia não satisfaz às expectativas de feminilidade de que fala Bourdieu. Medeia não é submissa, não é discreta e, como disse a Nutriz, o íntimo da colquídia é de causar horror. A Nutriz, que esteve ao lado de Medeia toda sua vida desde o seu nascimento na Cólquida, repete o discurso machista que dita o passo da sociedade patriarcal. Como já comentamos, a civilização regida pelo homem não seria tão forte se não contasse com o apoio das próprias mulheres. Na peça de Eurípidés, não é só a Nutriz que fala “a linguagem do dominador”. O Coro, constituído por um grupo de mulheres que testemunham o drama de Medeia, também o fazem: “ouço a voz, ouço a voz atroz da infeliz colquídia [...]” (EURÍPIDES, 2010, p. 37). Mais uma vez se fala do jeito da princesa-bruxa. Uma mulher não pode ter voz, segundo Bourdieu, por isso espera-se que seja contida, logo, uma voz atroz é inadmissível. E mesmo que elas tenham presenciado ou sabido de toda a dor e humilhação que Medeia passara, desaprovam contundentemente seu comportamento. Ainda que o abandono de uma mulher e seus filhos possa lhes causar uma espécie de simpatia mesclada com desprezo (o que podemos caracterizar como pena), as mulheres do Coro findam por naturalizar o caráter lastimoso do ser feminil:

“multipenoso leiteo feminino, frutuosa fonte de revés à vida!” (EURÍPIDES, 2010, p. 139).

A índole de Medeia é tão fortemente reprovada que sua imagem é frequentemente associada a figuras bestiais. Como quando a Nutriz conversa com o Coro em relação ao comportamento destrutivo da senhora, diz: “temo não convencê-la, mas não me furto ao encargo, apesar do olhar de toura feito leoa que mira o avanço dos servos no pós-parto, na hipótese de um terceiro que lhe queira aconselhar” (EURÍPIDES, 2010, p. 41); ou pela fala de Jasão ao saber da morte dos filhos: “é claro, Zeus, como ela me rechaça, como essa fêmea horrível me arruína, leoa algoz de prole, abominável?” (EURÍPIDES, 2010, p. 153). Essa depreciação ocorre porque, na sociedade grega, o homem é quem precisa e deve externar bravura e crueldade. Ele se faz temer, respeitar e admirar pelo sangue que derrama. Quando um homem é comparado a um animal é por bravura; a mulher é pelo horror, pela irracionalidade. A mulher assumindo uma característica substancialmente masculina se torna repugnante. De acordo com Bourdieu:

Ser “feminina” é essencialmente evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade; e dizer de uma mulher de poder que ela é “muito feminina” não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder (BOURDIEU, 2012, p. 118, grifos do autor).

No caso de Medeia, não se referem a ela dizendo-a “muito feminina”, mas encargam sobre ela a sua falta de feminilidade por não aceitar sua sina de dor submissamente. O fato é que não entendem que a Medeia não lhe interessa o que digam, porque ela não só tem poder, como é o poder e não iria deixar de ser fiel à sua própria natureza por causa do que os gregos julgam por certo e errado. E, mesmo sabendo que Medeia faz o que quer, do jeito que quer e na hora que quer (tal qual um “homem”), Jasão insiste em relegá-la a um ideal de mulher mansa e prosaica que aceita tudo o que lhe dizem. Ele se utiliza de artifícios mesquinhos e distorce a situação a fim de culpabilizar a ex-esposa pela conjuntura desagradável da separação que deveria ser levada de maneira amena. Ele alega que é um homem bondoso e faz de tudo para o bem dela e dos meninos. Ou seja, ser traída, abandonada e exilada não é problema se ela pudesse ver pelo lado bom, o que se recusa a fazer: “requeiro o testemunho dos eternos para o fato de eu pretender dar tudo de que precisas, mas

o bem não te agrada. Altiva, agravas o difícil” (EURÍPIDES, 2010, p. 79). Jasão aponta Medeia como ingrata, já que o bem que ele desejava fazer a ela, trocando-a, não lhe agrada; e, ainda por cima, evoca os deuses por testemunha de sua bondade. Ele se autocrédita como elevado, mesmo ele próprio sabendo que a usou e agora está descartando-a. Nesse jogo de dissimulação em que Jasão faça o que faça é elevado e Medeia é inferiorizada e tida como desprezível, podemos observar a misoginia estrutural na figura do *vir* (homem em latim). Conta-nos Bourdieu (2012) que o *vir* remete a *virtus*, ou seja, o ser homem está atrelado à virtude, à honra por excelência; por consequência, o simples fato de ser homem legitima suas ações como virtuosas, ainda que sejam execráveis:

Em oposição à mulher, cuja honra, essencialmente negativa, só pode ser defendida ou perdida, sua virtude sendo sucessivamente a virgindade e a fidelidade, o homem “verdadeiramente homem” é aquele que se sente obrigado a estar à altura da possibilidade que lhe é oferecida de fazer crescer sua honra buscando a glória e a distinção na esfera pública (BOURDIEU, 2012, p. 64, grifo do autor).

Se o dever como homem de Jasão é buscar a honra acima de tudo, ocupando o maior posto na esfera pública que puder, não estaria errado em trocar a esposa estrangeira por uma princesa helênica que lhe renderia um trono. Ele argumenta que sua escolha pela princesa de Corinto foi por política, além de fazer um favor a Medeia e seus filhos: “põe na cabeça, de uma vez por todas: não foi por outra que subi ao leito régio, mas por querer salvar a ti e aos dois meninos, pai de irmãos dos filhos de agora, príncipes, bastiões do alcácer” (EURÍPIDES, 2010, p. 75-77). Jasão deixa claro que a política está acima do casamento e que, se Medeia chora pelos filhos, não haveria necessidade de tanto drama, já que o herói os elevaria pelo parentesco com os vindouros príncipes e princesas:

Obstino-me em propiciar aos filhos irmãos, reunir estirpes, congregar as duas numa. Eis como prosperamos. Por que precisas tanto de teus filhos? A mim convém que os filhos do futuro auxiliem os que hoje vivem. Erro? Tua discordância se resume à cama. A que ponto chegais, mulheres: credes ter tudo se o casório vai de vento em popa, e o belo e o conveniente nada valem caso o deleite falte ao leito! (EURÍPIDES, 2010, p. 73).

Jasão, por trás da dissimulação, do pseudoaltruísmo, revela seu egoísmo da maneira mais pérfida. No trecho citado, ele minimiza o pesar da ex-esposa.

Menospreza-a por ela dar valor a um casamento que para ele não tem serventia, a dar valor a filhos que na convivência com ela não teriam futuro. E ressalta que a ele, sim, os filhos têm utilidade. E, ao dizer que a discordância da mulher-pesadelo “se resume à cama”, voltamos à discussão da mulher ser intrinsecamente sexual, e reitera a acepção de Medeia como lasciva e por isso bestial. Recordemos que a etimologia de seu nome pode carregar uma semântica sexual que, talvez, Eurípides tenha explorado nesse trecho da tragédia. À vista disso, vemos a estrutura machista nua e crua. Uma mulher que, apesar de poderosíssima, precisa aceitar que é descartável aos interesses masculinos e ainda assim execrada. Como vimos em Lerner anteriormente, o homem dispõe da mulher e dos filhos como sua propriedade na civilização mesopotâmica, e na civilização grega não era diferente. Os filhos que Medeia teria parido não eram dela, então não havia motivo para chorar por eles. Contudo, para compreendermos melhor o sentimento dessa mulher que sofre pelo seu destino e pelos frutos de seu ventre, vejamos Martha Robles que explica com exatidão sua dor:

O perjúrio de Jasão completa o binômio dramático de uma mulher que teve de compreender que não importava quão poderosa fosse sua magia, quão elevada sua linhagem, quão incondicional sua entrega ou quão ilimitada sua crueldade, bastava ser desprezada no leito para ver esvaecer seu semblante e perder a posição que ocupava no mundo (ROBLES, 2006, s. p.).

Além de menosprezar a importância que Medeia daria ao casamento deles e aos filhos, Jasão também menospreza as ações que ela adotou para ajudá-lo, conferindo somente a Afrodite e a Eros os sucessos de sua trajetória, ou melhor, ela teria sido só uma ferramenta para que ele alcançasse seus objetivos. Porém, nada do que fez é mérito dela. A glória pertence ao herói em consequência do favor dos deuses:

Afirmo alto e bom som: se o barco não naufragou, foi por querer de Cípris. Chega de autolouvor! Foi Afrodite! És sutil, mas te irrita o fato de Eros, por meio de seus dardos indesejáveis, ter te forçado a me salvar a pele. Evitarei minúcias de somenos; não desmereço teu pequeno auxílio, mas não comparo ao que me deste o que eu, salvando-me, te propicieei (EURÍPIDES, 2010, p. 71).

Ao se referir aos dardos de Eros, o herói enfatiza precisamente que o deus alado atingiu a princesa da Cólquida e o amor que ela sentia a forçou a todas as suas ações. Como ele diz, os dardos são indesviáveis. Não havia como ela escapar de fazer tudo o que fosse da vontade de Jasão, o amado dos deuses. Com o apoio de Lerner, aqui podemos refletir que a relação de Medeia com a sociedade e até mesmo com os deuses perpassa por sua relação com um homem:

O homem toma seu lugar na hierarquia de classes com base em sua profissão ou no *status* social de seu pai. Sua posição de classe pode se manifestar pelo sinal comum visível – roupas, local de residência, ornamentos ou a falta deles. Para a mulher, [...] as distinções de classe têm como base sua relação – ou a falta dela – com um homem que a proteja e seu comportamento sexual (LERNER, 2019, p. 181).

Medeia não precisa de proteção. Ela não precisa de um homem para intermediar sua relação com o mundo e outros indivíduos. Não obstante, como ela é mulher, essa mediação é feita a sua revelia, pois os deuses outorgam a Jasão fazê-lo, tal como Jeová teria feito com Adão e seus patriarcas.

Não bastando a redução do seu ser como uma ferramenta de logro ao sucesso, ele inverte a situação afirmando que o que ele havia realizado por ela superava o que ela havia feito por ele. Esse grande “feito”, concretizado pelo grego para Medeia, foi tirá-la das terras bárbaras e levá-la ao mundo verdadeiro: a Grécia.

[...] Me explico: teu logradouro é grego, não é bárbaro, prescindes do uso cru da força bruta, não ignoras justiça e normas. Gregos, unânimes, aclamam: “Sapientíssima!”. Celebridade, alguém recordaria teu nome em tua terra tão longínqua? (EURÍPIDES, 2010, p. 71, grifo do tradutor⁴¹).

Como podemos observar, a depreciação e o escárnio de Jasão não se limitam ao nível pessoal, mas também atingem sua nacionalidade. Ele argumenta que só agora Medeia era alguém, pois ela já não habitava terra bárbara, e isso se somaria a lista dos favores que ele lhe fez. Jasão apresenta aí o princípio da hegemonia grega – aqui já abordado no tópico em que discutimos o falso herói. Do mesmo modo que os pensamentos difundidos por Aristóteles, esse princípio tem sua base na afirmação

⁴¹ O tradutor da obra de Eurípides nessa edição é Trajano Vieira. Como não existem os mesmos sinais gráficos de que dispomos na Língua Portuguesa na Língua Grega clássica, os sinais são adicionados pelo tradutor para nossa melhor compreensão literária.

da diferença e da superioridade helênica em detrimento de outrem, assim como a superioridade do senhor de escravos e a superioridade do homem. Por diversas vezes, ele chama Medeia de bárbara, isso porque bárbaro é aquele que balbucia, ou seja, um ser involuído que sequer sabe falar. Na citação, ele demonstra que hoje ela vive em uma civilização, onde as pessoas conhecem a justiça e as leis, e não em um lugar onde a brutalidade reina. Além disso, ainda se utiliza de um pseudoelogio para dizer que se hoje ela é famosa ou reconhecida, foi porque ele a havia salvado de um destino ignoto em uma terra desprezada pelos deuses nos confins do mundo. No calor da discussão, a xenofobia de Jasão aflora ainda mais depois que ele descobre que Medeia matou seus filhos. Atribui-lhe à crueldade por ser bárbara, comparando-a às mulheres gregas que são devidamente adestradas: “[...] dizimados por causa de uma cama, algo impensável entre as moças gregas [...]” (EURÍPIDES, 2010, p. 145).

Portanto, se a ordem natural é a descrita acima, Jasão, sendo grego, homem, herói e príncipe, estava no topo da cadeia hierárquica social. Uma vez que Jasão consegue, enfim, o que desejou e esperou a vida toda – ser herdeiro direto de um trono –, achou que não precisaria mais da bárbara da Cólquida e então deixa que todos os seus sentimentos de repulsa a ela venham à tona. O herói argonauta não economiza insultos àquela que lhe deu e lhe fez de tudo. Entre as muitas formas com que Jasão envilece Medeia, uma das mais enfáticas é ligada propriamente ao seu gênero, visto que ele argumenta que suas atitudes deploráveis e ínfimas são comuns ao seu sexo. Ele lamenta a existência do gênero feminino, enfatizando que dele é que se advém o mal entre os homens, corroborando com aquele velho ideário da mulher como criadora e fonte de todos os males, que tiveram como seus primeiros bodes-expiatório Eva, na sociedade hebraica, e Pandora, na grega: “podéramos procriar diversamente e preterir a raça das mulheres imune ao mal, o homem viveria!” (EURÍPIDES, 2010, p. 73). O grego lamenta a infeliz dependência que os homens têm das mulheres para gerar os filhos. A mulher é um problema para o homem e ele lida minimamente com ela porque é absolutamente obrigado pela pura necessidade de procriar e ter uma descendência. Como Lerner comenta, Aristóteles iguala as mulheres aos escravos que: “[...] com seus corpos, servem às necessidades da vida [...]” (LERNER, 2019, p. 274). Ou seja, eles servem com seus corpos aos anseios de seus dominadores: os escravos com seus serviços braçais e as mulheres com seus serviços braçais e de procriação.

Na sociedade grega, o prazer entre homens era bastante comum e, em alguns casos, era mais que incentivado, como na relação pedagogo e aluno (o que se chama hoje de pederastia), bem como entre soldados. Os espartanos, por exemplo, formavam pares em seus treinamentos com seus amantes, assim, no calor da batalha, eram mais fortes porque lutavam por si, por sua pátria e por seu amado. Às mulheres restava o labor parturiente e só:

As mulheres eram encaradas como intelectual, física e emocionalmente inferiores; os homens tendiam a se reunir em grupos em que se formavam pares. Plutarco, ao discorrer sobre o assunto, afirmou: “o verdadeiro amor não tem lugar no Gineceu; e eu afirmo que não é amor o que vocês sentem pelas mulheres ou pelas moças. Seria tão absurdo como chamar de amor o que as moscas sentem pelo leite, as abelhas pelo mel e os cozinheiros pelas carnes e iguarias que preparam” (*Sobre o Amor*, 750 a. C.). Disse ainda: “com efeito, o Amor é o que vos liga a almas jovens e bem-nascidas que através da amizade vos conduz a virtude...” (CORINO, 2006, p. 20, grifos do autor).

E se o amor verdadeiro somente existiria entre os compatriotas, suportar uma mulher grega pelo pretexto de gerar filhos já poderia ser asqueroso, quem dirá uma mulher bárbara e assassina da própria descendência: “mulher odiosa, plenirrepulsiva aos numes e a mim, a todo mundo [...]” (EURÍPIDES, 2010, p. 143). Dessa forma, Jasão teria se deitado com uma bárbara repulsiva para pousar uma coroa em sua têmpera, todavia, de nada adiantou. O que lhe restava era maldizê-la. E todos a maldisseram – inclusive a própria Medeia.

Corroborando o discurso do mal ligado ao sexo feminino, vemos Medeia falar em seu próprio gênero como algo lamentável e sofrido. Afinal, ela teria percebido que o ideal de felicidade pautado em se casar e ter filhos seria uma ilusão. Desesperada, desamparada e – embora poderosíssima – abatida por uma sociedade de estrutura machista, se inflama pela ira, pela desilusão, pelo desespero, pelo pesar. O papel de esposa e mãe é vorazmente arrancado dela sem nenhum remorso ou recompensa. Objeto de um homem, que mesmo mesquinho é herói, peça no xadrez olímpiano, ela se rende ao discurso que a esmaga e deixa escapar de sua boca as palavras da dominância: “mulher é amedrontável, ruim de pugna, não suporta a visão da lança lúgubre, mas se maculam a honra em sua cama, não há quem lhe supere a sanha rubra” (EURÍPIDES, 2010, p. 47). Nessa fala, Medeia deixa claro que não é próprio da natureza feminina lutar, porém se ela é atacada no único lugar que seria apropriado

para ela, roubam-lhe o leito conjugal, uma ira sem tamanho se acende. Dessa maneira, a bruxa lamenta a sorte de seu gênero: “longe de mim descrer, mas é do sexo frágil ser vítima do mar de lágrimas” (EURÍPIDES, 2010, p. 109). Aqui podemos perceber o discurso da dor como destino da mulher. Medeia e todas as pessoas do gênero feminino teriam herdado de Eva e/ou Pandora a sina de dor. Como em *Os trabalhos e os dias*, de Hesíodo, o Gênesis reafirma a dicotomia em que o preço do homem é o suor do trabalho e o preço da mulher é a dor e a sofreguidão:

A dicotomia é reforçada na história da Queda, quando a divisão sexual do trabalho é decretada por Jeová, agora como castigo. Adão trabalhará com o suor do próprio rosto; Eva dará à luz com dor e criará as gerações. Vale notar que a punição lançada torna o trabalho do homem um fardo, mas condena à dor e ao sofrimento não o trabalho dela, mas seu corpo fértil, resultado natural da sexualidade da mulher (LERNER, 2019, p. 231).

O ser feminil de Medeia, que um dia deixou as terras da Cólquida para se aventurar seguindo a paixão por Jasão, recebe a sua paga. Sofre as consequências de suas ações, bem como as consequências de ser mulher, estrangeira e bruxa; e acha em si a substância do mal, creditando ao seu sexo, tal como fizeram os outros personagens, o talento para se alinhar com o que é atroz: “tens ciência; ademais, a raça fêmea ignora como haurir algo elevado, sábia quando edifica o horror do fado” (EURÍPIDES, 2010, p. 61). Segundo Medeia, as coisas boas para as mulheres são impossíveis de se conceber, mas o mal é natural para elas como respirar. Podemos resgatar o mesmo discurso da mulher como fonte de todo o mal que já comentamos. De todo modo, segundo Bourdieu, a mulher não tem como escapar de ser creditada ao que é funesto. Diga o que diga, faça o que faça, ela é o mal e não há o que discutir:

As mulheres, façam o que fizerem, estão, assim, condenadas a dar provas de sua malignidade e a justificar a volta às proibições e ao preconceito que lhes atribui uma essência maléfica – segundo a lógica, obviamente trágica, que quer que a realidade social que produz a dominação venha muitas vezes a confirmar as representações que ela invoca a seu favor, para se exercer e se justificar (BOURDIEU, 2012, p. 44).

Não existe um meio de a mulher ser virtuosa já que a virtude é própria do homem. A estrutura da sociedade patriarcal não dá à fêmea nenhuma opção a não ser a de ser miserável, seja rainha, bruxa, deusa ou escrava. Se o destino da mulher

é sofrer e ser inclinada para tarefas lúgubres é porque esse foi o destino que o patriarcado lhe deu. E Medeia, ainda que fale contra si e a raça feminina, compreende que a sina que tem não poderia ser outra:

Entre os seres com psique e pensamento, quem supera a mulher na triste vida? Impõe-se-lhe a custosa aquisição do esposo, proprietário desde então de seu corpo — eis o opróbrio que mais dói! E a crise do conflito: a escolha recai no probo ou no torpe? À divorciada, a fama de rampeira; dizer *não!* ao apetite másculo não nos cabe. Na casa nova, somos mânticas para intuir como servi-lo? Instruem-nos? Se o duro estágio superamos, sem tensão conosco o esposo leva o jugo — quem não inveja? —, ou melhor morrer. Quando a vida em família o entedia, o homem encontra refrigério fora, com amigo ou alguém de mesma idade. A nós, a fixação numa só alma. “Levais a vida sem percalço em casa” (dizem), “a lança os põe em risco.” Equívoco de raciocínio! Empunhar a égide dói muito menos que gerar um filho. Sei bem que nossas sendas não confluem: dispões de pólis, elos de amizade, lar paternal, desfrutes na vivência; quanto a mim, só, butim em solo bárbaro, sem urbe, rebaixada por Jasão, sem mãe, sem um parente, sem... que a âncora soerga longe deste pesadelo! (EURÍPIDES, 2010, p. 45; 47, grifos do tradutor).

Poderíamos dizer que essa é uma das falas que mais elucidam a estrutura machista e a triste condição da mulher à mercê do homem e suas regras. Hesíodo lamenta ter nascido na Era da raça de ferro e, de modo igual, Medeia lamenta ser mulher, porque este viver é um mar de infortúnios. Longe de poder preterir a sorte de se tornar uma esposa, ainda precisa pagar o dote para se casar (diferente da sociedade mesopotâmica em que o homem paga o dote, e precisamente, por pagar pela mulher é que todo tipo de crueldade pode ser feito a ela). Como a filha de Eetes diz, a mulher paga para que um homem seja déspota de seu corpo e essa é a maior dor. Seria equivalente a um escravo pagar a seu dono para ser escravizado. E se a mulher desejar se separar, será mal falada. Na palavra “divorciada”, o comentarista põe uma nota explicando que, no século V a. C., o divórcio para a mulher era permitido em decorrência do mal comportamento do marido. Ela poderia voltar para a casa de seu pai, mas não seria uma atitude bem-vista. Ademais, Medeia, sendo rechaçada pelo marido, não poderia voltar para a Cólquida, logo, além de mal falada, não tinha para onde ir.

Seguindo na mesma linha, Medeia diz que não se pode dizer “não” à procura do par para a relação sexual, validando a fala de Wittig ao dizer que o coito forçado é uma das obrigações femininas. Portanto, além de poder ser estuprada pelo marido,

tem que ser vidente (mântica) em seu ofício de escrava para poder adivinhar como servi-lo. Medeia enfatiza que sequer os homens têm a boa vontade de instruir as mulheres. Para além, se mesmo assim, a mulher consegue superar o estágio inicial do casamento, cambaleando entre o trabalho de escrava, serva sexual e oráculo, o relacionamento segue o curso com o marido carregando o jugo. No entanto, se a mulher não conseguir mediar suas obrigações impossíveis, o homem sai de casa e faz da vida o que quiser para o próprio deleite na companhia de um amigo ou parente, já a mulher está fadada a ficar trancada em casa e fixar-se nessa realidade. A ela não é permitido ter amigos. O seu amigo, o seu destino, o seu tudo é seu marido. E no final ainda precisa ser grata a esse esposo, pois ele a protege. Ele é o guerreiro que empunha a espada para que a mulher tenha uma “vida feliz”, “sem dificuldades” “nem perigos” em casa. Entretanto, ela segue dizendo que prefere a guerra a parir. Ao final, Medeia repreende as mulheres do Coro que a julgam mal por querer vingança. Ela então deixa evidente que se a situação de uma mulher é difícil em circunstâncias comuns, a dela é muito pior, por já não contar com o apoio de ninguém. Ela está sozinha e submersa num mar de desventuras.

Medeia, com toda a sua fúria e temperamento feroz, faz da peça de Eurípedes inovadora para época (e surpreendente até hoje). A peça traz a narrativa de uma mulher forte, poderosa, engenhosa, vingativa e nada subserviente. O discurso machista corre pela boca da maioria dos personagens e assim pode-se ver o fardo que se carrega por ser mulher, ainda mais agravado por contextos sociais como: ser estrangeira – dita bárbara –, em terra helênica; não ter apoio familiar e/ou apoio amistoso (destaquemos que a ajuda de Egeu para com Medeia foi um negócio, uma permuta e não amizade); e não ter comportamento aceitável (socialmente falando).

Medeia não era obediente, como se espera de uma mulher. Ignorou o desejo do pai e fugiu com o homem que ela queria. Não era mansa, nem frágil e não era detida por medo ou por efeito de ameaça. E, como se pode ver na obra de Eurípedes, ela diz: “[...] matarei a corja à bruta, mesmo se morrer” (EURÍPIDES, 2010, p. 59). Desse modo, podemos ver que levou suas decisões até as últimas consequências. Medeia definitivamente não cumpriu o papel designado, sem embargo, serviu ao patriarcado do mesmo jeito. Ao assumir a brutalidade masculina, tornou-se exemplo da mulher indesejável e destruidora de lares. Imagine como seria essa história, que é uma tragédia, se Medeia não carregasse o estigma de ser mulher? Provavelmente seria chamada de heroína, da mesma forma que Jasão é chamado de herói, como

Ulisses, como Eneias, como Agamenon ou Aquiles, em que seus atos de violência não os depreciavam – muito pelo contrário, os dignificam. O herói que mais mata ou que mata pelo ideal da conquista, honra e/ou vingança é o mais admirado. Uma mulher que mata não inspira respeito nem admiração. Ela inspira horror, pelo simples fato de ser mulher.

Como pudemos verificar, a mulher foi vítima do patriarcado de diversas maneiras. Desde a significação do seu ser até as atribuições absolutamente desumanas como fonte do mal, do trabalho e até da morte. Porém, mesmo com total desvantagem nesse sistema, algumas mulheres ousaram subverter o jogo do patriarcado e se tornaram “reis” de seus tabuleiros. Essas mulheres, que propagaram seus espíritos através das Eras e dos corpos, surgiram de tempos em tempos como pesadelos súbitos para assombrar a civilização sob dominância masculina. Elas viraram mito e estão em todos os lugares, sussurrando palavras de liberdade e rebeldia às mulheres de cada época. Por conseguinte, a seguir veremos como Lilith voou para o campo das ideias e consolidou seu reino em nossos imaginários. Veremos como a mulher-pesadelo lidou com o poder, mesmo esse não sendo feito para ela, e as consequências dessa transgressão.

4.4 LILITH: UMA MULHER EM FUGA E EM EXÍLIO

*Passei tristonho dos salões no meio,
Atravessei as turbulentas praças
Curvado ao peso de uma sina escura;
As turbas contemplaram-me sorrindo,
Mas ninguém divisou a dor sem termos
Que as fibras de meu peito espedaçava.
O exilado está só por toda a parte!*

Fagundes Varela

Conforme vimos no subcapítulo “Adão, ditador de nomes e papéis”, Adão poderia ter tolhido Eva de antemão para evitar danos, ou poderia ter tomado tais atitudes por já ter vivenciado algum tipo de frustração em tempos anteriores. Passemos a analisar o livro bíblico para identificar a possibilidade dessa hipótese. Pode-se verificar que em Gênesis 2:23 Adão disse: “agora sim! Esta é carne da minha carne e ossos dos meus ossos”. Ao dizer “agora sim”, poderia denotar a existência de uma mulher anterior, que não seria feita dos ossos de Adão. Outra passagem que

pode induzir a acreditar nessa mulher anterior está no Gênesis 1:27: “assim Deus criou os seres humanos; ele os criou parecidos com Deus. Ele os criou homem e mulher”. Aqui, poder-se-ia interpretar que Deus havia criado o homem e a mulher num mesmo ato e da mesma maneira. Todavia, o texto bíblico não oferece evidências mais substanciais do que essas, fazendo-nos supor que essa hipótese não passaria de pura especulação. Porém, como a mitologia cristã tem suas raízes na mitologia hebraica e nem todos os livros de origem hebraico-judaico fazem parte da Bíblia, podemos verificar a hipótese de uma mulher anterior em livros hebraicos como o *Talmud*, “O Alfabeto de Ben Sira”, o *Zohar* e a *Cabala*. Essa mulher teria por nome Lilith e existem algumas versões de como ela teria sido gerada.

Lilith, segundo “O Alfabeto de Ben Sira”, foi criada da mesma matéria que Adão. Deus os havia criado para coabitar como um casal, porém eles não se entendiam. Segundo Graves e Patai (2018, p. 58, tradução nossa), Adão e Lilith viviam em pugna constante: “Adão e Lilith nunca encontraram harmonia juntos, pois quando ele desejava deitar-se com ela, Lilith se sentia ofendida pela posição somenos que ele exigia”⁴². Ela se indignava por Adão se julgar superior e impor que ela sempre estivesse por baixo dele no ato sexual, e ela rechaçava a ideia de ser inferior somente por ser mulher. Para ela, se foram criados iguais, iguais eram. Eles não encontraram acordo, então Lilith foi embora. Adão, como mais tarde faria em relação à Eva, queixasse a Deus por causa de sua mulher:

Adão estava em oração diante de seu Criador: “Soberano do universo!” Ele disse: “a mulher que você me deu fugiu”. Imediatamente, o Santo, bendito seja Ele, enviou esses três anjos para trazê-la de volta. Disse o Santo a Adão: “se ela concorda em voltar, o que é feito é bom. Caso contrário, ela deve permitir que cem de seus filhos morram todos os dias”. Os anjos deixaram Deus e perseguiram Lilith, a quem alcançaram no meio do mar, nas poderosas águas em que os egípcios estavam destinados a se afogar. Eles disseram a palavra de Deus, mas ela não desejou voltar. Os anjos disseram: “afogar-te-emos no mar”⁴³ (EISENSTEIN, 2008, s. p., tradução nossa, grifos do autor).

⁴² Versão em espanhol: “Adán y Lilit nunca hallaron armonía juntos, pues cuando él deseaba yacer con ella, Lilit se sentía ofendida por la postura reclinada que él exigía”.

⁴³ Versão em inglês: “Adam stood in prayer before his Creator: ‘Sovereign of the universe!’ He said: ‘the woman you gave me has run away’. At once, the Holy One, blessed be He, sent these three angels to bring her back. Said the Holy One to Adam: ‘If she agrees to come back, what is made is good. If not, she must permit one hundred of her children to die every day’. The angels left God and pursued Lilith, whom they overtook in the midst of the sea, in the mighty waters wherein the Egyptians were destined to drown. They told her God’s word, but she did not wish to return. The angels said: ‘We shall drown you in the sea’”.

Vemos aqui figuras masculinas expressivas e de referência trabalhando como uma equipe para que a instituição patriarcal atingisse seu máximo sucesso. Consonante com o patriarcado, Jeová, como o maior patriarca, O Pai, O Rei, O Senhor, ouve da boca de sua criatura primordial e basilar, Adão, que a mulher dada a ele fugiu. Ele usa o termo “dada” porque ela é uma propriedade, e como um objeto foi transferida de uma persona masculina para outra. Essa ideia de tratar a mulher como uma propriedade do homem irá perdurar por séculos, chegando a estar inscrita na Lei, como, por exemplo, no Código de Hamurabi⁴⁴. Gerda Lerner comenta (2019, p. 128) que duas premissas básicas sobre o tratamento da mulher no referido Código determinam “[...] que parentes homens têm o direito de dispor de parentes mulheres e (a de que) a esposa e os filhos de um homem fazem parte de sua propriedade e devem ser usados como tal”. É quase como se Lilith fosse uma ovelha de seus rebanhos, por isso Adão reclama que ela fugiu. Ou seja, ela escapou de um lugar que não desejava estar. No entanto, Deus, ao ouvir que a mulher havia ido embora, não se incomodou em perguntar a Adão o que sucedera para que ela tivesse tomado essa atitude. Não perguntou porque não interessa. O lugar da mulher seria ao lado de seu marido e não existiria justificativa para que ela não permanecesse em seu lugar. Como foi dito por Wittig anteriormente, o casamento (ou nesse caso, união vitalícia imposta) exige da mulher obrigações como coabitação diária, coito forçado, reprodução a serviço do marido, entre outras. Sendo assim, Deus manda três anjos, figuras masculinas, para que a coajam a retornar para cumprir com suas obrigações. Nessa coerção, Deus usa a vida dos filhos de Lilith para chantageá-la. Como Lerner esclarece, mulheres em situação de dominação podem, facilmente, ser coagidas em razão da prole: “se uma mulher fosse capturada com os filhos, se sujeitaria a quaisquer condições impostas pelos captores para garantir a sobrevivência deles” (LERNER, 2019, p. 114). Então, os anjos, como capatazes de Deus, a fim de cumprir o desejo dos patriarcas, perseguem Lilith, da mesma forma que muitas mulheres também são perseguidas ao fugir. Às vezes, são mortas⁴⁵ por terem fugido, inclusive,

⁴⁴ Hamurabi foi um rei do Império Babilônico que compilou uma série de códigos de lei pré-existentes e algumas já aplicadas há centenas de anos. Em razão da grande diversidade de povos com etnias e culturas diferentes vivendo sob o reino de Hamurabi, seu código tem uma extensa variedade de influências desses povos que se estendiam das regiões entre Eufrates e o Tigre (LERNER, 2019, p. 139).

⁴⁵ Como exemplo de destino fúnebre para as mulheres que fogem, mas são capturadas, apresentamos a matéria jornalística chamada *Samia Shahid 'honour killing' death: Cleric 'threat' claims over marriage*

na narrativa, Lilith também foi ameaçada de morte por afogamento. Jacine Porto explica que as mulheres em situação de violência e subjugação reagem de infinitas maneiras e umas das estratégias de enfrentamento contra a violação é a fuga⁴⁶: “algumas mulheres tentam livrar-se da agressão fugindo [...], mas, geralmente, eram encontradas e por vários motivos, obrigadas a voltar [...]” (PORTO, 2004, p. 73, grifos nossos).

Mesmo sendo perseguida, coagida e ameaçada, Lilith não voltou ao lugar imposto a ela. Conseqüentemente, Adão estava sozinho de novo. Segundo Graves e Patai (2018), Deus fez uma primeira Eva, a qual provocou repulsa a Adão (por ter presenciado sua criação) e ele a rejeitou, (não se sabe o destino dessa mulher); em seguida, fez a segunda Eva, que seria a mulher idônea. Não obstante, para Eva ser idônea de verdade, ela teria que cumprir um papel maior do que ser mãe e/ou esposa: ela teria que ser um exemplo da mulher que o patriarcado desejava. Uma mulher oposta a Lilith (já que esta exprimia o pavor dos homens – seja seu marido, seu deus ou seu caçador). Ela teria que ser uma mulher que aceitasse prontamente seu destino de inferiorização, assédio e violência, pois Lilith, mulher-pesadelo, apesar de todas as conseqüências negativas, não cedeu. E não o fez porque sabia que era igual a Adão, não cedeu porque tinha desejos e opiniões. Eva não poderia ser assim.

Logo, os relatores da narrativa mitológica construíram a mulher desejada: mansa, calada, submissa e culpada. Através da figura ordenadora e nomeadora de Adão, a mulher foi construída destituída de identidade e autonomia, já que veio da costela dele. Ao nascer, Adão lhe teria atribuído um nome que lhe impunha um dever indelével: o de ser parideira e ela foi coibida de sentir desejo sexual (revelada na figura da serpente). Adão a teria acusado de quebrar a ordem divina por comer o fruto da Árvore do Conhecimento. Dessa forma, é incriminada por sua transgressão e responsabilizada pela herança de pecado que o mundo carregaria:

(IQBAL, 2016) que conta a trágica história de Samia Shahid: atraída por sua mãe e irmã para a morte, mas executada pelo pai e o primeiro marido, do qual teria fugido.

⁴⁶ A fuga era e continua sendo um mecanismo de sobrevivência da mulher. Avani Santana, coordenadora do Centro de Referência Clarice Lispector, em entrevista ao *Diário de Pernambuco*, comenta que as mulheres que buscam por ajuda pelo Centro recebem orientações de como escapar de um agressor. Na matéria, essas orientações recebem a nomenclatura de “planos de fuga”. Em outras matérias jornalísticas, também podemos encontrar narrativas de mulheres que fugiram na tentativa de sobreviver. Destacamos aqui: *A fuga eterna de quem sofreu violência doméstica* (SOARES, 2014) e “Nós só queremos sobreviver’: as irmãs sauditas que temem a pena de morte após fugirem do país” (BBC.COM., 2019).

No contexto histórico da época em que Gênesis foi escrito, a serpente era associada com clareza à deusa da fertilidade, representando-a simbolicamente. Sendo assim, pela ordem de Deus, a sexualidade livre e aberta da deusa da fertilidade deveria ser proibida para a mulher caída. A forma pela qual sua sexualidade deveria se expressar era a maternidade. Sua sexualidade foi definida para servir a função maternal e limitada a duas condições: teria de se subordinar ao marido e dar à luz os filhos com dor (LERNER, 2019, p. 242-243).

Posto isso, Eva, segundo os desejos dos patriarcas, cumpriu os propósitos estabelecidos pelo patriarcado. Ela foi apartada de tudo o que faz de alguém um ser humano, reduzida a um objeto útil para Adão. Representou aquela que traiu a raça humana por se associar à serpente, acessando o conhecimento proibido – instituindo que é cauteloso que a mulher permaneça ignorante; e viveu ao lado de Adão, cumprindo seu papel de esposa, parindo seus filhos – de acordo com a Bíblia, foram trinta e três filhos e vinte e três filhas. Tudo isso para impedir que Eva não se convertesse em um pesadelo, mas sim em uma propriedade. Em contraponto, Lilith não aceitou ser restringida a um papel. Ela assumiu o controle de seu destino por meio da fuga e do exílio dando vida ao pesadelo do patriarcado: a mulher que não pode ser submetida.

O exílio, inerente à condição humana, pode ser investigado por muitas áreas do conhecimento, dado que o tema perpassa questões como: insegurança, perda, medo, desarraigo, deslocamento etc. Segundo Maria José Queiroz em sua obra *Os males da ausência e ou a literatura do exílio* (1998), o léxico “exílio” pode estar vinculado às expressões como: *Heimveh* (alemão), *mal du pays* (francês), *homesickness* (inglês) que exprimem o sentido de dor, perda ou ausência de raiz etc.

O exílio pode ser tanto voluntário como forçado e as nossas mulheres-pesadelo experienciaram ambos. Medeia, quando fugiu com Jasão da Cólquida, exiliou-se voluntariamente, tal como Lilith quando escapou do Éden. Contudo, com seus deslocamentos, elas desafiaram os seus proprietários e uma vez longe de seus jugos, mandamentos e “proteção”, não há mais como retornar. Segundo Guillén (2005), o indivíduo pode vivenciar um outro tipo de exílio que não o físico: o metafórico, que consiste no sentimento de não pertencimento do sujeito onde ele já se encontra inserido, por isso, sofre o isolamento dentro de si mesmo, o que pode resultar na fuga e/ou exílio voluntário geográfico. Essa sensação de não pertencimento em suas pátrias é notória nas duas personagens, visto que optaram deliberadamente pela fuga. Por conseguinte, desdenhando de seus locais de origem, sofrem o exílio forçado, por

assim dizer, o desterro, o banimento. Medeia, sendo banida da Cólquida, de lolcos e de Corinto; Lilith, banida do Jardim do Éden e de todas as partes, condenada a vagar pela Terra e a castigar a descendência de Adão:

O Senhor, abençoado seja, retirou Lilith do fundo do mar e outorgou-lhe o poder sobre todas aquelas crianças, os “pequenos rostos” dos filhos dos homens, que estão sujeitas à punição pelos pecados de seus pais. Ela andou então por todos os cantos do mundo. Aproximou-se dos portões do paraíso terrestre, onde avistou os Querubins, os guardiães dos portões do Paraíso, e sentou-se junto à espada flamejante, cuja origem era semelhante à sua. Quando viu a espada flamejante a girar, indicando que o homem havia pecado, fugiu e pôs-se a andar pelo mundo, e, ao encontrar crianças sujeitas à punição, maltratava-as e matava-as (KOLTUV, 2017, p. 37, grifo da autora).

À vista disso, Lilith e Medeia são andarilhas, forasteiras, mulheres de lugar nenhum. Entretanto, embora o exílio, a fuga ou o deslocamento possa semanticamente significar pesar, falta, vazio e perda, também pode expressar liberdade. Como visto com Gerda Lerner (2019), as mulheres foram percebidas como seres vulneráveis na sociedade, logo, podemos intuir por meio do exemplo das mulheres-pesadelo que a fuga e o exílio se tornaram destino para as mulheres que não se adaptaram ao casamento ou à maternidade sob o regime da dominância. Para Hannah Arendt, poder deslocar-se é uma das maneiras mais antigas de liberdade, pois se antagoniza ao cárcere: “sermos capazes de partir para onde quisermos é o sinal prototípico de sermos livres, assim como a limitação da liberdade de movimento, desde tempos imemoriais, tem sido a pré-condição da escravização” (ARENDR, 2008, p. 12).

Segundo Guillén (2005), o exílio também poderia representar regeneração, reedificação, refazimento, reestabelecimento, reconstrução: “o que importa, contudo, é que o exílio, seja voluntário seja imposto, é uma forma de sobreviver sem haver a perda da própria voz” (GUILLÉN, 2005, p. 10). Portanto, o exílio de Lilith e de Medeia não seria apenas banimento, renúncia e afastamento, mas, acima de tudo, tratar-se-ia de lutar por suas vozes, suas vontades e por controlar seus próprios destinos. Por meio da fuga e do exílio, as mulheres-pesadelo impõem seus brados e desafiam o patriarcado violento que as excluem do mundo em que o macho impera.

A seguir, nos depararemos com o arquétipo vivo, figura histórica, de carne e osso, luz e calor, e buscaremos entender como a mulher-pesadelo veio à tona no Brasil, na primeira metade do século XX, através do corpo da dançarina do povo.

4.5 LUZ DEL FUEGO: A REALIZAÇÃO DO MITO

Día vendrá en que no habrá tejedores y nadie usará ropas. Todos nosotros estaremos desnudos bajo al Sol.

Kahlil Gibran

No início do capítulo “O mito hoje” do livro *Mitologias* (1972) de Roland Barthes, é dada uma definição para a palavra “mito” bastante coerente etimologicamente: “o mito é uma fala”. Com isso, pode-se pressupor que “fala” seja somente uma oralidade, não obstante, Barthes admite fala como mensagem, então, a mensagem amalgamada na fala mítica pode ser transmitida também em código escrito ou por outras variadas expressões:

Esta fala é uma mensagem. Pode, portanto, não ser oral; pode ser formada por escritas ou representações: o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isso pode servir de apoio à fala mítica (BARTHES, 1972, p. 200).

Consequentemente, compreendemos que o mito pode se cristalizar em forma de símbolos, emblemas, iconografias, fotos, placas, gestos etc. Na intenção de simplificar o entendimento do mundo, o homem busca paradigmas e formas. Nisso, aparecem os arquétipos de deuses, duendes, ogros, a velha sábia que mora no meio do nada, heróis, fadas, bruxas etc. Para Carl Gustav Jung, o arquétipo seria um conjunto de características e discursos que rompem gerações e civilizações. Sendo um tipo de senso comum, um ideário coletivo que por vezes se manifesta em um sujeito sem que ele conscientemente busque ser hospedeiro:

Os arquétipos são sistemas de prontidão que são ao mesmo tempo imagens e emoções. São hereditários como a estrutura do cérebro. Na verdade, é o aspecto psíquico do cérebro. Constituem, por um lado, um preconceito instintivo muito forte e, por outro lado, são os mais eficientes auxiliares das adaptações instintivas. Propriamente falando, são a parte *ctônica* da psique – se assim podemos falar – aquela parte através da qual a psique está vinculada a natureza, ou pelo menos em que seus vínculos com a terra e o mundo aparecem claramente. Os arquétipos são formas típicas de comportamento que, ao se tornarem conscientes, assumem o aspecto de representações, como tudo o que se torna conteúdo da consciência. Os arquétipos são anteriores à consciência e, provavelmente, são eles que formam os dominantes estruturais da psique em geral, assemelhando-se ao sistema axial dos

cristais que existe em potência na água-mãe, mas não é diretamente perceptível pela observação. Do ponto de vista empírico, contudo, o arquétipo jamais se forma no interior da vida orgânica em geral. Ele aparece ao mesmo tempo que a vida. Dei o nome de arquétipos a esses padrões, valendo-me de uma expressão de Santo Agostinho: Arquétipo significa um “*Typos*” (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caracteres arcaicos, que, em forma e significado, encerra motivos mitológicos, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore (JUNG, 1985, p. 33-34, grifos do autor).

Jung nos esclarece que o arquétipo faz parte da nossa estrutura cerebral, transcendendo o tempo, tornando-se característica da condição humana, se manifestando espontaneamente em nossa sociedade, igualmente a fala mítica. Posto isso, podemos perceber que o mito não foi deixado ou esquecido em tempos remotos. Como nos diz Barthes, o mito pode estar em tudo: numa revista, num cartaz publicitário, na televisão. Desse modo, identificamos que o mito e o arquétipo da mulher-pesadelo podem residir no corpo da mulher real: a mulher de carne e osso.

Dessa maneira, a mulher-pesadelo da sociedade patriarcal não está somente na imaginação de um(a) escritor(a): ela está no meio de nós. As mulheres-pesadelo que abordamos nesta Dissertação são as míticas Medeia e Lilith, e é também a personagem histórica Luz del Fuego (Figura 3). Mas, por serem um arquétipo, não são somente elas. A mulher-pesadelo do patriarcalismo é aquela que não deseja um casamento formal, que foge para longe do jugo opressor da família, que se expõe lascivamente, que prefere o exílio a resignar-se, que procura seus próprios meios de vida, que não se curva à demonização ou má fama atribuída a ela, que não deseja ser mãe por convenção social, que quebra todo o padrão pré-estabelecido. Luz del Fuego nasceu das entranhas de Dora Vivacqua que, por meio de sua vida e arte, deu vida e eternizou a mulher-pesadelo.

Quando Dora (Figura 4) ainda era muito criancinha, ela e a sua família saíram do Espírito Santo e se firmaram na capital mineira. Desde aí, a menina caçula dos Vivacqua já demonstrava o quanto era puro fogo. Luz del Fuego foi transgressora e um verdadeiro pesadelo para a sua família, que era tradicionalista e religiosa. Sua mãe, Etelvina Vivacqua, era a mais devota de todos os familiares. Dora, ao perceber que a família tradicional (como a dela) tal qual a Igreja utilizava da perfídia e do falso moralismo para manter as aparências enquanto escondiam práticas monstruosas, segredos horrendos e indizíveis, não costumava economizar críticas mordazes e não se adequava:

Não aceitava ordens, detestava que opinassem sobre sua vida. Na escola era insolente. Respondia aos professores e durante os castigos fazia caricaturas debochadas deles. Fora expulsa da aula de religião porque falava que as missas domingueiras não passavam de exibição dos grã-finos, fingindo sentimentos que não tinham. Que a esmola era a mentira dos ricos para alimentar a ganância dos padres (AGOSTINHO, 1994, p. 85).

Convém enfatizar que sua repulsa à Igreja não se deve necessariamente pela falta de fé em Deus, e sim por ser contra o sistema dissimulado e mendaz, assim como a família tradicional:

Irritam-me as missas de domingo. Quanto fingimento! Que ostentação nos templos! Que intolerância com aqueles que procuram amparo em suas portas! O meu Deus tem mais a ver com o Jesus da Galileia. Aquele homem simples e humilde, coração generoso, capaz de abraçar Madalena, a pecadora (AGOSTINHO, 1994, p. 55).

Respondona e impertinente, à medida que ela crescia, cresciam sua insolência e seu desejo de liberdade. No intermédio da adolescência com a terna juventude, a vida provinciana das Minas Gerais a enfadava. Então, logo se agitou para morar na badalada cidade do Rio de Janeiro. Lá, viveu por algum tempo sob tutela do irmão advogado e político Attilio Vivacqua⁴⁷. Contudo, como era de se esperar, Dora não aceitava as ordens do irmão, então Attilio passou a tutela para a irmã Angélica e seu marido, Carlos.

Dora que recebia mimos e era bem tratada desde criança pelo cunhado, via nele a esperança de retornar ao Rio de Janeiro. No entanto, Carlos abusou da proximidade de Dora para cercá-la. Depois de um episódio de bolinação, a qual Dora reagiu mal, Carlos passou a lhe encher de presentes. Acreditando que os regalos não passariam de galanteios, Dora até brincava de forma a provocar o cunhado. Porém, o

⁴⁷Attilio Vivacqua foi um capixaba proeminente. Atuou no Direito (como jurista e professor), no Jornalismo e, sobretudo, na política, tanto que existe uma cidade no Estado do Espírito Santo com seu nome e o setor administrativo da Câmara Municipal de Vitória, capital do Espírito Santo, também o homenageia. O Palácio Atílio Vivácqua (a escrita do nome do senador diverge a depender da fonte) foi projetado pelo renomado arquiteto Carlos Alberto Vivácqua Campos (Bebeto Vivacqua) e inaugurado 10 de setembro de 1976, quando o Senador Attilio já estava falecido. Beбето Vivacqua assinou outros projetos importantes no Espírito Santo, como o Palácio do Café, o Parque Tancredo Neves, a Junta Comercial, o Centro de Lazer da Ilha da Luz, o Hotel Vitória Palace, entre outros. A família Vivacqua é homenageada largamente no Estado, além das homenagens já citadas, assinalamos o Terminal Rodoviário Carlos Alberto Vivácqua Campos e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Elzira Vivácqua dos Santos.

que para ela seria uma brincadeira, para Carlos era uma obsessão: ele passou a importuná-la sexualmente. Quando Angélica flagrou o abuso do marido e tendo Dora revelado que tal comportamento era recorrente, Angélica acusou a irmã caçula de ser louca e a internou por dois meses no Hospital Raul Soares (Figura 5), no qual Dora sofreu com tratamentos desumanos, como isolamento em solitária, sedação excessiva e banhos gelados. Dora foi punida severamente, todavia Carlos continuou a vida normalmente, inclusive, a sogra, Etelvina, o tratava como se nada tivesse acontecido e duvidava piamente que seu genro poderia fazer tal ofensa a Deus (AGOSTINHO, 1994).

Depois dos maus tratos sofridos, Dora ficou abalada e emagreceu quase dez quilos. Achilles a liberou do hospital e a convenceu a passar uma temporada na fazenda do irmão Archilau, no Espírito Santo. Com o tempo e o contato com a natureza, seu vigor e humor foram se restaurando e não demorou muito para Dora fazer travessuras e escandalizar os colonos da fazenda. Luz del Fuego, tal como Lilith e Medeia, compartilhava de uma estreita relação com a natureza: Lilith no Éden, Medeia na Cólquida e Luz na Ilha do Sol. Recordemos que a mulher que se relaciona com a natureza tem sido execrada e taxada de selvagem, bestial, bruxa, nociva, perigosa. Roger Bartha assinala que o homem civilizado teme a natureza, pois ela o agride selvagemmente por “conter signos e sinais de uma sabedoria profunda”⁴⁸ (BARTHA, 1992, p. 20, tradução nossa). Esta sabedoria que a natureza comporta e que divide com a mulher teria sido, como já comentamos, a causa de corrupções terrenas, enfermidades, dores, sofrimentos e morte. Segundo Bartha:

[...] para Agostinho a natureza está, devido ao pecado original, essencialmente contaminada pelo mal e os homens se encontram irremissivelmente condenados ao sofrimento, sem possibilidade de alcançar voluntariamente o estado de graça ao qual aspiravam os monges do deserto⁴⁹ (BARTHA, 1992, p. 58, tradução nossa).

Luz del Fuego carrega o estigma da mulher selvagem, que conversa com a natureza e é perigosa, visto que cochicha segredos com ela. Certo dia, Dora foi flagrada nua por um rapazinho que trabalhava na fazenda do irmão Archilau e ela,

⁴⁸ Versão em espanhol: “[...] signos y señales de una sabiduría profunda”.

⁴⁹ Versão em espanhol: “[...] para Agustín la naturaleza está, debido al pecado original, esencialmente contaminada por el mal y los hombres se encuentran irremisiblemente condenados al sufrimiento, sin posibilidad de alcanzar voluntariamente el estado de gracia al cual aspiraban los monjes del desierto”.

com toda naturalidade, lhe pediu que fosse buscar uma câmera para fotografá-la com “seu traje de Eva” (anos depois desse acontecido, na Figura 6, pode-se ver Luz del Fuego vestida de Eva livremente). Quando o rapaz contou ao patrão que Dora estava vestida apenas com folhas de parreira, com duas cobras-cipós entrelaçadas nos braços e que queria registrar o *look* em fotografia, Archilau ficou consternado e chamou um outro irmão, Archimedes, para resolver o que fazer com a irmã. Archimedes e Dora tiveram uma grave briga que resultou em um ferimento de cinco pontos na testa dele e uma nova internação em manicômio para ela (AGOSTINHO, 1994).

Antes de comentar a necessidade dos irmãos de controlar a jovem Luz, destaquemos que as nossas três personagens têm proximidade com as serpentes. Luz, aos seis anos, descobriu o interesse pelas cobras. Em uma das visitas ao serpentário do Instituto Ezequiel Dias, Dora se agarrava às grades para não ir embora, ficava em polvorosa quando algum funcionário manejava os seus répteis favoritos. Mais tarde, além de criá-las, se apresentava com elas no teatro. Já Medeia, iconograficamente, é representada em um carro mágico puxado por serpentes, ademais de uma serpente⁵⁰ ter guardado o velocino de ouro. E Lilith, que é representada como uma cobra, inclusive pode se configurar na que convenceu Eva a comer o fruto proibido, como discutimos anteriormente. Entretanto, se a lei de Deus Pai aparta a mulher da serpente e institui que sejam inimigas para sempre, uma mulher que convive com cobras não pode ser virtuosa. É aterradora, é demoníaca. Para Alexander e Russel (2008), as características que são atribuídas aos demônios na Antiguidade podem ser as mesmas atribuídas às bruxas na Idade Média. Dentre uma das características, está a intimidade com cobras que, não coincidentemente, também compõe a mulher-pesadelo:

Entre os mais terríveis demônios sumérios estava Ardat Lili ou Lilitu, prima da greco-romana Lâmia e o protótipo da Lilith hebraica. Lilitu era um espírito feminino; era frígida e estéril, dotada de asas e mãos e pés com garras; acolitada por corujas e leões, movia-se velozmente durante a noite soltando uivos estarrecedores e seduzindo os homens adormecidos ou bebendo-lhes o sangue. Um outro demônio do sexo feminino, Labartu, saía com uma serpente em cada mão e atacava crianças e suas mães ou amas. Contra semelhantes poderes era necessária toda espécie de magia, incluindo amuletos, palavras

⁵⁰ As versões podem variar de “dragão insone” até “serpente insone”. Em latim, a palavra *drago* serve para ambas as criaturas.

mágicas e exorcismos, mas sobretudo a proteção da divindade tutelar, pois “o homem que não tem um deus quando caminha na rua, o demônio envolve-o como um traje” (ALEXANDER; RUSSEL, 2019, p. 39, grifo dos autores).

Desde tempos antigos, a imagem de uma mulher com cobras nas mãos é considerada horripilante (na Figura 7 é possível ver Luz com uma de suas cobras). A mulher, de antemão, precisa ser controlada, e a que se associa com a serpente é a figura do mal, então, o seu controle necessita ser imperativo e impiedoso.

Vimos por meio das teorias aqui abordadas que o homem institui e controla os padrões que a mulher deve seguir. Para a dominação da mulher, o homem se utiliza das instituições sociais como a Igreja, a família, a política e também a academia. Com o advento das ciências da psique, os padrões de normalidade da psicologia feminina foram reiterados à sua capacidade reprodutiva, à sua sexualidade e ao comportamento predeterminado pela sociedade patriarcal. Então, as mulheres que fugiam ao padrão de comportamento imposto ao seu gênero poderiam ser facilmente controladas dentro de hospitais psiquiátricos sob justificativas misóginas. Como o papel da mulher segundo o patriarcado seria o de ser passiva, lânguida, calma, paciente, taciturna, complacente, casta, frugal, angelical, obediente, de casar-se com um homem, procriar com ele, criar e educar seus filhos, aceitar suas violações e traições etc. A transgressão desses padrões poderia facilmente ser transfigurada em loucura a fim de punir e dominar a mulher:

E, era no momento das internações que esses “papéis femininos eram invocados e qualquer outra estratégia de vida implicava na afirmação de desadaptação ou de desadequação dessas mulheres às normas vigentes”⁵¹. Situação análoga se desenrolava, por exemplo, no Hospital Juquery, no Estado de São Paulo, onde, “as mulheres quase sempre eram internadas por alegado distúrbio relativos sobretudo ao espaço que lhes coube na definição de papéis sexuais e sociais [...] a imagem ideal: boas mães, boas filhas e boas esposas”⁵² era um elemento definidor nos processos de internação (FATURI, 2015, p. 89, grifos do autor).

Luz, assim como Lilith e Medeia, recebeu duras investidas e punições para ser controlada. Sem embargo, quando porventura elas reagiram, foram demonizadas,

⁵¹ Na citação, Fábio Rosa Faturi faz referência a obra *A Construção do moderno e da loucura: Mulheres no Sanatório Pinel de Pirituba (1929-1944)* (VACARO, 2011).

⁵² Na citação, Fábio Rosa Faturi faz referência a obra *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo* (CUNHA, 1986).

rotuladas de violentas, delirantes, loucas, histéricas. Vale ressaltar que histeria vem da palavra grega *hysterá*, que significa “útero”. A histeria seria um chilique de mulher, causada pela infertilidade – visão difundida a partir da Antiguidade –, ou pela lascívia e perversão sexual – percepção adotada desde o século XIX. No caso de Luz, segundo sua irmã Angélica, foi atribuído um diagnóstico de esquizofrenia e a internação teria sido recomendação médica: “o próprio psiquiatra lhe dissera que a naturalidade com que Dora se despira para o exame clínico era um sintoma de distúrbio psíquico. Qualquer moça ficaria envergonhada ao tirar a roupa diante de um homem, mesmo sendo um médico” (AGOSTINHO, 1994, p. 117). O fato da nudez de Luz ser encarada como loucura se deve à necessidade de controle do corpo livre. O antigo ideário que liga a ocultação do corpo com a pureza foi ressignificado pela psicanálise, ligando a ocultação corpórea com a sanidade. Por conseguinte, podemos entender que as internações de Luz eram penalidade e tentativa de subjugação.

Porém, segundo Bruna dos Santos Beserra Pereira, é claro que nem todas as mulheres que foram internadas em manicômios eram mulheres saudáveis vítimas de encarceramento punitivo. Provavelmente, existiram aquelas que necessitavam de tratamento médico: “no entanto, não se pode negar que o corpo feminino carregava estigmas que o tornavam mais suscetível ao internamento” (PEREIRA, 2016, p. 92).

Pela segunda vez, Dora foi liberada por Achilles e foi morar um período na cidade de Campos, no Estado do Rio de Janeiro. Depois, voltou para Cachoeiro de Itapemirim e, posteriormente, conseguiu escapar para a cidade do Rio de Janeiro. Tal qual Lilith e Medeia, Luz precisou fugir para poder ser quem era, para buscar sua emancipação, sua voz. Seu primeiro logradouro foi o internato feminino, o Colégio Imaculada Conceição, em Botafogo, no ano de 1937, quando Dora já estava completando seus 21 anos.

No início de sua vida, Dora não fazia ideia de que tipo de artista desejava ser ou que público gostaria de atrair, entretanto, sabia que sua vida estava destinada a afetar as pessoas, como podemos observar no diálogo que segue entre Luz e sua mãe:

- Uma artista famosa, é o que serei. Quero me exhibir em público, ser admirada, receber aplausos e flores.
- Nunca! Vida de artista é perdição que arrasta a alma para a desgraça eterna no fogo do inferno.

— E o que me importa isso? De qualquer forma, quando eu for velha como a senhora, já estarei as penas do inferno. A mocidade é curta e a velhice, o castigo de viver.

— Jesus Sacramentado! Etelvina se desesperava. — Essa menina quer me matar de desgosto! (AGOSTINHO, 1994, p. 96).

Atentemos que Etelvina, mãe de Luz, considera a vida de artista uma perdição para a alma. Isso pode se dar pela dicotomia vida pública x vida privada. Segundo Bourdieu (2012), a vida pública é de domínio masculino, em que os homens exibem seus corpos e seus rostos, arrogam espaço, tomam a palavra – o que podemos incluir o labor artístico, já que tal ofício exige que se exponha, se não, um produto extracorpóreo: o próprio corpo do artista. Por outro lado, as mulheres estariam condenadas a vida privada, oculta e reclusa, que jamais seria espaço de contemplação de outrem que não pertencesse ao grupo familiar. Logo, para o gênero feminino, a vida artística seria inviável ou, ao menos, vergonhosa/ indigna (na Figura 8 vemos Luz, nos anos 50, já famosa).

E, antes mesmo de ser a Luz del Fuego, por assim dizer, Dora se expunha e era notável no espaço público. Passeava pela praia de Marataízes, no Espírito Santo, de calcinha e bustiê improvisado e quando questionada acerca do sutiã, dizia: “não vivo na Idade Média pra andar com armadura” (AGOSTINHO, 1994, p. 87).

Dora era implacável contra o conservadorismo. Como foi criada sob rédea curta por uma mãe carola e irmãos políticos, advogados, fazendeiros, aprendeu logo cedo como uma mulher de sociedade e de família tradicional deveria se comportar. Mas, como vimos, de todos os papéis que ela estava disposta a desempenhar (sendo artista ou não), o de mulher “bela, recatada e do lar” era o que ela não desempenharia, nem que isso lhe custasse a vida:

— Que me importa o que pensem de mim? É minha vida. Faço dela o que quiser! Repetia a todo instante.

— Escapar do cativeiro das normas sociais traz dor e sofrimento. Você está preparada para isso, minha querida?

Mariquinhas perguntava apenas para certificar-se do indubitável. Sabia que era uma questão de tempo. Dora jamais se deixaria submergir no mundo incolor de uma vida prosaica (AGOSTINHO, 1994, p. 129).

Nessa citação, a irmã mais querida de Luz lhe adverte sobre os percalços que ela terá de passar para poder viver sua própria vida como desejar. Lerner aponta que dentre os muitos mecanismos de subjugação feminina estão a doutrinação de gênero

– que, por vezes é ministrada pelas mulheres ao redor; ensinando, vigiando e coibindo umas às outras – e “[...] pela concessão de privilégios de classe a mulheres que obedecem” (LERNER, 2019, p. 267). Desse modo, se a mulher se resignar ao cativeiro que lhe é dado e se for obediente, usufruirá de pífias vantagens como estar “protegida” da sociedade brutal por um homem de “bem”, como o cunhado Carlos, que lhe daria o *status* de mulher casada, e, por isso, será qualificada socialmente como respeitável.

Apesar disso, um *status* vazio dado por uma sociedade hipócrita e legitimado por um contrato de submissão não era o que Luz del Fuego queria. Inclusive, não hesitava em externar suas ideias contraventoras, não poupava críticas e deboches à Igreja ou ao modelo de família tradicional. Sobre virgindade, algo importantíssimo para “moças de família”, dizia: “a virgindade é um estorvo. Mais cedo ou mais tarde vou me livrar dela. Mas eu decido quando” (AGOSTINHO, 1994, p. 99). Para a sociedade patriarcal, a virgindade da mulher se constitui como uma moeda valiosa, e Luz não deixaria esse recurso ser usado por ninguém além dela mesma. Advogava por decidir o destino do próprio corpo e zombava do estereótipo da moça indefesa buscando o par ideal: “o mal das moças de Cachoeiro era acreditar em príncipes encantados. Elas deviam ler menos romances de Madame Delly e não bancar as santinhas” (AGOSTINHO, 1994, p. 87). Não se imaginava como uma esposa qualquer, em face dos exemplos de casamentos falidos/charlatões de suas próprias irmãs, e escandalizava pelo discurso antitradicional: “dizia preferir ser uma prostituta a posar de mulher séria, esposa e mãe, ao lado de dois canalhas iguais a eles” (AGOSTINHO, 1994, p. 112), referindo-se aos cunhados provindos de “boa família”, “homens de honra”, “tementes a Deus”, que não perdiam a oportunidade de assediá-la. Carlos, como já comentamos, que causou uma das internações de Luz em um hospício, era um reconhecido conquistador, que colecionava amantes por toda a cidade. A esposa, Angélica, sabia dos fatos, contudo, se fazia de cega. E, quando presenciou a infidelidade do marido, culpou a própria irmã lhe infringindo mais dor, pois era necessário abafar o assunto para manter as boas e falsas aparências. Típico do patriarcado: coerção, culpabilização, punição à mulher e isenção ao homem – o que também ocorreu a Medeia e Lilith, que foram demonizadas, enquanto Jasão e Adão foram isentos.

Luz del Fuego foi muitas vezes execrada, não obstante, nunca se manteve resignada. E, por sua personalidade nada convencional, imagina-se que naquele tempo nenhum homem a iria querer, menos ainda casar-se com ela. Entretanto,

contrariando as expectativas, os homens se aglomeravam para ter sua atenção: teve vários amantes e recebeu muitas propostas de casamento. Uma das pessoas que lhe propôs casamento foi José Mariano Carneiro da Cunha Neto, membro de uma das famílias mais célebres do Rio de Janeiro, proposta comprovada pelo diálogo:

— Se você for minha mulher, não terá de trabalhar nunca.
 Mais uma vez Mariano renovou sua proposta de casamento. Se aceitasse, ele oficializaria o pedido perante a família dela. Mais uma vez Dora repudiou a ideia.
 — Ouça, meu amor. Gosto de você e podemos até viver juntos. Mas não pretendo me casar. Não é por ter assinado um papel diante de um idiota fantasiado que lhe serei fiel. Meu coração é o verdadeiro documento de fidelidade (AGOSTINHO, 1994, p. 137).

A recusa do casamento não era por não acreditar no amor ou na união entre pessoas e sim porque acreditava que o casamento formal não faria da mulher uma esposa, faria dela uma refém: “sou pelo divórcio. Se o adotassem, talvez me casasse. Mas o casamento, da forma entre nós concebida, é contrato muito rígido para a volubilidade de nossos dias” (AGOSTINHO, 1994, p. 35). E Luz estava certa, já que o contrato de casamento impõe obrigações indelévels à mulher, como vimos na teoria de Wittig, enquanto o homem mantém sua liberdade e passa a possuir legalmente autoridade máxima sobre a sua esposa.

Além de não aquiescer a ideia de casamento, também não concordava que a mulher precisasse ser mãe e pensava que, por vezes, o aborto além de necessário era legítimo: “nasci em 21 de fevereiro de 1917. Nunca um aborto foi tão necessário! O aborto é ilegal, mas tantas vezes justificável. Infeliz da mãe que tem o filho sem cogitar sequer das condições em que vai criá-lo” (AGOSTINHO, 1994, p. 43). Recordemos que a mulher-pesadelo é tida como infanticida. O terror que o patriarcado tem do infanticídio se aplica também ao aborto. E, seguramente, o horror a tais práticas não se dá por uma motivação pró-vida, e sim por uma motivação pró-propriedade privada. Gerda Lerner assinala que o Estado (na Antiguidade) tomou precauções para que o feto/bebê fosse protegido sob risco de pena. Sobre um crime contra uma mulher grávida que acarrete um aborto, a pena poderia variar dependendo de quem seria o dono da mulher e, conseqüentemente, do bebê – quanto mais rico o proprietário, mais alta a punição. No caso de aborto autoinduzido, seria considerado crime contra o Estado, e a mulher teria que responder ao próprio rei. Contudo, não se

puniria abandono de bebê indesejado ou deficiente se ele fosse descartado por um homem, pai de família (LERNER, 2019).

Ainda que essas leis descritas por Lerner fossem vigentes na sociedade arcaica, hoje, em 2021, no Brasil, o aborto voluntário é crime descrito nos termos dos artigos 124, 126 e 128, I e II do Código Penal. O aborto não é passível de penalidade em três situações: caso a mulher tenha sido vítima de estupro comprovado; caso o feto tenha anencefalia; e caso a gravidez apresente risco de vida para a mãe. Assim, percebemos que o controle do corpo e da sexualidade feminil permanece até hoje como propriedade da civilização patriarcalista e do Estado: “desde 1250 a. C., a partir do uso de véu em público até a regulamentação de métodos contraceptivos e do aborto por parte do Estado, o controle sexual das mulheres é uma característica fundamental do poder patriarcal” (LERNER, 2019, p. 182).

Luz era uma mulher que lutava contra todo tipo de tartufismo por onde estivesse: “a hipocrisia, por conveniência e interesse, adoeceu o corpo e a alma da humanidade” (AGOSTINHO, 1994, p. 109). Ela acreditava que essa vida de aparência em que se pauta a Igreja e a família tradicional precisava ser dissipada. Voltou-se para questões mais essenciais da existência humana para elucidar as verdadeiras misérias a ser combatidas: “para a sede, temos água, para a fome, temos o pão, para a imoralidade, a nudez” (AGOSTINHO, 1994, p. 191). A nudez para Luz não era mero exibicionismo ou ferramenta para a luxúria. A nudez era libertação, enquanto a luxúria era alimentada pela vestimenta: “Glorita, a sedução não está na nudez – explicava. – Está nas roupas que vestimos” (AGOSTINHO, 1994, p. 139). Segundo Luz, o conservadorismo e as regras sociais tolgem a espontaneidade e a liberdade. Além de gerar preconceitos, impedem o progresso do ser humano:

Ridículas maneiras, preconceitos seculares que entravam o progresso dificultando a iniciativa. Ao homem, à mulher, o escravagismo de uma cega obediência a modelos que apenas servem para sufocar nossas ambições. Desde que não se prejudique o próximo, qualquer desejo deverá ser satisfeito (AGOSTINHO, 1994, p. 160).

Dora Vivacqua era uma vanguardista. Quando decidiu ser dançarina, escolheu o nome Luz Divina. Inicialmente, esse nome foi eleito para afrontar a sua mãe que sempre foi carola (que depois de viúva, voltou-se em definitivo à devoção religiosa, tornando-se freira, assumindo o hábito). Em seguida, a moça ganhou um batom vermelho encarnado que se chamava Luz del Fuego. E aí encontrou o seu verdadeiro

nome. Todavia, foi por meio de leituras e pesquisas que, involuntariamente, Luz encontrou-se com Lilith e Medeia:

O texto falava das mulheres da Macedônia, adeptas dos cultos de Orfeu e de Baco, que arrastavam, nas danças, serpentes enroladas em seus torsos, provocando espanto na assistência. Ficou em polvorosa com a descoberta. Quando chegou à casa de Nila contando o que pretendia, foi repreendida: — Dora, pare de invencionices. Você não está vendo que isso é pura mitologia?
— Se for, melhor. Serei a primeira mulher no mundo a dançar com cobras (AGOSTINHO, 1994, p. 146).

A última frase da citação anterior é bastante emblemática, pois podemos observar uma face do mito atingindo a concretude. Apelidada de Lilith brasileira, Luz del Fuego tornou-se um ícone. Fascinante e aterradora, ela dançava nua vestida apenas com cobras que deslizavam pelo seu corpo (Figura 10). Sem vergonhas, pudores ou medos, Luz encabeçou a luta pela iniciativa naturalista no Brasil. Em 1949, fundou o Partido Naturalista Brasileiro⁵³ (PNB) (Figura 11), que tinha como principais pautas a defesa da mulher, do divórcio e da prática nudista. Mas o partido não foi registrado formalmente por causa da oposição direta de seu irmão senador, Atilio Vivacqua. No entanto, em 1950, Luz, que já havia adquirido a Ilha Tapuama de Dentro, na Baía da Guanabara, transformou-a na “Ilha do Sol” e lá fundou o Clube Naturalista Brasileiro, que foi o primeiro clube de nudismo da América Latina. As atividades praticadas na Ilha do Sol envolviam: jogos de vôlei, natação e banhos de sol. A ilha obteve seu auge quando artistas hollywoodianos a visitaram, como: Ava Gardner, Errol Flynn, Tyrone Powel, Lana Turner, César Romero, Brigitte Bardot, Glenn Ford e Steve MacQueen. Seu pioneirismo no que se refere à causa naturalista foi tanto que o dia internacional em que se comemora o naturalismo é o dia de seu aniversário de nascimento, dia 21 de fevereiro.

⁵³ Em entrevista ao *Diário Carioca* (1º/1/50), Luz apresenta à sociedade os ideais de seu partido: “contra a realidade social, vestida e opressora, sem loucura, sem prostituição, sem penitenciárias, fundei o Partido Naturalista Brasileiro. Hoje, o PNB representa uma grande força política. Muitas pessoas me procuram, interessadas no programa do meu partido, já publicado de maneira esparsa pelos jornais. Devo destacar, no entanto, que os principais pontos são: defender a mulher, perseguida pelos preconceitos sociais; amparar os artistas em geral; fazer com que o governo estimule suas vocações, proporcionando-lhes meios de estudo e trabalho; divulgar as criações artísticas nacionais em geral, tanto no exterior como no território nacional; demonstrar e propagar a desnecessidade de certas peças da indumentária usada pelo nosso povo, com relação ao clima do país; defender o divórcio como medida moral; lutar pelo barateamento do custo de vida” (AGOSTINHO, 1994, p. 201).

Não obstante, seu pioneirismo não se resume ao naturalismo. Em um baile de Carnaval realizado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Luz choca ao se fantasiar de Noivinha Pistoleira (Figura 12) e dar tiros de revólver no teto do teatro para denunciar um caso de feminicídio da época. Em São Paulo, apareceu fantasiada de lemanjá no Viaduto do Chá para fazer uma divulgação de um novo *show*. Contudo, estava nua com cabelos e pelos tingidos de verde-esmeralda, o que trouxe alvoroço à grande metrópole. Além de fazer *shows* de dança, Luz atuou em diversas peças de teatro e protagonizou uma série de filmes, como “Folias Cariocas”, “A Nativa Solitária” e “Não Me Digas Adeus”. Escreveu os livros: *Trágico Black-Out* (Figura 13), publicado em 1947, que não obteve notável sucesso, pois contou com uma pequena tiragem (de aproximadamente mil exemplares) e não foi muito divulgado – para além, seu irmão, Atílio Vivacqua, comprou mais da metade dos volumes e os incinerou; *A Verdade Nua*⁵⁴, publicado em 1950, que era uma autobiografia e lá descrevia seus ideais naturalistas e vegetarianos, mas a edição foi apreendida por sua família; e *Rendez-vous das Serpentes*, que nunca foi terminado. Ademais dos filmes em que ela mesma atuou (Figura 9), Luz conta com um filme que carrega seu nome, porém foi protagonizado por Lucélia Santos e dirigido por David Neves, lançado em 1982 (Figura 14).

Mulher extemporânea, repudiava o preconceito: “num mundo que está progredindo dia a dia, os preconceitos continuam amarrados a um poste” (AGOSTINHO, 1994, p. 151). Inclusive, era ativista em causas como os direitos dos LGBTs, com quem convivia e apoiava. Segundo Agostinho, a primeira vez que um travesti se expõe à luz do sol sob o testemunho das ruas do Rio de Janeiro foi quando Gilda (Agildo, empregado de Luz) aparece em companhia de Luz no centro da cidade (AGOSTINHO, 1994). Karla Bessa, que analisa a figura de Luz del Fuego sob a representação dela no já mencionado filme *Luz del Fuego*, de David Neves (1982), apresenta uma série de apontamentos sobre a personagem. Uma de suas análises percebe Luz e Gilda/Agildo como corpos marginais, passíveis de violência, disponíveis a abusos e fetichizações:

⁵⁴ Segundo Bessa: “Em *A Verdade Nua*, Luz deixa claras suas predileções estéticas e morais, demonstrando uma formação intelectual ampla e vária, passando pela literatura, pela sexologia e pelas artes de modo geral. Como sua ênfase é demonstrar que sua capacidade de pensar está para além da ‘esquisita e ‘excêntrica’ dançarina, como os jornais teimavam em julgá-la, Luz utiliza-se de vários argumentos para elucidar sua filosofia de vida naturalista como plenamente razoável, moderna, saudável, culta e internacional. O livro que se pretende autobiográfico aproxima-se mais de um dispositivo literário-político, no qual expõe sua filosofia de vida” (BESSA, 2020, p. 35-36).

Sua irreverência se faz notar na tela tanto na liberdade de expor o corpo (nudez frontal, proibida pela censura até pouco tempo antes do lançamento do filme), quanto no modo como se defende de uma bárbara cena de estupro em uma de suas prisões, quando divide cela com vários homens. Um deles, Agildo (Marco Soares), acompanha a personagem de Luz por todo o restante da narrativa, sendo um amigo constante e fiel. A parceria Luz/Agildo funciona como uma aliança entre os diferentes tipos de corpos/vidas marginalizados, de um lado, uma vedete dos palcos e da vida, ateia, assumindo suas escolhas amorosas e sexuais e, de outro, um gay efeminado, negro, envolvido com a polícia de costumes. Ambos expostos à fúria e ambiguidade (misto de desejo e rejeição) com a qual a moral hegemônica lida com as sexualidades e modos de vida dissidentes. Ambos unidos pelas margens produzidas no jogo desigual das alteridades (BESSA, 2020, p. 13).

Luz del Fuego, mulher-pesadelo, mulher marginal, mulher destemida, buscou a liberdade cada instante de sua vida e acabou por tornar-se livre e independente desde quando fugiu de casa. E um dos campos em que expressava mais liberdade era a sua sexualidade: “Homem. Libido. Felicidade. Eis a vida” (AGOSTINHO, 1994, p. 184). Com essa afirmativa de Luz, reiteramos o caráter lascivo da mulher-pesadelo. De acordo com Roberto Sicuteri, a raiz *Lil* integra nomes de algumas divindades ou maus espíritos assírio-babilônicas como Enlil, Ninhil, Mulil, Anlil. A mesma raiz na Suméria e Oriente Médio teria associação a motivos eróticos: como libertinagem (*Lulu*) ou lascívia (*lulti*)⁵⁵. Na tradição acadiana e mesopotâmica, a raiz aparece nos nomes dos demônios noturnos Lilitu, Lilu. Na epopeia de Gilgamesh se apresenta o nome Lillake, “uma figura feminina demoníaca que habita dentro do tronco de um salgueiro, que era religiosamente guardado pela deusa Inanna, a Senhora do Céu, equivalente à nossa Vénus, deusa do amor e da guerra, análoga a Ishtar” (SICUTERI, 1987, s. p.). O nome Lilith, pelo viés da etimologia hebraica, se acerca de Layl, Laylah ou ainda lel ou lelath que significam “noite”, e exprimem o sentido de espírito noturno. Seja aonde for, a raiz do nome de Lilith expressa a sexualidade feminina desenfreada, noturna, misteriosa e monstruosa.

De modo igual, Medeia se insere no espectro da lascividade. Relembremos que a etimologia do nome de Medeia pode ser dotada de acepção sexual e que na Idade Média foi retratada na iconografia como a “Bela sentada sobre a Besta”. Medeia seria

⁵⁵ Roberto Sicuteri apresenta a seguinte fonte para a palavra *lulti*: JONES, Ernst. *Psicoanalise é Wincubo*. Roma: Newton Compton, 1978.

o próprio chamariz do mal, atraindo por meio de sua sedução demoníaca o homem indefeso. Na obra de Eurípedes, se diz que Medeia foi inflamada por Eros que é o deus grego do amor carnal e voraz, pai da própria volúpia. A lascívia da colquídia era tão devastadora que “o mundo nunca esqueceu a paixão de Medeia” (ROBLES, 2006, s. p.). E Luz, herdeira dessa paixão, nunca negou ou se envergonhou do magnetismo sexual que insurgia nas pessoas:

Afinal, uma verdadeira sedutora é ao mesmo tempo aquela que ganha o afeto de seus admiradores e os manipula ao seu bel prazer. Importante notar o quão potente é este domínio, tanto para a sobrevivência de Luz no âmbito material (trocas, favores), quanto para abertura de linhas de fuga de uma subjetividade rebelde que não se conforma ao destino que lhe estava reservado, no âmbito de uma família falocêntrica, heterormativa e monogâmica; tripé este que cria a expectativa de que, enquanto filha de uma família abastada venha cumprir o ideal da mulher-mãe, figura essa que assombra a personagem, como um corpo-memória que ela rejeita (BESSA, 2020, p. 09).

Como dito por Bessa, Luz del Fuego rompia o padrão estabelecido numa manobra rebelde. Ela entendia o jogo do patriarcado, flertava com ele, o seduzia e o provocava. Por isso, sua personalidade sempre despertava o interesse dos homens que amavam sua irreverência, no entanto, não viam a hora de tê-la domada: “homem nenhum lhe poria cabresto. Nem por amor ela se sujeitaria” (AGOSTINHO, 1994, p. 141). E, quando eles não tentavam domá-la pelo apelo afetivo, tentavam exigindo obediência por meio da chantagem financeira, contudo ela não se sentia nem um pouco obrigada a permanecer em um relacionamento por causa de dinheiro, comodidade, presentes ou medo da solidão:

— Vocês, homens, não prestam! Só porque pagam comida, roupa e casa, se acham no direito de cobrar a fidelidade da mulher. Enquanto isso se divertem lá fora. O meu preço é muito mais alto, meu querido. Mais do que os brilhantes que me deu. Não sou tão perdulária com meu amor a ponto de entregá-lo por ninharias. E amantes não me faltarão, tenho certeza (AGOSTINHO, 1994, p. 142).

Na citação anterior, podemos destacar uma questão importante sobre a condição da mulher: a vulnerabilidade do ser feminino numa sociedade patriarcal. Relembremos que quando Lilith fugiu, Deus pai mandou três anjos-capatazes para trazê-la de volta para seu dono, Adão. Quando Medeia estava por ser exilada de

Corinto, precisou implorar a Egeu que lhe desse asilo, pois sabia que se um homem lhe desse abrigo, outros não iriam lhe importunar ou perseguir. Ou seja, a mulher precisa estar debaixo de uma tutela patriarcal a todo custo. Seja de forma voluntária, seja de forma forçosa, a mulher não pode estar livre do jugo masculino jamais:

[...] a grande maioria de mulheres solteiras é, por definição, marginalizada e dependente da proteção de parentes homens. Isso se provou verdadeiro ao longo da história até meados do século XX no mundo ocidental, e hoje ainda é verdade na maioria dos países subdesenvolvidos. O grupo de mulheres independentes e autossuficientes que existe em toda sociedade é pequeno e, em geral, bastante vulnerável ao desastre econômico (LERNER, 2019, p. 265).

Entretanto, quando a mulher foge da tutela patriarcal familiar, é a vez do Estado controlar a besta. Luz del Fuego foi internada em hospitais psiquiátricos pela família duas vezes, e, segundo Lana e Rocha, no ano de 1953, Luz teria sido presa e processada por dirigir um carro conversível estando seminua. Por conseguinte, o Ministério Público teria requisitado que ela realizasse testes que comprovassem sua sanidade mental. Mais uma vez, a nudez (ou quase) de Luz escandalizava as pessoas de forma que a única explicação que a sociedade patriarcal via para tal comportamento era que fosse louca. Contra sua loucura, a intervenção misógina do Estado estava justificada:

Em julho de 1955, o Diário Carioca anunciava que Luz del Fuego seria internada por ser “louca presumível”. À Revista do Rádio, ela declarou: “Doido é quem me chama de louca!”. “– Mas esse negócio de internação no hospital não assusta você?”, indagou o repórter da revista. “– Qual, meu velho, não conseguirão! [...] para ser internada num hospício é preciso que toda a justiça brasileira fique doida primeiramente”, Luz del Fuego respondeu (DOIDO..., 1955, p. 26). Poucos meses depois, em setembro, o Correio da Manhã noticiava que ela havia sido absolvida (LANA; ROCHA, 2019, p. 11).

Dentro da questão da vulnerabilidade feminina, podemos ressaltar a pena sofrida por se sujeitar a proteção patriarcal. Luz diz, na última citação da biografia de Agostinho, que o homem compra a fidelidade da mulher por meio de tudo que lhe provê, contudo, não se sente na obrigação de lhe render igual fidelidade. Reiteremos o discurso de Medeia da obra de Eurípides que citamos na página 90: Medeia fala da dor de ser mulher por pagar para ter um homem que seja dono dela, e que quando ele se sentir entediado pode encontrar alento na companhia de quem desejar, no

entanto, a mulher está relegada a viver somente para sua casa, sua família, seu homem. Contudo, como elas são mulheres-pesadelo, não se rendem; mesmo que chantageadas, resistem. Luz, ainda que amasse os homens, desconfiava deles, e incentivava as mulheres a serem independentes e buscarem liberdade tanto financeira como emocional:

Homens! Até um mísero cão leproso é mais grato do que um homem. Se você dá comida a um cão e o acaricia, ele lhe abana a cauda. O homem, não. Tão logo obtém o que se deseja, sacode os ombros e se vai, em busca de mais uma trouxa, sempre a aguardá-lo com carinho. Façamos nossa independência financeira e sentimental. A mulher que se sustenta, sustenta a seus sonhos, concretiza seus ideais (AGOSTINHO, 1994, p. 175).

Luz não aceitava ser inferiorizada. Advogava pela insurgência feminina. Uma vez ou outra intercedia pelo revide: “se nós mulheres somos sempre consideradas seres inferiores a vocês, devemos aproveitar todas as oportunidades para rebaixá-los” (AGOSTINHO, 1994, p. 184). Assim como Lilith e Medeia, Luz, como mulher-pesadelo, abandona o ideal da docilidade feminina e encontra refrigério na vingança, ainda que ela não seja tão brutal ou poderosa quanto as nossas gárgulas mitológicas. Por seu comportamento confrontador, insolente e desaforado, sofreu muitos preconceitos. A Ilha, aos poucos, perdeu o público e se tornou o lugar de solidão e exílio. Então, cada vez mais, estava vulnerável e desprotegida. E quando precisava de ajuda de órgãos públicos de proteção, como a polícia, era ridicularizada: “— Desguie. Desguie, beleza. Quem mandou fazer ponto numa ilha?” (AGOSTINHO, 1994, p. 234).

Dessa forma, vemos a questão da vulnerabilidade feminina e a necessidade de se sujeitar a uma tutela por um outro viés: a isenção da proteção do Estado. Se uma mulher vive livre e não tem um homem com proprietário dela, tampouco o Estado, como curador dos interesses patriarcais, se obriga a exercer proteção a uma mulher que não obedece às normas de dominação varonil. Desse modo, a Ilha do Sol foi alvo de muitas invasões e assaltos que sempre encontravam negligência por parte da polícia e deboche por parte dos jornais (Figura 15). Quando foi reportado o desaparecimento de Luz e de seu caseiro, a polícia não se furtou a investigar prontamente, pois acreditava que seria um golpe midiático para algum espetáculo da

artista. No entanto, após de um telefonema recebido pelo repórter Mauro Dias, do jornal *O Dia*, o caso começou a ganhar notoriedade entre a polícia e a mídia.

Durante as investigações, descobriu-se que os assassinos já vinham ameaçando Luz por ela os ter denunciado, já que eles usavam dinamites para pescar. Porém, como a polícia a negligenciava deliberadamente, os assassinos Mozart e Alfredo não se sentiram desencorajados a praticarem o crime. No dia 19 de julho do ano de 1967, os irmãos pescadores Alfredo Teixeira Dias e Mozart Teixeira Dias roubaram o barco de Luz del Fuego na surdina. Em seguida, avisaram-na sobre o suposto roubo e se ofereceram para levá-la até onde estaria a sua nau. Luz entrou no barco dos irmãos e foi brutalmente executada a pauladas na cabeça, desferidas por Alfredo que usara um remo. Efetuado o assassinato, os irmãos retornaram à ilha para matar Edgar, o caseiro, e roubar tudo quanto foi possível da ilha:

Pegaram a baleeira que estava no galpão e levaram para água. Abriram a faca o ventre dos dois cadáveres e os amarraram juntos no fundo do pequeno barco. Depois encheram-no de pedras e manilhas e o rebocaram 400 metros fora para afundá-lo. Voltaram à ilha para o saque. Levaram o que puderam (AUDI apud LANA; ROCHA, 2019, p. 16).

Os assassinos foram capturados e, em confronto com a polícia, Mozart matou um policial com cinco tiros. E quando Mozart foi indagado por um jornalista se havia se arrependido por ter matado Luz del Fuego por causa de uma importância em dinheiro e bens tão irrisória, ele nem demorou a responder: “— de jeito nenhum. Aquela puta preferiu me escorraçar a receber os meus carinhos” (AGOSTINHO, 1994, p. 247). Ou seja, ele a matou não por vingança pelas denúncias que ela fez contra ele ou por ganância ao seu dinheiro: matou-a porque ela era uma mulher “disponível” e desprotegida que o rechaçou. Matou-a por ter seu orgulho de macho ferido. Como era uma mulher, sozinha e livre sexualmente, que não tinha proteção de ninguém (nem da família, nem de um marido, nem do Estado, nem da mídia), ela não poderia rejeitá-lo. Se uma mulher é vista pela sociedade patriarcal como disponível, então está à disposição para todos os homens que a desejem, ainda que ela não o queira. O patriarcado se dá o direito do domínio do corpo e da sexualidade feminina. Então, ainda que Luz tenha sido vítima de um assassinato brutal, ela é vista como a causadora de sua própria desgraça por não se subjugar a tutela patriarcal, por excitar o desejo dos homens, por não “se dar ao respeito”. Com isso, compreendemos que

Luz del Fuego foi vítima de feminicídio⁵⁶, pois a sua condição de mulher acarretou sua morte.

Durante as investigações, os corpos foram recuperados e devidamente sepultados. Luz del Fuego foi enterrada no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, sob holofotes. A sua família, assim como alguns artistas e amigos, compareceu ao enterro. Segundo Agostinho, Luz sempre proferia em entrevistas e entre amigos que deixaria seus bens para a Sociedade Protetora dos Animais, entretanto, não havia registro em testamento. Por conseguinte, seus parentes se digladiaram por seus bens:

Mesmo cientes da sua vontade, os irmãos não fizeram nenhuma doação àquele instituto. E disputaram a herança – o domínio útil da Ilha do Sol e a casa da Niemeyer – com o mesmo empenho com que combateram e ignoraram a irmã em vida. A falta de preconceito com relação aos bens materiais não impediu que procurassem, de todas as formas, apagar a sua memória (AGOSTINHO, 1994, p. 256-257).

A perseguição, o silenciamento e apagamento que Luz sofreu durante toda a sua vida foi notória. De acordo com Alves *et al.* (2016), Luz foi perseguida pela família desde os 15 anos, quando se emancipou deles. E, para evitar associação com a família, preferiu, por algum tempo, não revelar seu nome de batismo ou seu sobrenome. Todavia, como a família não desistia de persegui-la, passou a expor sua linhagem. “meu irmão, principalmente, vale-se do poder de senador, para impedir que eu me exhiba no Rio de Janeiro, em ‘boites’ ou teatros” (REVISTA DO RÁDIO apud ALVES *et al.*, 2016, p. 46, grifo dos autores). O irmão Attilio também foi o responsável pelo fato de o PNB nunca ter sido registrado devidamente e, como já comentamos, comprava os livros de autoria de Luz e os queimava, exterminando tudo o que podia sobre os ideais e sobre a vida da irmã.

Hoje, a família não mais se envergonha⁵⁷ de sua Luz. Segundo o Caderno D, os sobrinhos de Luz deram origem a um documentário dirigido por Ricardo Sá, o qual

⁵⁶ Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. A Lei considera que o assassinato seja feminicídio quando o crime é consequência de menosprezo e/ou discriminação à condição da vítima ser mulher, ou quando o crime ocorre envolvendo violência doméstica e/ou familiar.

⁵⁷ Um dos frutos do recente orgulho que a família Vivacqua externa pelo parentesco com Luz é a Dissertação de Mestrado de uma descendente sua que estuda duas cartas e um poema da nossa mulher-pesadela brasileira. O trabalho se intitula *Lúdico Blackout*: palavra poética e experiência psicoativa (BOARIN, 2019).

se intitula “Tia Dora”⁵⁸. Então, por mais que tivessem existido aqueles que a execravam, a silenciavam e a apagavam, existiam, existem e sempre existirão aqueles que lhe rendem homenagem. Um dos registros que buscou eternizar a figura de Luz foi o filme de David Neves, como já comentado, que foi analisado por Bessa. Através de seu artigo, pudemos ter acesso à intensão⁵⁹ dos escritores do roteiro de expressar sua admiração e respeito pela artista capixaba:

Agnaldo Silva e Joaquim Vaz de Carvalho (1982:50) terminaram o prefácio do livro/roteiro do filme *Luz del Fuego* com a seguinte reflexão: [...] neste final de século, já é possível dizer (como nós fazemos desde aquela época), sem causar espanto, que a última leva de prisioneiros políticos a ser anistiada é a dos que foram acusados dos chamados “crimes de costumes”; uma categoria na qual Dora Vivacqua, Luz del Fuego, essa mulher de muita raça e extrema coragem, se enquadrou, de modo perfeitamente lúcido e consciente, a vida inteira. Círculo, ilha, prisão: é dessa maneira que vale a pena lembrá-la - como uma guerrilheira contra a moral e os bons costumes. [...] Assim, deixamos bem claro como a queremos lembrada: como uma das figuras mais representativas de sua época; como uma mulher digna do maior respeito (BESSA, 2020, p. 5-6).

Luz continua a ser lembrada, amada e homenageada. Em 2020, no Carnaval em Vitória, capital do Espírito Santo, Estado natal de Dora, o mundo pôde assistir ao desfile das escolas de samba e uma delas reverenciava Luz. A escola Chega Mais enalteceu a artista capixaba com uma comissão de frente composta só de mulheres (Figura 16). E, segundo Silvana Rocha, a cidade natal de Luz, Cachoeiro de Itapemirim, vem demonstrando sinais de reconhecimento e resgate da memória da mulher-pesadelo Vivacqua:

Para ratificar o que foi dito anteriormente sobre Luz del Fuego, podemos citar uma caricatura imensa estendida, ao lado de outras personalidades cachoeirenses, em frente ao Palácio Bernardino Monteiro, sede da prefeitura, no Carnaval de 2009, como também o fato de ela ter sido tema de “Cobra criada”, vencedora do 4º concurso

⁵⁸ O curto documentário conta com a participação dos sobrinhos de Luz narrando como a família encarava o parentesco com ela e como hoje é compreendido. Também podemos assistir trechos de filmes de Luz, como *A Nativa Solitária* e *Luz Divina*, que possibilitam a indescritível emoção de ouvir a linda voz dessa linda mulher.

⁵⁹ “Embora os intentos dos roteiristas estejam claramente enunciados no livro, adianto que o filme é omissivo em nos revelar a guerrilheira na luta contra o moralismo. Ao produzir uma personagem marcada por um forte tom de excentricidade e histeria, o enredo mais reitera os julgamentos que a debilitaram ao longo de sua vida do que reforçam as camadas subjetivas e políticas de sua delirante (e talvez por isso mesmo tão potente) revolta (aparentemente) moral. O contexto de produção do Luz del Fuego filme esteve marcado por um forte legado de um cinema brasileiro de cunho erótico e machista, que tinha no sexo e na nudez seu grande apelo de sucesso de bilheteria” (BESSA, 2020, p. 6).

de Marchinhas de Cachoeiro de Itapemirim de 2015. Fato curioso, contudo, é um estêncil – onde se lê: “Luz del Fuego é de Cachoeiro” – que surgiu no final de 2014, exatamente na rua Consta Pereira, em frente à casa onde residiu a nossa personagem, e provavelmente no local onde o seu pai foi assassinado (ROCHA, 2016, p. 14).

Luz del Fuego (Figura 17 e 18) não era uma mulher como as outras. Ela propositalmente quebrava o ideário da mulher almejada e bem-quieta da sociedade patriarcal, onde quer que fosse. E, tal como Medeia e Lilith, assumiu os riscos de se contrapor a toda uma sociedade misógina. Padeceu, mas inspirou. E, com todo o esforço que existe para apagar o exemplo delas, geração pós geração, elas surgem e acendem o desejo de liberdade das mulheres que continuam presas e sem expectativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não se preocupe não, meu querido. Eu sou
uma Luz que não se apaga.*

Luz del Fuego

Iniciamos esta Dissertação com uma breve Introdução sobre o trabalho. Depois, nos debruçamos sobre o capítulo que se dedica a apresentar as personagens e as obras que foram aqui estudadas, bem como seus respectivos autores.

No terceiro capítulo, entendemos por meio de Gerda Lerner, Monique Wittig e Rosie Marie Muraro “Como o homem chegou ao Poder” e como se manteve nele até a contemporaneidade. Com Gerda Lerner, aprendemos como os ofícios e os sacrifícios masculinos e femininos, ao decorrer do tempo, em sua gama extensa de eventos, acabaram por prestigiar e elevar o homem e por inferiorizar e subjugar a mulher. Com Monique Wittig, compreendemos como a dialética homem *versus* mulher contribuiu para uma categorização do gênero feminino que resultou na redução do indivíduo mulher em apenas e nada mais que seu sexo. E a teoria de Rose Muraro serviu de apoio às autoras já citadas. Nessa costura de teorias, pudemos compreender como a cosmogonia serviu para consolidar o patriarcado e como os deuses machos contribuíram para que os homens dominassem a Terra.

No quarto capítulo, pudemos entender apoiados em Pierre Bourdieu e Jean Delumeau como a misoginia que existe desde a Antiguidade tomou proporções extremas na Idade Média e como se cristalizou até hoje. Vimos como Medeia, apesar de ter poderes quase ilimitados, foi reduzida a um degrau para alcançar os desejos de um homem medíocre; como Lilith se tornou fugitiva, assassina, exilada e demonizada, somente por querer ser um indivíduo; e como Luz del Fuego foi execrada, punida, perseguida, assediada, negligenciada e assassinada por lutar para fazer da sua vida o que ela queria.

Elas eram confrontadoras, sendo vistas até mesmo como violentas. Foram perseguidas, ameaçadas, exiladas, excluídas, punidas (direta ou indiretamente), representadas como não mulheres. Vivenciaram abandono, solidão. Por vezes, assassinas de crianças: Medeia dos próprios filhos, Lilith dos filhos de Eva, e Luz, por ser a favor da descriminalização do aborto – o que, em uma sociedade patriarcal, é uma prática tida como similar ao assassinato. Medeia, por amor, tenta se submeter, mas o jugo do patriarcado se mostra pesado demais e ela acaba se rebelando de

quando em quando em atos cíclicos e repetitivos; Lilith jamais cogita sua submissão; e Luz del Fuego morre se rebelando até o último instante.

Seus finais são trágicos. E precisam ser para que, na pior das hipóteses, o patriarcado as torne exemplos de desgraça e na melhor, sejam apagadas. A História, como a ciência controlada pelo patriarcado, tenta apagar a mulher, seja ela pesadelo ou não. Estamos no século XXI e não existe uma grande tradição de mulheres escritoras, cientistas, conquistadoras, heroínas. A História tenta a todo custo extinguir a imagem de personagens como Medeia, Lilith e Luz del Fuego – até porque o exemplo é prejudicial. Afinal, o mau exemplo ainda é um exemplo, então, é factível. Mas Luz, a exemplo da mulher-pesadelo no plano real, pagou com a vida. Vítima de um feminicídio grotesco, vítima da fúria masculina, ela incorporou as dores e os pesares das mulheres-pesadelo, em que uma mulher é morta pelo simples fato de ser mulher.

Portanto, concluímos que o arquétipo da mulher-pesadelo reaparece eventualmente, perpetuando o mito à revelia da História. Basta uma mulher se fartar dos padrões impostos e começar a reivindicar direitos, voz, singularidade, igualdade e liberdade. Reaparece quando uma mulher não se envergonha ou pede desculpas por seu corpo, seus pensamentos, suas palavras. Reaparece quando a mulher exige ser um indivíduo e não aceita ser adereço. E assim foram Medeia, Lilith e Luz del Fuego. Seja escancarando a hipocrisia, lutando, fugindo, se exilando e até mesmo morrendo, elas deixaram um legado e viveram nos corpos de muitas mulheres como: Leila Diniz, Martha Anderson, Ítala Andi e Darlene Glória, entre tantas outras, famosas ou não.

A História nunca conseguirá apagar, por definitivo, Medeia, Lilith e Luz del Fuego (sejam reais ou mitológicas) porque sempre outra representante desse arquétipo nascerá e lembrará ao mundo o gosto amargo que uma mulher-pesadelo provoca. Amargor esse que apura na boca da própria mulher-pesadelo. Ela, mais do que ninguém, conhece o sabor das consequências de sua contravenção.

*E quem morre hoje, nasce outro dia para viver
amanhã e sempre.*

Rita Lee

REFERÊNCIAS

Referências citadas:

AGOSTINHO, Cristina. **Luz del Fuego**: a bailarina do povo. São Paulo: Best Seller/Círculo do Livro, 1994.

ALBUQUERQUE, Bruno Pinto de. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental**. 2007. 96 f. Monografia (Trabalho de conclusão do curso de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Saúde) – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/monografia/13.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

ALEXANDER, Brooks; RUSSELL, Jeffrey B. **História da bruxaria**. Trad. Álvaro Cabral e William Lagos. São Paulo: Aleph, 2008.

ALVES, Carlos Jordan Lapa; FREITAS, Ana Carolina da Silva; COSTA, Marco Aurélio Borges da. Luz del Fuego: História, Poder e Política. **Revista Historiador**, n. 8, 2016. Disponível em: <https://revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/167/170>. Acesso em: 27 abr. 2021.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ARONOVICH, Lola. Prefácio. In: LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019, p. 19-25.

AZEVEDO, Cristiane de Almeida. A *Kléos* heróica como mecanismo de individuação do homem grego. **Hypnos**, São Paulo, n. 27, p. 327-335, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4586016/mod_resource/content/1/kl%C3%A9os.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

BARRETO, Ana Cristina Teixeira. **A Defensoria Pública como instrumento constitucional de defesa dos direitos da mulher em situação de violência doméstica, familiar e intrafamiliar**. 2007. 243 f. Dissertação (Mestrado em Direito Constitucional) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007. Disponível em: <https://www.sapili.org/livros/pt/cp041740.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2019

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

BARTRA, Roger. **El Salvaje en el espejo**. México, D. F.: Ediciones Era, 1992.

BAUDELAIRE, Charles. **Paraísos Artificiais**. Trad. Alexandre Ribondi, Vera Nobrega e Lúcia Nagib. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011. Disponível em: <https://letras->

lyrics.com.br/PDF/Charles-Baudelaire/go-Paraisos-artificiais.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Trad. Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BECK, Eleonore. **Eu Creio: pequeno Catecismo Católico**. Madrid: Editora Verbo Divino, 2004.

BENATTI, Luiz Roberto. Luz del Fuego completaria 98 anos se não tivesse sido assassinada na Ilha do Sol. **Catanduva não esquece: o povo de Catanduva não esquece nunca**. 2015. Disponível em: <https://catanduvanaoesquece.com/2015/10/06/luz-del-fuego-completaria-98-anos-se-nao-tivesse-sido-assassinada-na-ilha-do-sol/>. Acesso em: 12 maio 2021.

BESSA, Karla. Luz(es) del Fuego: rebeldia e feminismos. **Cadernos Pagu**, n. 60, p. 1-44, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n60/1809-4449-cpa-60-e206003.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Paulinas Editora, 2005.

BOARIN, Fernanda Vivacqua de Souza Galvão. **Lúdico Blackout**. palavra poética e experiência psicoativa. 2019. 194 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11311/1/fernandavivacquadesouzagalvaoboarain.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega (V. I)**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega (V. II)**. Petrópolis: Vozes, 1987a.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega (V. III)**. Petrópolis: Vozes, 1987b.

BULFINCH, Thomas. **O livro da Mitologia: A idade da Fábula**. Trad. Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2013.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHANTRAINE, Pierre *et al.* **Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots**. Paris: Édition Klincksieck, 1968.

CONGREVE, William. **The Mourning Bride**. A Tragedy: As it is Acted at the Theatre in Lincoln's-Inn-Fields, by His Majesty's Servants. London: Jacob Tonson, 1703. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=xrQNAAAQAAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=The+Mourning+Bride+william+co>

ngreve&ots=vdELXKkD9Z&sig=tuCTe1ejVMI_r3P0uVMRs9BCAts&redir_esc=y#v=onepage&q=The%20Mourning%20Bride%20william%20congreve&f=false. Acesso em: 27 abr. 2021.

CORINO, Luiz Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia Antiga: bissexualidade, mitos e verdades. **Biblos**, Rio Grande, n. 19, p. 19-24, 2006. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/249>. Acesso em: 02 ago. 2020.

CUNHA, Maria Clemente Pereira. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 97.

DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã. In: DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 310-349.

DEVER, William Gwinn. **Did God Have a Wife?** Archaeology and folk religion in ancient Israel. Cambridge: Eerdmans, 2005.

DINIZ, Fábio Gerônimo Mota. **A passagem do cetro**: aspectos dos personagens Hércules e Jasão na *Argonáutica* de Apolônio de Rodes. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara, Araraquara, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91537/diniz_fgm_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 25 nov. 2020.

EISENSTEIN, Judah David. O Alfabeto de Ben Sira. **Sefaria**. 2008. Disponível em: [http://www.sefaria.org/Otzar_Midrashim%2C_The_Aleph_Bet_of_ben_Sira%2C_The_Alphabet_of_ben_Sira%2C_\(alternative_version\).34?lang=bi&with=all&lang2=en](http://www.sefaria.org/Otzar_Midrashim%2C_The_Aleph_Bet_of_ben_Sira%2C_The_Alphabet_of_ben_Sira%2C_(alternative_version).34?lang=bi&with=all&lang2=en). Acesso em: 21 abr. 2019.

ESPÍRITO SANTO (Estado). A revolução do fogo. **Caderno D**: Revista de cultura do Diário Oficial do Espírito Santo. Vitória, ano VII, n. 38, p. 6-9, 2017. Disponível: <https://ioes.dio.es.gov.br/site/caderno-d>. Acesso em: 27 abr. 2021.

EURÍPIDES. **Medeia**. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2010.

FATURI, Fábio Rosa. **O Sanatório São José**: o poder e as práticas da psiquiatria em uma instituição privada – Porto Alegre/RS (1934-1954). 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139363/000989779.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 abr. 2021.

FRIDLIN, Jairo (org.). **Sidur completo com tradução e transliteração**. São Paulo: Sêfer, 1989.

GAINES, Janet Howe. Lilith. Seductress, heroine or murderer? **Bible History Daily**, 30 de outubro 2020. Disponível em: <https://www.biblicalarchaeology.org/daily/people-cultures-in-the-bible/people-in-the-bible/lilith/>. Acesso em: 01 set. 2020.

GIBRÁN, Khalil. **Lázaro y su amada**. Barcelona: Ramos-Majos, 1982.

GRAVES, Robert; PATAI, Raphael. **Los mitos hebreos**. Trad. Javier Sánchez García-Gutiérrez. Madrid: Alianza, 2018.

GUILLÉN, Claudio. **O sol dos desterrados**: literatura e exílio. Trad. Maria Fernanda Abreu. Lisboa: Editorial Teorema. 2005.

GUNNEWEG, Antonius Hermanus Josephus. **História de Israel**: dos primórdios até Bar Kochba e de Theodor Herzl até os nossos dias. São Paulo: Loyola, 2005.

HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. Trad. Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Trad. Alessandro Rolim de Moura. Curitiba: Segesta, 2012. Disponível em: <http://www.segestaeditora.com.br/download/ostrabalhoseosdias.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

IQBAL, Sajid. Samia Shahid “honour killing” death: Cleric “threat” claims over marriage. **BBC News**, [s. l.], 5 ago. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-england-leeds-36981662>. Acesso em: 21 abr. 2021.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. Trad. Araceli Elman. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

KLEIN, Ernest; RABIN, Hayim. **A comprehensive etymological dictionary of the Hebrew language for readers of English**. Tel Aviv: Carta Jerusalem, 1987.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**: o resgate do lado sombrio do feminino universal. Trad. Rubens Rusche. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

LANA, Lígia; ROCHA, Everardo. Luz del Fuego: celebridade, gênero e moralidade no Brasil. **E-Compós**, v. 23, p. 1-26, 2020. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1961>. Acesso em: 27 abr. 2021.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MAGALHÃES-RUETHER, Graça. Esta mulher pode salvar Sakineh. **Marie Claire**, [s. l.], 04 fev. 2011. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,EMI208424-17737,00-ESTA+MULHER+PODE+SALVAR+SAKINEH.html>. Acesso em: 21 abr. 2021.

MALANGA, Elaine Branco. **A Bíblia hebraica como obra aberta**: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005.

MENDONÇA, Rita. **Conservar e criar**: natureza, cultura e complexidade. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MURARO, Rose Marie. Breve Introdução Histórica. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 5-17. Disponível em: <http://meridianum.ufsc.br/files/2015/04/MURARO-Rose-Marie-Martelo-das-feiticeiras-Introduc%CC%A7a%CC%83o.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SOARES, Nana. A fuga eterna de quem sofreu violência doméstica. **Outras Palavras**. [s. l.], 22 fev. 2014. Disponível: <https://outraspalavras.net/sem-categoria/a-fuga-eterna-de-quem-sofreu-violencia-domestica/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

NISSAN, Ephraim. Concerning the Early Medieval Hebrew Pseudo-Sirach (Improperly: The Alphabet of Ben Sira) — the Life of Ben Sira and Its Mutually Exclusive Sequels — and Two Early Modern Latin Translations. **Rivista di Studi Indo-Mediterranei VI**. Bologna, p. 1-18, dez. 2016 Disponível em: http://kharabat.altervista.org/RSIM_2EPHR_The_Hebrew_Pseudo-Sirach_and_its_Latin_translations.pdf. Acesso em: 03 jan. 2021.

BBC.COM. Nós só queremos sobreviver: as irmãs sauditas que temem a pena de morte após fugirem do país. **BBC News Brasil**, [s. l.], 28 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47409110>. Acesso em: 21 abr. 2021.

PATAI, Raphael. **The hebrew goddess**. Detroit: Wayne State University Press, 1990.

PORTO, Janice Regina Rangel. **Violência contra a mulher**: expectativas de um acolhimento humanizado. 2004. 166 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4784>. Acesso em: 25 nov. 2020.

PEREIRA, Bruna dos Santos Beserra. **Entre a loucura e a norma**: mulheres internadas no Sanatório Pinel (São Paulo, 1929-1944). 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/19336/2/Bruna%20dos%20Santos%20Beserra%20Pereira.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.

QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência ou a literatura do exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RINNE, Olga. **Medeia**: a redenção do feminino sombrio como símbolo de dignidade e sabedoria. Trad. Margit Martincic e Daniel Camarinha da Silva. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**: o feminino através dos tempos. Trad. William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

ROCHA, Silvana Maria Gomes da. O silêncio a respeito de Luz del Fuego. **XIII Encontro Nacional de História Oral**. p. 1-17, 2016. Disponível em: https://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1461539388_ARQUIVO_OsilencioarespeitodeLuzdelFuego3.pdf. Acesso em: 27 abr. 2021.

SANTOS, Elaine Cristina Prado dos. Apresentação. In: BULFINCH, Thomas. **O livro da Mitologia**: A idade da Fábula. Trad. Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2013.

SCOTTINI, Alfredo. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Blumenau: Todo livro Editora, 2017.

SICUTERI, Roberto. **Lilith**: A Lua Negra. Trad. Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TEIXEIRA, Marcionila. Mulheres adotam estratégias para escapar da violência doméstica durante isolamento social. **Diário de Pernambuco**. Recife, 07 abr. 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/04/mulheres-adotam-estrategias-para-escapar-da-violencia-domestica-durant.html>. Acesso em: 21 abr. 2021.

TIA Dora. Produção de Ricardo Sá. Vimeo. Espírito Santos, 2017. 1 vídeo *on-line* (15 min). Disponível em: <https://vimeo.com/204061890>. Acesso em: 27 abr. 2021.

TOMPSON, Rafaela. Cachoeirense Luz del Fuego é homenageada no Carnaval de Vitória. **Aquinoicias.com**, 2020. Disponível em: <https://www.aquinoicias.com/2020/02/cachoeirense-luz-del-fuego-e-homenageada-no-carnaval-de-vitoria/>. Acesso em: 12 maio 2021.

WITTIG, Monique. La categoría de sexo. In: WITTIG, Monique. **El pensamiento hetesexual y otros ensayos**. Trad. Javier Sáez e Paco Vidarte. 2. ed. Madrid: Egales, 2006. p. 21-29.

Referências consultadas:

ARRIAGA FLÓREZ, Mercedes. **Isotta Nogarola** ¿Quién pecó más, Adán o Eva? Sevilla: Arcibel Editores, 2013.

BADINTER, Elisabeth. **O que é uma mulher?** Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

BARTRA, Roger. **El salvaje artificial**. Barcelona: Ediciones Destino, 1997.

BIGGS, Mark Wayne. **The case for Lilith**: 23 Biblical Evidences Identifying the Serpent as Adam's First Failed Wife in Genesis. Londres: Samson Books, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **Mitos, Sonhos e Religião**. Trad. Angela Lobo de Andrade e Bali Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies através da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela sobrevivência**. Trad. Ana Afonso. Leça da Palmeira: Planeta vivo, 2009.

DUBY, Georges. **As damas do século XII**. Trad. Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS – FGV; CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC. Verbete biográfico. **Atílio Vivacqua**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vivacqua-atilio>. Acesso em: 06 maio 2021.

FLORESTA, Nísia. **Direito das mulheres e injustiça dos homens**. Introdução, notas e posfácio de Constância Lima Duarte. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Trad. Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques; POUTHIER, Jean-Luc. **O Deus da Idade Média**. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUAL, Carlos García. **Los orígenes de la novela**. 2. ed. Madrid: Ediciones ISTMO, 1988.

MANSO, Juana Paula. Biblioteca Nacional Digital Brasil. **Jornal das Senhoras**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&Pesq=a+mulher&pagfis=1>. Acesso em: 25 mar. 2019.

RODRIGUES, Paula Cristina Pontes. Protofeminismo no Renascimento Italiano pela pena de Isotta Nogarola. **Historiæ**, n. 8, v. 2, p. 239-251, 2017.

ROVERE, Maxime. **Arqueofeminismo: mulheres filósofas e filósofos feministas séculos XVII-XVIII**. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SÁNCHEZ, Ana Ruiz. Desterritorialización y literatura. Literaturas de exilio y migración en la era de la globalización. **Migraciones y Exilios**, n. 6, p. 101-112, 2005.

SANTOS, Estilaque Ferreira. **História da Câmara Municipal de Vitória: os atos e as atas**. Vitória: Câmara Municipal de Vitória, 2014.

SCOLFORO, Jória Motta. Luz del Fuego: trajetória e liberdade da mulher que marcou época. **Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, n. 7, v. 4, p. 188-191, 2020. Disponível: <https://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/29375/25389>. Acesso em: 27 abr. 2021.

VACARO, Juliana Suckow. **A Construção do moderno e da loucura: Mulheres no Sanatório Pinel de Pirituba (1929-1944)**. 2011. 63 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-31102011-103753/publico/2011_JulianaSuckowVacaro.pdf. Acesso em: 27 abr. 2021.

WILLIAM, Raymond. **Palabras clave: un vocabulario de la cultura y la sociedad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Trad. Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

ANEXOS – FOTOS SOBRE A VIDA E A PESSOA DE LUZ DEL FUEGO

Figura 1 – Família Vivacqua⁶⁰



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 2 – Ficha de inscrição do Clube Naturalista Brasileiro

Nº 202		Nº 202
Cr\$ _____	Registrado sob o nº 3517	<i>Clube Naturalista Brasileiro</i>
O Sr. _____	Membro da International Naturalist Federation	Presidente: Luz del Fuego
pegou a quantia de Cr\$ _____	Recebi do Sr. _____	Av. Niemeyer, 146 • Tel. 27-1100 • Rio de Janeiro • Brasil
proveniente à Jôia e mensa- lidade do mês _____	a quantia de Cr\$ _____ (_____) proveniente à Jôia e mensalidade do mês de _____ de 195	
Rio, de _____	Para clarese assim o presente Recibo devidamente selado	
de 195	Rio de Janeiro, de _____ de 195	
	Presidente _____	Secretário _____

Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

⁶⁰ Fotografia da família Vivacqua em 1923. Da esquerda para a direita, em pé: Abgail, Edelmira, Mariquinhas, Angélica, Filomena, Margarida e Antônio Filho. Da esquerda para a direita, sentados: Attilio, Etelvina, Antônio Vivacqua, Archilau, Achilles. Da esquerda para a direita, as crianças sentadas no chão: Eunice, Cléa, Archimedes, Zezito e Dora (Luz del Fuego).

Figura 1 – O belíssimo rosto de Luz del Fuego



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 2 – Luz del Fuego (à direita), então com 8 anos, fantasiada para o Carnaval em Cachoeiro de Itapemirim



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 3 – Recibo de pagamento da internação de Luz del Fuego (então com 19 anos de idade) no hospital psiquiátrico em Belo Horizonte

INSTITUTO RAUL SOARES
BELO - HORIZONTE

O sr. *W. S. S. S.*
rua _____

Pagou:

dias de pensão de classe *A* do sr. *W. S. S. S.*
para Luz del Fuego

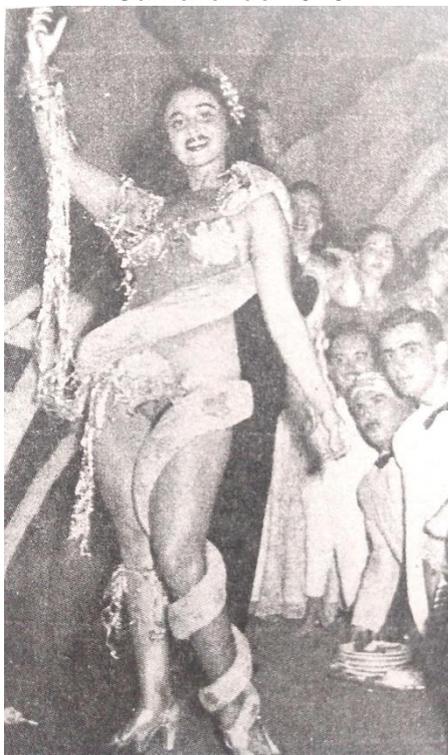
internado neste Instituto	5.258.000
Guia e selos	8
Medicamentos	8
Exames de laboratório	8
	8
	8
	8
Soma	5 58 000

Belo - Horizonte, *5* de *11* de 1926

J. S. S. Economo - almoxarife,
Manoel

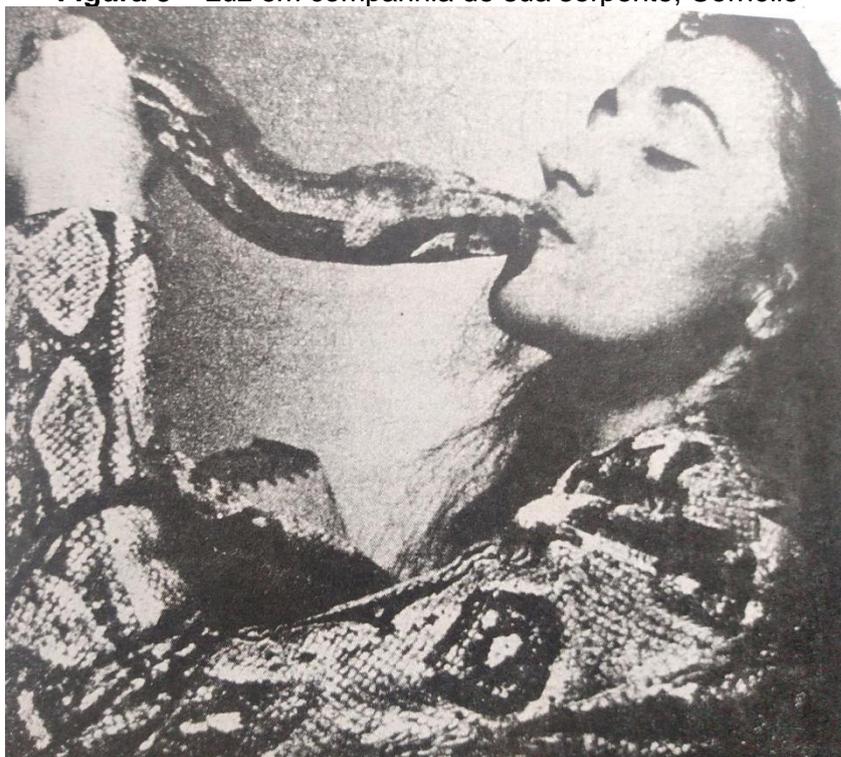
Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 4 – Luz fantasiada de Eva, chegando ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no Carnaval de 1948



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 5 – Luz em companhia de sua serpente, Cornélio



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 6 – Luz fantasiada de “Grande Dama”, no Carnaval carioca nos anos 1950



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 7 – Fotografia de uma cena de um dos filmes em que Luz atuou



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 8 – Luz del Fuego com uma de suas cobras



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 11 – Luz como candidata a deputada pelo Partido Naturalista Brasileiro (PNB)



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 12 – Luz fantasiada de “Noivinha Pistoleira” no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, no Carnaval de 1952



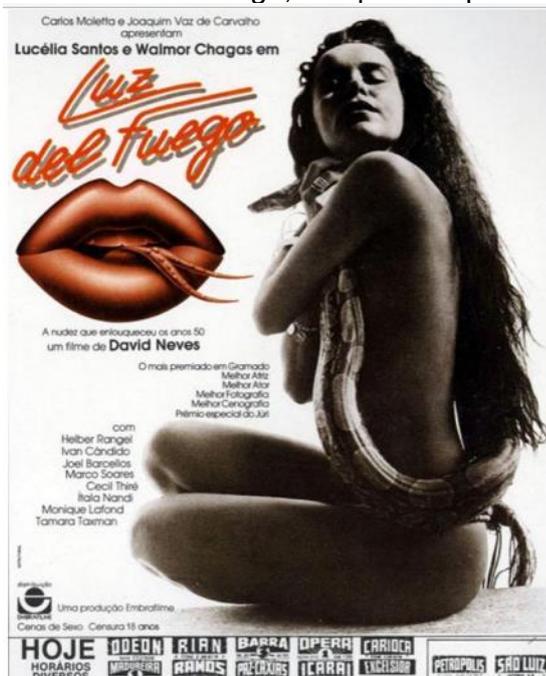
Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 9 – Capa do romance escrito por Luz: *Trágico Black-out*, publicado em 1947



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 10 – Filme *Luz del Fuego*, interpretado por Lucélia Santos



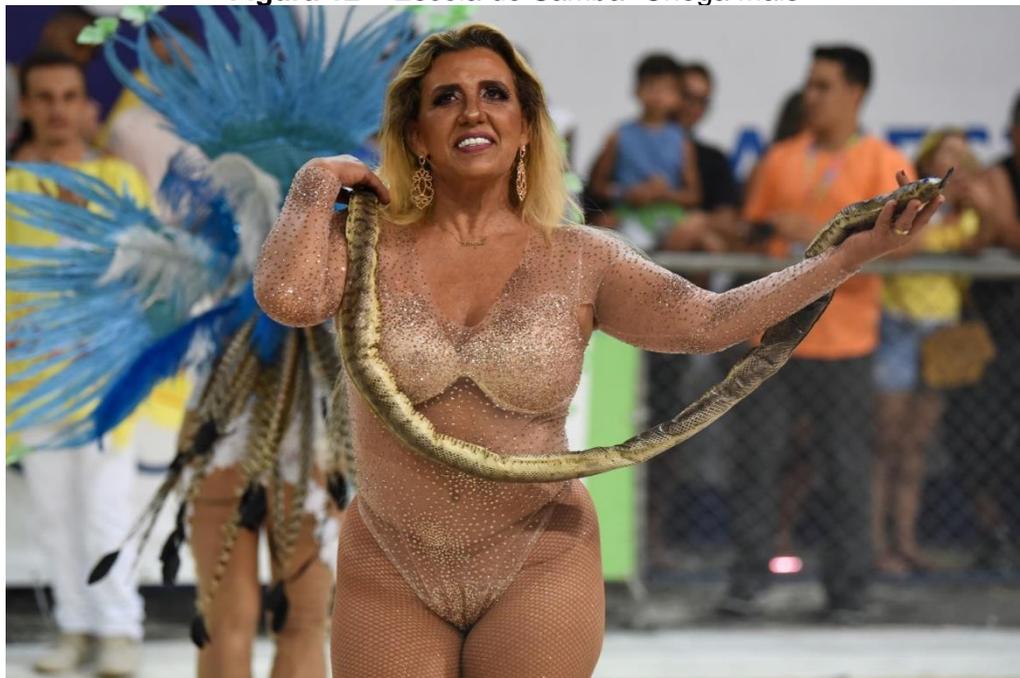
Fonte: Bessa (2020, p. 04).

Figura 11 – Charge “Roubo na Ilha do Sol”



Fonte: Lana e Rocha (2019, p. 15).

Figura 12 – Escola de Samba “Chega Mais”



Fonte: Tompson (2020, s. p.).

Figura 13 – Luz repousando da Ilha do Sol



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).

Figura 14 – Luz, então com 50 anos, pouco antes de sua morte



Fonte: Agostinho (1994, s. p.).